

MARGARIDA PAULA ADRIÃO NUNES POLICARPO

Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial

Domínio Cognitivo e Motor

**INCLUINDO ALUNOS COM DÉFICE COGNITIVO NA
SALA DE AULA, ATRAVÉS DAS APRENDIZAGENS
ACADÉMICAS E SOCIAIS**

Trabalho de Projecto elaborado para a obtenção do grau de
Mestre em Ciências de Educação, Educação Especial: Domínio
Cognitivo e Motor.

Orientadora: Professora Doutora Isabel Sanches

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

Dezembro de 2010

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que foram meus professores,
à minha família, em especial ao
meu marido e ao meu filho Henrique.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, pela paciência, carinho, incentivo e apoio para realizar o Mestrado em Educação Especial.

Ao meu filho que aceitou a minha falta de tempo, para o acompanhar na sua vida escolar e pessoal.

À Professora Doutora Isabel Sanches, por me ter acompanhado nesta caminhada e orientado ao longo deste trabalho.

Aos Professores que me transmitiram os seus saberes no Mestrado em Educação Especial.

Ao Órgão de Gestão da escola que me autorizaram e colaboraram na execução desta dissertação.

A todos os professores que se disponibilizaram a ser entrevistados e dispuseram do seu tempo para partilharem saberes e experiências de trabalho.

Ao Professor Paulo, por me ter recebido, de forma afável, na sua sala de aula.

Às famílias e alunos que prontamente aderiram a esta intervenção e que colaboraram para que esta se realizasse.

A todos muito obrigada.

RESUMO

O presente Trabalho de Projecto teve como finalidade potenciar o desenvolvimento de competências académicas ao nível da Língua Portuguesa, associadas ao desenvolvimento das Competências Sociais, numa turma de 2º e 3ºanos, do 1º ciclo, inserida numa escola do Distrito de Portalegre.

Partindo do pressuposto que se trata de um projecto que assenta nas premissas da investigação- acção, procurou-se fazer a caracterização do contexto educativo, em particular de uma turma, incluindo uma aluna com défice cognitivo, fazendo o levantamento das metodologias, das estratégias adoptadas e as implicações que a inclusão desses alunos reveste no processo de ensino-aprendizagem.

Tendo como quadro conceptual de referência a perspectiva inclusiva de Todos os alunos, implementou-se um conjunto de actividades na área da Língua Portuguesa e das Competências Sociais, através do trabalho de cooperação e de uma pedagogia de diferenciação pedagógica inclusiva.

As estratégias e os conteúdos adoptados, com valores inerentes à cidadania e ao respeito pelos outros, permitiram dar resposta a uma turma que apresentava alunos com limitações, ao nível da leitura e da escrita e nos relacionamentos, incluindo a aluna com défice cognitivo e potencializando as capacidades de cada aluno.

Como principal conclusão, após análise e reflexão dos resultados, constatámos que os alunos com incapacidades intelectuais evidenciam melhores resultados quando inseridos na sala de aula, socializando as aprendizagens.

Palavras-chave – Inclusão, aprendizagem cooperativa, diferenciação pedagógica inclusiva, deficiência mental, competências sociais, investigação - acção

ABSTRACT

This project work aims at boosting the development of academic skills at the level of the Portuguese language, linked to the development of Social Skills, a class of 2nd and 3rd year of a cycle, set in a school in the District of Portalegre.

Assuming that this is a project based on the premise of action research, we tried to make the characterization of the learning environment, in particular a class, including a student with cognitive impairment, making the survey of the methodologies, strategies adopted and the implications that the inclusion of these students takes the process of teaching and learning.

Having the conceptual framework of reference to the inclusive perspective of all students, implemented a set of activities in the Portuguese language and social skills through cooperative work and pedagogy of inclusive pedagogical differentiation. The strategies adopted and content, with values inherent in citizenship and respect for others, allowed to respond to a class that had students with limitations in the reading and writing skills and relationships, including the student with cognitive impairment and leveraging the capabilities of each student.

The main conclusion, after analysis and reflection of the results, we found that students with intellectual disabilities showed better results when inserted in the classroom, promoting their learning.

Key-words - Inclusion, cooperative learning, differentiation inclusive teaching, learning disabilities, social skills, research - action

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE QUADROS.....	7
ÍNDICE DE ANEXOS.....	7
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	13
1.1. EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	13
1.1.1. Aprendizagem cooperativa.....	15
1.1.2. Diferenciação Pedagógica inclusiva.....	17
1.2. DEFICIÊNCIA MENTAL.....	19
1.2.1. Graus e características da Deficiência Mental.....	22
1.2.2. Etiologia.....	23
1.2.3. Implicações educacionais.....	24
1.2.4. Desenvolvimento social e Competências sociais.....	26
CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	28
2.1. CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO.....	28
2.2. PROBLEMÁTICA E QUESTÃO DE PARTIDA.....	30
2.3. OBJECTIVOS GERAIS DO TRABALHO DE PROJECTO.....	31
2.4. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA DE DADOS.....	31
2.4.1. Sociometria.....	32
2.4.2. Entrevista.....	33
2.4.3. Observação naturalista.....	34
2.4.4. Pesquisa documental.....	35
2.5. PROCEDIMENTOS PARA A RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS.....	36
2.5.1. Sociometria.....	36
2.5.2. Entrevista.....	37
2.5.3. Observação naturalista.....	38
2.5.4. Análise documental.....	40
CAPÍTULO III - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO INICIAL EM QUE SE INTERVEIO E DOS CONTEXTOS EM QUE A MESMA SE INSERE.....	41
3.1. O CONTEXTO ESCOLAR.....	41
3.1.1. Espaços físicos e logísticos.....	42
3.1.2. Recursos humanos.....	42
3.1.3. Dinâmica educativa.....	42
3.1.4. Preocupações explícitas para a dinamização de uma escola de sucesso para todos e com todos.....	45
3.2. O GRUPO/A TURMA.....	46
3.2.1. Caracterização estrutural.....	46
3.2.2. Caracterização dinâmica.....	47
3.2.2.1. Interações dos alunos.....	47
3.2.2.2. Competências/ aprendizagens.....	49
3.2.3. Casos específicos do grupo/da turma.....	49
3.2.3.1. História compreensiva da Mariana: Pessoal, clínica, familiar, social e escolar.....	50
3.2.3.2. Caracterização do percurso escolar / Nível Actual de competências.....	51

CAPÍTULO IV - PLANO DE ACÇÃO	54
4.1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	54
4.2. PLANIFICAÇÃO, REALIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO	55
4.2.1. <i>Planificação Global da Intervenção</i>	56
4.2.2. <i>Planificação, Intervenção, avaliação e reflexão a curto prazo - semanal</i>	60
4.2.2.1. A nível do grupo e do/s aluno/s "caso"	61
4.2.2.2. A nível da família	103
4.3. AVALIAÇÃO GLOBAL	106
4.3.1. A nível do grupo e do/s aluno/s "caso"	106
Competências Académicas	106
Competências Sociais	110
4.3.2. <i>Parceria Pedagógica</i>	115
4.3.3. A nível da família	116
4.3.3. A nível do contexto escolar	117
REFLEXÕES CONCLUSIVAS	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
ANEXOS	127

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 - CLASSIFICAÇÃO DA DEFICIÊNCIA MENTAL	22
QUADRO 2 – PROGRAMAÇÃO A LONGO PRAZO: CONTEXTO SALA DE AULA	57
QUADRO 3 – PROGRAMAÇÃO A LONGO PRAZO: CONTEXTO FAMILIAR	59
QUADRO 4 - COMPETÊNCIAS ACADÉMICAS DESENVOLVIDAS	108
QUADRO 5 - COMPETÊNCIAS SOCIAIS DESENVOLVIDAS	114

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 - TESTE SOCIOMÉTRICO	128
ANEXO 2 - MATRIZ SOCIOMÉTRICA - ESCOLHAS	129
ANEXO 3 - MATRIZ SOCIOMÉTRICA – REJEIÇÕES	130
ANEXO 4 - GUIÃO DA 1ª ENTREVISTA AO PROFESSOR DO GRUPO/TURMA	131
TEMÁTICA: OBJECTIVOS DA ENTREVISTA	131
ANEXO 5 - PROTOCOLO DA 1ª ENTREVISTA AO PROFESSOR TITULAR DE TURMA	132
ANEXO 6 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO	135

ANEXO 7 - GUIÃO DA 1ª ENTREVISTA À ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO	139
ANEXO 8 - PROTOCOLO DA 1ª ENTREVISTA À ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO	140
ANEXO 9 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	142
ANEXO 10 - PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA	145
ANEXO 11 - ANÁLISE DO PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA (OBSERVAÇÃO DO PROFESSOR).....	151
ANEXO 11.1 - OBSERVAÇÃO NATURALISTA DA TURMA.....	153
ANEXO 11.2. - OBSERVAÇÃO NATURALISTA DA “MARIANA”	154
ANEXO 12 - FICHA DE ANÁLISE DOCUMENTAL	155
ANEXO 13 – RELATÓRIO TÉCNICO PEDAGÓGICO, JUNHO DE 2009.....	161
ANEXO 14- FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DA ACTIVIDADE - SESSÕES 1 E 2.....	165
ANEXO 15- GRELHA DE AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS - SESSÕES 1 E 2.....	166
ANEXO 16- GRELHA DE AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS - SESSÕES 3 E 4.....	167
ANEXO 17- FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DA ACTIVIDADE - SESSÕES 5 E 6.....	168
ANEXO 18- ANÁLISE DA FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS - SESSÕES 5 E 6.....	169
ANEXO 19- GRELHA DE AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS - SESSÕES 5 E 6.....	170
ANEXO 20- FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE GRUPO	171
ANEXO 21- ANÁLISE DA FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE GRUPO - SESSÕES 5 E 6.....	172
ANEXO 22 - GRELHA DE COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS EM TRABALHO DE GRUPO - SESSÕES 5 E 6.....	173
ANEXO 23- GRELHA DE AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS - SESSÕES 7 E 8.....	174
ANEXO 24- ANÁLISE DA FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS - SESSÕES 7 E 8.....	175
ANEXO 25- FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DA ACTIVIDADE - SESSÕES 9 E 10.....	176
ANEXO 26- GRELHA DE AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS - SESSÕES 9 E 10.....	177
ANEXO 27- FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DA ACTIVIDADE - SESSÕES 11 E 12.....	178
ANEXO 28- ANÁLISE DA FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS - SESSÕES 11 E 12.....	179
ANEXO 29- GRELHA DE COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS - SESSÕES 11 E 12.....	180
ANEXO 30- FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DO TRABALHO EM GRUPO- SESSÕES 11 E 12.....	181
ANEXO 31- ANÁLISE DA FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE GRUPO - SESSÕES 11 E 12	182
ANEXO 32- GRELHA DE COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS EM TRABALHO DE GRUPO - SESSÕES 11 E 12.....	183
ANEXO 33- FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DA ACTIVIDADE - SESSÕES 13 E 14.....	184
ANEXO 34- GRELHA DE COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS - SESSÕES 13 E 14.....	185
ANEXO 35- GRELHA DE COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS EM TRABALHO DE GRUPO - SESSÕES 13 E 14.....	186
ANEXO 36- GRELHA DE COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS - SESSÕES 15 E 16.....	187
ANEXO 37- GRELHA DE COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS - SESSÕES 17,18 E 19.....	188
ANEXO 38- FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DA ACTIVIDADE - SESSÕES 20 E 21.....	189

ANEXO 39- ANÁLISE DA FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS - SESSÕES 20 E 21	190
ANEXO 40- GRELHA DE COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS - SESSÕES 20 E 21.....	191
ANEXO 41- FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DA ACTIVIDADE - SESSÕES 22 E 23.....	192
ANEXO 42- ANÁLISE DA FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DOS ALUNOS - SESSÕES 22 E 23 ..	193
ANEXO 43- GRELHA DE AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS - SESSÕES 22 E 23.....	194
ANEXO 44- FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DA ACTIVIDADE - SESSÕES 24 E 25.....	195
ANEXO 45- ANÁLISE DA FICHA DE AUTO AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS - SESSÕES 24 E 25.....	196
ANEXO 46- GRELHA DE COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS - SESSÕES 24 E 25.....	197
ANEXO 47 - 1ª INTERVENÇÃO COM A FAMÍLIA.....	198
ANEXO 48 - 2ª INTERVENÇÃO COM A FAMÍLIA.....	199
ANEXO 49 - 3ª INTERVENÇÃO COM A FAMÍLIA.....	200
ANEXO 50 - 4ª INTERVENÇÃO COM A FAMÍLIA.....	201
ANEXO 51 - 5ª INTERVENÇÃO COM A FAMÍLIA.....	202
ANEXO 52 - 6ª INTERVENÇÃO COM A FAMÍLIA.....	203
ANEXO 53 - GUIÃO DE ENTREVISTA AO PROFESSOR TITULAR DE TURMA	204
ANEXO 54 - PROTOCOLO DA ENTREVISTA AO PROFESSOR TITULAR DE TURMA	205
ANEXO 56 GUIÃO DE ENTREVISTA À ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO.....	207
ANEXO 57- PROTOCOLO DA ENTREVISTA À ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO	208
ANEXO 58 GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	209
ANEXO 59 MATRIZ SOCIOMÉTRICA - ESCOLHAS.....	210
ANEXO 60 MATRIZ SOCIOMÉTRICA – REJEIÇÕES.....	211
ANEXO - 61- MATERIAIS CONSTRUÍDOS AO LONGO DAS DIFERENTES SESSÕES.....	212
SESSÕES 3 E 4 - À DESCOBERTA DO TÍTULO.....	213
SESSÕES 3 E 4 - FICHA DE TRABALHO- 2º ANO.....	214
SESSÕES 3 E 4 - FICHA DE TRABALHO.....	215
SESSÕES 3 E 4 - FICHA DE TRABALHO.....	216
SESSÕES 3 E 4 - FICHA DE TRABALHO - SOPA DE LETRAS.....	217
SESSÕES 3 E 4 - FICHA DE TRABALHO.....	218
SESSÃO 5 - FICHA DE TRABALHO - 2ºANO	219
SESSÃO 5 - FICHA DE TRABALHO 3º ANO	221
SESSÃO 6 - FICHA INFORMATIVA.....	224
SESSÃO 6 - FICHAS DE TRABALHO - COMO ORGANIZAR UMA FESTA	226
SESSÃO 7 - PORTEFÓLIO - QUEM SOU EU?	228
SESSÃO 8 - TEXTO DE APOIO - POESIA	229
SESSÃO 8 - FICHA DE TRABALHO 2ºANO	230
SESSÃO 9 - GUIÃO DE TRABALHO - 2º ANO	231
SESSÃO 9 - GUIÃO DE TRABALHO SOBRE A HISTÓRIA - 3ºANO.....	233
SESSÃO 11- GUIÃO DE LEITURA - COMPLETAÇÃO DE ESPAÇOS.....	235

SESSÃO 12 - TESTE DE VERIFICAÇÃO DE LEITURA.....	237
SESSÃO 13 - GUIÃO DE TRABALHO.....	239
SESSÃO 15 - GUIÃO DE LEITURA.....	242
SESSÃO 16 - CARTÕES DE RIMAS ILUSTRADOS.....	245
SESSÃO 17 - FICHA DE TRABALHO.....	246
SESSÃO 19 - POESIA PARA COMPLETAR.....	248
SESSÕES 20 E 21 - FICHA DE TRABALHO.....	249
SESSÕES 20 E 21 - PRODUÇÃO ESCRITA.....	250
SESSÕES 20 E 21 - FICHA DE ADIVINHAS	251
SESSÕES 20 E 21 - FICHA DE PROVÉRBIOS	252
SESSÕES 20 E 21 - FICHA DE PROVÉRBIOS	253
SESSÃO 22 - FICHA DE LEITURA E REGISTO.....	254
SESSÃO 22 - FICHA DE LEITURA E REGISTO.....	255
ANEXO 62- FOTOS DO TRABALHO DE INTERVENÇÃO.....	256
SESSÕES 1 E 2.....	257
SESSÕES 3 E 4.....	258
SESSÕES 11 E 12.....	259
SESSÕES 20 E 21.....	260
SESSÕES 22 E 23.....	261
SESSÕES 24 E 25.....	263

INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se no âmbito do Mestrado em Educação Especial, Domínio Cognitivo e Motor e surge das minhas preocupações profissionais, enquanto professora de Educação Especial, com crianças e adolescentes que manifestam défice cognitivo, nomeadamente ao nível das aprendizagens básicas da leitura-escrita e comportamentos sociais.

Ao longo do tempo, como professora de Educação Especial, fomos observando as repercussões dessas dificuldades na área afectiva (dos alunos e dos seus pais), bem como em aspectos comportamentais e na progressão escolar destes alunos, pelo que pretendemos contribuir para a minimização destes conflitos internos e encontrar respostas adequadas às dificuldades sentidas, por todos os responsáveis pelas respostas educativas.

Numa escola cujo Projecto Educativo faz apelo à inclusão e a todos os princípios consignados na Declaração de Salamanca, parece-nos fundamental que este princípio de operacionalize, de forma eficaz na escola.

Pretendeu-se com esta intervenção, baseada na educação inclusiva, que as aprendizagens realizadas fossem feitas com os pares, com a mediação dos professores, da turma e de educação especial, através da parceria pedagógica, da aprendizagem cooperativa e da diferenciação pedagógica inclusiva.

Foi com base nestes pressupostos e por meio da implementação de instrumentos metodológicos - pesquisa documental, entrevista semi-estruturada, observação naturalista e teste sociométrico - que nos foi possível realizar uma caracterização estrutural e dinâmica da turma e do contexto escolar mais fidedigna e realista e, por conseguinte, perspectivar o nosso plano de intervenção. Este caracteriza-se pela planificação de sessões, distribuídas pelo 2º e 3º períodos, na área de Língua Portuguesa e das competências sociais, sendo estas sujeitas a avaliação, reflexão e, conseqüentemente, mudança de atitudes, propiciadoras de obtenção de sucessos académicos e pessoais.

Neste sentido, o projecto desenvolveu-se em quatro capítulos.

O Capítulo I é intitulado de “Enquadramento Teórico”, no qual procurámos saber o que preconiza a educação inclusiva e a forma de a desenvolver nos contextos educativos, abordando temáticas como a Aprendizagem Cooperativa e Diferenciação Pedagógica Inclusiva.

Reportamo-nos ainda à temática da intervenção, abordando a problemática da Deficiência Mental, as suas implicações na educação.

No Capítulo II, “Enquadramento Metodológico”, fazemos a caracterização do projecto, é enunciado o problema que serviu de base à intervenção, são definidos os objectivos e formuladas as questões e descrevemos as técnicas e instrumentos de pesquisa de dados e procedimentos para a recolha e análise de dados

O Capítulo III é denominado por “Caracterização da situação inicial em que se interveio e dos contextos em que a mesma se insere”, consiste como o título indica na informação, recolhida através das técnicas de investigação, para a caracterização da situação e do contexto da intervenção.

E, por fim o Capítulo IV intitulado de “Plano de Acção”, baseado nos pressupostos teóricos que orientaram a intervenção, apresenta a planificação, a realização e a avaliação da intervenção.

Terminamos salientando a Bibliografia e Anexos do trabalho que serviu de suporte à realização da intervenção.

Capítulo I - Enquadramento teórico

O enquadramento teórico aqui apresentado assenta em princípios relativos à inclusão aprendizagem cooperativa, ao desenvolvimento social e das competências sociais e défice cognitivo.

1.1. Educação inclusiva

Deixai-me viver e aprender, como sou e com todos os meus amigos!
(Sanches & Teodoro, 2006: 65)

O princípio fundamental das escolas inclusivas (Declaração de Salamanca, 1994: 11-12) consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola.

Concomitantemente, César (2003:119), citado por Sanches e Teodoro (2006), refere que a escola inclusiva

é uma escola onde se celebra a diversidade, encarando-a como uma riqueza e não como algo a evitar, em que as complementaridades das características de cada um permitem avançar, em vez de serem vistas como ameaçadoras, como um perigo que põe em risco a nossa própria integridade, apenas porque ela é culturalmente diversa da do outro, que temos como parceiro social.

De acordo com UNESCO (1994:17), a escola inclusiva é a que consegue

ajustar-se a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas, ou outras. Neste conceito, devem incluir-se crianças com deficiência ou sobredotadas, crianças da rua ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nómadas, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais. Neste contexto, a expressão “necessidades educativas especiais” refere-se a todas as crianças e jovens cujas necessidades se relacionam com deficiência ou dificuldades escolares.

Para Lima-Rodrigues et al. (2007:28) a concepção da escola inclusiva é “assumir que todos os alunos aprendam juntos e que têm direito à educação, independentemente das suas dificuldades e diferenças”.

Segundo os mesmos autores a inclusão assenta em seis aspectos essenciais:

1. todos os alunos devem ser educados nas escolas da sua residência,
2. a percentagem de alunos com NEE em cada escola/ classe deve ser representativa da sua prevalência,
3. as escolas devem reger-se pelo princípio da “rejeição zero”,
4. os alunos com NEE devem ser educados na escola regular, em ambientes apropriados à sua idade e nível de ensino,
5. o ensino em cooperação e a tutoria de pares são métodos de ensino preferenciais,
6. os apoios dados pelos serviços de educação especial não são exclusividade dos alunos com NEE.

Na mesma perspectiva Rodrigues (2001) refere que a escola inclusiva tem como base promover uma educação onde todos os alunos aprendem juntos, independentemente das suas diferenças, com currículos adaptados e os apoios necessários.

Assim, as escolas do ensino regular, que têm presente estes conceitos e que seguem esta orientação inclusiva, “constituem os meios capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva atingindo a educação para todos” (UNESCO, 1994:10), cumprindo afinal a verdadeira função de Democratização da Escola.

Segundo afirma Rodrigues (2003), devemos tornar a educação mais inclusiva, a par dos diferentes dilemas que surgem, ajudando-nos “a ver a complexidade e mesmo as contradições de criar uma política de inclusão numa escola com currículos bastante imutáveis, com dificuldades em tratar as diferenças (...) sem um apoio das famílias para as práticas inovadoras e indecisa sobre os modelos de atendimento.”

Neste sentido, para Ainscow (1997), as escolas que procuram oferecer modelos educativos com maior inclusão devem investir em seis tipos de mudança:

1. assumir, como ponto de partida, as práticas e conhecimentos existentes;
2. ver as diferenças como oportunidades para a aprendizagem;
3. inventariar as barreiras à participação;
4. usar os recursos disponíveis para apoiar a aprendizagem;
5. desenvolver uma linguagem ligada à prática;

6. criar condições que incentivem aceitar riscos.

Estamos conscientes que há um grande caminho a percorrer, sendo, no nosso entender, imperioso encontrar estratégias e tentar ultrapassar os obstáculos que se nos deparam, para conseguirmos uma escola mais democrática, mais inclusiva e mais justa.

1.1.1. Aprendizagem cooperativa

Fatman e Kessler (1993), citados por Lopes e Silva (2009), definem a aprendizagem cooperativa como um trabalho de grupo, organizado de forma cuidada, em que todos os alunos colaboram e interagem, podendo ser avaliados de forma individual, pelo seu trabalho.

Para Leitão (2010:10)

a aprendizagem cooperativa é uma estratégia de ensino centrada no aluno e no trabalho colaborativo em pequenos grupos, grupos que se organizam na base das diferenças dos seus membros - a diferença como um valor - e que recorre a uma diversidade de actividades, formas e contextos sociais de aprendizagem, para ajudar os alunos a, activa e solidariamente, crítica e reflexivamente, construírem e aprofundarem a sua própria compreensão do mundo em que vivem.

Da mesma forma, Jonhnson, Johnson e Houebec (1993), Argyle (1991), citados por Lopes e Silva (2009:3), referem que a aprendizagem cooperativa se destina a um trabalho, em que os alunos têm possibilidade de maximizar as suas aprendizagens, ou seja é “o actuar junto, de uma forma coordenada, no trabalho ou nas relações sociais para atingir metas comuns, seja pelo prazer de repartir actividades ou para obter benefícios mútuos.”

Do mesmo modo, Leitão (2010) considera que a aprendizagem cooperativa permite a ajuda entre os alunos, a partilha, a solidariedade e ajuda mútua, a vivência de contextos de aprendizagem, proporcionando o desenvolvimento de competências académicas e sociais.

A este propósito, Leitão (2010) relembra Sérgio (1984) pela necessidade imperiosa e absoluta dos alunos aprenderem a cooperar “pelo bem da comunidade”, onde todos participam activamente, onde se partilha um espaço de solidariedade, de tolerância, de compreensão, de respeito e ajuda mútua.

Os precursores da aprendizagem cooperativa (Johnson et al, 1984) têm divulgado numerosas obras sobre cooperação, desenvolvimento de competências sociais e resolução de

conflitos. Segundo o modelo por eles criado, os alunos trabalham em pequenos grupos heterogéneos em que se estabelece:

- *interdependência positiva* - o trabalho conjunto para um objectivo comum em que cada um se preocupa com a aprendizagem dos colegas;
- *responsabilidade individual* - a responsabilidade de cada elemento do grupo pela sua própria aprendizagem e pela dos colegas e contribui activamente para o grupo;
- *interacção face-a-face* - a interacção com os colegas de modo a explicar, elaborar e relacionar conteúdos;
- *competências interpessoais* - as competências de comunicação, confiança, liderança, decisão e resolução de conflitos;
- *avaliação/reflexão* - a regularidade sistemática do balanço e do funcionamento do grupo e da progressão nas aprendizagens.

A aprendizagem cooperativa apresenta-se como uma forma alternativa de ensino-aprendizagem que proporciona a interdependência, a reciprocidade e a hipótese de aprender e experienciar na escola os valores da cidadania democrática.

Como refere Leitão (2010:22)

as actividades de aprendizagem cooperativa podem proporcionar oportunidades únicas para o desenvolvimento de competências como o pensamento crítico, a resolução criativa dos problemas, a escrita activa, a comunicação interactiva, a aceitação e acomodação às diferenças individuais.

E desta forma, teremos escolas inclusivas, onde todos aprendem com todos, havendo necessariamente que contemplar a diferenciação pedagógica, que assenta no respeito dos ritmos de trabalho, nas formas de aprender de cada aluno. Para Leitão (2010:22)

a aprendizagem cooperativa assume todo o seu valor e plenitude exactamente porque se coloca numa perspectiva de inclusão escolar, estruturando-se na base da heterogeneidade dos alunos e no esforço de incentivar as interacções aluno-aluno e encorajar a construção de relações de ajuda mútua.

A interacção entre todas as crianças, beneficia não só a criança com deficiência, que recebe da outra amizade, ajuda e partilha de actividades, mas a criança que presta o apoio, ao lidar

com uma criança que é diferente, tem a oportunidade de se desenvolver de forma mais tolerante e de aceitação e respeito pela diferença.

De acordo com Ainscow (1996: 52), o ensino cooperativo é “uma poderosa estratégia de melhoria da prática na sala de aula” uma vez que os alunos partilham as suas ideias e ajudam-se mutuamente”. Nesta linha de pensamento Leitão (2010:23) refere que a partilha das ideias,

a diversidade de perspectivas e experiências só enriquece os processos de aprendizagem, sendo mesmo essencial proporcionar aos alunos aquela multiplicidade e diversidade de contextos escolares e sociais que lhes permitam o confronto com perspectivas e experiências diferentes, que lhes permitam compreender, aceitar ou questionar, pontos de vista diferentes.

Para tal é necessário que se definam regras e se ensine os alunos a respeitá-las e a cumpri-las.

1.1.2 Diferenciação Pedagógica inclusiva

Na perspectiva de Stainback e Stainback (1999) a educação inclusiva baseia-se no pressuposto de que todas as crianças pertencem à turma e todas podem aprender na escola e na comunidade a que pertencem.

Para Cadima (1996) a diversidade é um factor enriquecedor da própria comunidade. Sendo assim e uma vez que se pretende cada vez mais uma escola inclusiva, onde todos possam ser incluídos, mesmo aqueles que apresentam necessidades educativas especiais, é fundamental encontrar meios, nas nossas escolas, que contemplem Todos os alunos.

Neste contexto, segundo Correia (2001) a diversidade apresenta um conjunto de diferenças individuais: estilos cognitivos, estilos de aprendizagem, capacidades, interesses; as quais pressupõe “intervenções individuais” e “apoios apropriados”, necessitando de adequações nos currículos.

Para Leite e Madureira (2003) a diversidade no sistema educativo não pressupõe que todos os alunos aprendam da mesma forma, pois para que a criança consiga atingir os seus objectivos é necessário adequar os conteúdos, ajustando-os as especificidades de cada aluno.

Neste sentido, apresenta-se um novo desafio à Educação, uma nova Pedagogia “Emergente”, nomeadamente, a “Pedagogia Diferenciada”, que se operacionaliza através de processos, nos quais as aprendizagens são suficientemente explicitadas, para que os alunos

aprendam segundo os seus próprios percursos de apropriação de saberes ou de saber-fazer (Halina Przesmycki, 1991, citada por Pires, 1992).

Segundo os mesmos autores diferenciar significa

desenvolver estratégias de ensino diversificadas e modelos de organização do trabalho variados, de modo a que cada um dos alunos possa encontrar pontos de referência significativos e vias de acesso próprios para sua aprendizagem (Leite e Madureira, 2003:98).

Segundo Perrenoud (1997, citado por Santana, 2000:30) diferenciar é, sobretudo,

romper com a pedagogia magistral – a mesma lição e os mesmos exercícios para todos e o mesmo tempo – é sobretudo uma maneira de pôr em funcionamento uma organização de trabalho que integre diferentes dispositivos didácticos, de forma a colocar cada aluno perante a situação mais favorável.

Para Sanches (2005) a pedagogia diferenciada inclusiva é aprender no grupo e com o grupo, em situações de verdadeira aprendizagem cooperativa e responsável; é organizar o espaço e o tempo em função das actividades para as aprendizagens a realizar; é implicar os alunos na construção dos saberes a realizar; é abrir a escola a uma socialização do saber entre professores e alunos.

De acordo com Byers e Rose (1996), citado por Morgado (2004:89) para que as actividades de aprendizagem sejam adequadas aos diferentes alunos, as mesmas devem assumir determinadas características:

ser relevantes considerando a experiência do aluno e a sua motivação; respeitar os diferentes ritmos dos diferentes alunos; promover nos alunos atitudes de investigação e descoberta; ser organizadas numa perspectiva de resolução de problemas.

Ainda segundo o autor, a pedagogia diferenciada valoriza a avaliação, devendo esta fazer parte do processo de ensino aprendizagem, permitindo aos alunos reflectirem sobre as tarefas realizadas e promovendo a capacidade de analisar os sucessos e as dificuldades. Contudo, a

avaliação e o registo não constituem um objectivo em si - são instrumentos ao serviço do professor e dos alunos para a promoção e gestão da qualidade dos processos educativos com o objectivo último de promover, tanto quanto possível, o sucesso para todos (Morgado, 2004:86).

É essencial que as escolas, nos seus Projectos Curriculares de Escola encontrem respostas o mais adequadas aos alunos com NEE (Jiménez, 1997), contemplando as diferenças e fazendo as adaptações curriculares necessárias.

Segundo Fonseca (1989) dever-se-á promover a educabilidade ao máximo do potencial intelectual das crianças com Deficiência mental. O autor refere que estas crianças podem aprender, desde que se proporcionem as devidas interações.

1.2. Deficiência Mental

O conceito sobre as pessoas com deficiência mental tem-se vindo a alterar progressivamente, das concepções médico-orgânicas passou-se a concepções psicológicas e nos anos 90 passou-se a uma concepção centrada no funcionamento do indivíduo nos contextos em que se insere.

Em 1968, a A.A.M.D. (Associação Americana para a Deficiência Mental) e a O.M.S. (Organização Mundial de Saúde) definem a Deficiência Mental fundamentalmente pelas três correntes seguintes:

1. Corrente Psicológica ou Psicométrica

Segundo esta corrente, é deficiente mental todo o indivíduo que apresenta um défice ou diminuição das suas capacidades intelectuais (medida através de testes e expressa em termos de QI). Os principais impulsionadores desta corrente foram Binet e Simon.

2. Corrente Sociológica ou Social

Esta corrente (utilizada, entre outros, por Doll, Kanner & Tregold) defende que o deficiente mental é aquele que apresenta, em maior ou menor medida, dificuldade para se adaptar ao meio social em que vive e para levar a cabo uma vida autónoma.

3. Corrente Médica ou Biológica

Segundo esta corrente, a deficiência mental teria um substracto biológico, anatómico ou fisiológico e manifestar-se-ia durante o desenvolvimento (até aos 18 anos).

A A.A.M.D. apresenta a seguinte definição: “a Deficiência Mental refere-se a um funcionamento intelectual geral significativamente inferior à média, surgido durante o período de desenvolvimento e associado a um défice no comportamento adaptativo” (Grossman, 1983).

A O.M.S. define os deficientes mentais como «indivíduos com uma capacidade intelectual sensivelmente inferior à média, que se manifesta ao longo do desenvolvimento e está

associada a uma clara alteração dos comportamentos adaptativos.» (O.M.S., 1968 citado por Pacheco & Valência em Bautista, 1997: 210).

Estas definições são muito semelhantes, pois ambas contemplam as três correntes já descritas e são também as mais aceites pelos diversos autores.

No entanto, para além destas, existem outras correntes:

- Corrente Comportamentalista, lançada pelos partidários da Análise Experimental do Comportamento, pondo a tónica na influência do ambiente sobre a deficiência mental. O défice mental é um défice de comportamento que deverá ser interpretado como produto da interacção de quatro factores determinantes:
 1. Factores biológicos passados (genéticos, pré-natais, peri-natais, pós-natais);
 2. Factores biológicos actuais (drogas ou fármacos, cansaço ou stress);
 3. História anterior de interacção com o meio (reforço);
 4. Condições ambientais presentes ou outras situações actuais;
- Corrente Pedagógica: o deficiente mental será o indivíduo que tem uma maior ou menor dificuldade em seguir o processo regular de aprendizagem e que por isso tem necessidades educativas especiais, ou seja, necessita de apoio e adaptações curriculares que lhe permitam seguir o processo regular de ensino.

Em 2002, a American Association on Mental Retardation (A.A.M.R.) procedeu à revisão da definição de deficiência mental (Alonso & Bermejo, 2001). Esta associação, cuja designação actual é American Association on Intellectual and Developmental Disabilities (A.A.I.D.D.), tem-se debruçado sobre o estudo da Deficiência Mental, definindo conceitos, classificações, modelos teóricos e orientações de intervenção em diferentes áreas, e influenciando sistemas de classificação internacionalmente conhecidos como o DSM-IV e CID-10 (Carvalho & Maciel, 2003).

O actual modelo proposto pela A.A.I.D.D., citado por Carvalho e Maciel (2003:147) consiste numa concepção

funcionalista, sistémica e bioecológica, incluindo as dimensões intelectual, relacional, adaptativa, organicista e contextual. A deficiência mental é considerada condição deficitária, que envolve habilidades intelectuais; comportamento adaptativo (conceitual, prático e social); participação comunitária; interacções e papéis sociais; condições etiológicas e de saúde; aspectos contextuais, ambientais, culturais e as oportunidades de vida do sujeito.

Depreende-se da definição que a deficiência mental não é um traço absoluto da pessoa mas sim um atributo que interage com o seu meio ambiente físico e humano, que por sua vez deve adaptar-se às necessidades especiais dessa pessoa, provendo-lhe o apoio intermitente, limitado, extensivo ou permanente de que ela necessita para funcionar.

A definição proposta pela AAMR (2002) explica a deficiência mental segundo cinco dimensões que envolvem aspectos relacionados com a pessoa; com o seu funcionamento individual no ambiente físico e social; com o contexto e os sistemas de apoio.

Dimensão I: Habilidades Intelectuais

A inteligência é concebida como capacidade geral, incluindo “raciocínio, planeamento, solução de problemas, pensamento abstracto, compreensão de ideias complexas, rapidez de aprendizagem e aprendizagem por meio da experiência” (Luckasson).

A dimensão intelectual, no Sistema 2002, passa a ser um dos indicadores de deficit intelectual, considerado em relação às outras dimensões, não sendo contudo suficiente para o diagnóstico da deficiência.

Dimensão II: Comportamento Adaptativo

Constituem áreas do comportamento adaptativo as seguintes habilidades:

- *Habilidades conceituais* – relacionadas aos aspectos académicos, cognitivos e de comunicação. São exemplos dessas habilidades: a linguagem (receptiva e expressiva); a leitura e escrita; os conceitos relacionados ao exercício da autonomia.
- *Habilidades sociais* – relacionadas à competência social. São exemplos dessas habilidades: a responsabilidade; a auto-estima; as habilidades interpessoais; a credulidade e ingenuidade (probabilidade de ser enganado, manipulado e alvo de abuso ou violência etc.); a observância de regras, normas e leis.
- *Habilidades práticas* – relacionadas ao exercício da autonomia. São exemplos: as actividades de vida diária, as actividades ocupacionais e as actividades que promovem a segurança pessoal

Dimensão III: Participação, interacções, papéis sociais

Essa dimensão ressalta a importância da participação na vida comunitária.

Dimensão IV: Saúde

As condições de saúde física e mental influenciam o funcionamento de qualquer pessoa.

Dimensão V: Contextos

A dimensão contextual considera as condições em que a pessoa vive, relacionando-as com qualidade da vida.

1.2.1 Graus e características da Deficiência Mental

Embora existam diferentes correntes para determinar o grau de Deficiência Mental, foram as técnicas psicométricas as mais usadas, utilizando o QI (Quociente Intelectual) para classificação desse grau. Os vários autores (Grossman, 1983; Fonseca, 1989) estabeleceram a seguinte classificação:

Deficiência Mental	QI
1. Mental ligeira	55-70
2. Moderada	40-54
3. Grave	25-39
4. Profunda	inferior a 25

Quadro 1 - Classificação da Deficiência Mental

Segundo Silva (1991), existem três graus de Deficiência Mental:

1. *Deficiência Mental Ligeira* - o indivíduo apresenta dificuldades em cumprir e acompanhar os programas de ensino regular. No entanto desde que se façam adaptações curriculares, pode frequentar a escola regular.

2. *Deficiência Mental Media ou moderada* - O indivíduo pode desenvolver aprendizagens sociais e de comunicação e têm capacidade para se adaptar e integrar no mundo laboral. Geralmente não apresentam problemas de adaptação ao ambiente familiar e social.

3. *Deficiência Mental severa e profunda* - O indivíduo necessita de protecção ou ajuda, pois o seu nível de autonomia tanto social como pessoal é muito fraco. Apresentam muitas vezes problemas psicomotores importantes. Poderão aprender algum sistema de comunicação, mas a sua linguagem verbal será sempre muito deficitária. Podem ser treinados em algumas actividades básicas da vida diária.

Com as alterações da definição de Deficiência Mental, esta classificação, de acordo com a capacidade intelectual deixou de fazer sentido, incluindo o conceito de apoios, que considera o ambiente e o indivíduo (Nielson, 1999). Ainda de acordo com Vieira e Pereira (1969) o importante será identificar os apoios necessários ao desenvolvimento do comportamento do indivíduo, tornando-o o mais autónomo possível (Morato et al., 1996) e consequentemente melhorar a sua auto-estima

Neste sentido, o apoio concedido aos indivíduos com Deficiência Mental varia consoante as necessidades de cada um, estando em correlação constante com os diferentes factores ambientais., sendo assim imperioso identificar os níveis de intensidade de apoio (Morato et all.; AAMR,2002):

- Intermitente- apoio descontínuo, o indivíduo necessita de apoio pontualmente e em períodos específicos de transição.
- Limitado- apoio contínuo, contudo limitado no tempo. O indivíduo necessita de apoio em determinadas áreas específicas.
- Extensivo- apoio regular em mais de uma área e sem limite temporal.
- Permanente- apoio constante, o indivíduo necessita de apoio nos cuidados básicos.

As limitações do indivíduo deverão ser avaliadas de forma adequada, de forma a planificar-se uma intervenção o mais eficaz. Nesta avaliação, para Santos e Morato (2002) são imprescindíveis três fases para uma caracterização da Deficiência mental:

- Diagnóstico referente ao nível de funcionamento intelectual, das habilidades adaptativas e idade cronológica do aparecimento das perturbações.
- Identificação das áreas fortes e áreas fracas e necessidade de apoios.
- Determinação do perfil, intensidade e frequência dos apoios necessários.

1.2.2.Etiologia

A etiologia da Deficiência Mental é muito diversificada. Além disso, será necessário distinguir a etiologia da doença mental da etiologia do atraso mental ou deficiência mental, apesar de se reconhecer que alguns factores que estão na base da presença de determinados défices cognitivos podem desempenhar um determinado papel no desenvolvimento de alguns défices emocionais.

Pacheco e Valencia (1997) apresentam a seguinte etiologia, dividida em três partes:

1. Factores Genéticos – Estes factores actuam antes da gestação; a origem da deficiência está já determinada pelos genes ou herança genética. São factores ou causas de tipo endógeno (actuam no interior do próprio ser).
2. Factores Extrínsecos – Para estes factores existe a classificação que atende à ordem em que esses factores podem aparecer no tempo:

a) Factores Pré-Natais

- *Embriopatias* – actuam durante os três primeiros meses de gestação;
- *Fetopatias* – actuam a partir do terceiro mês de gestação.

b) Factores Perinatais e Neonatais

Estes factores actuam durante o momento do parto ou no recém nascido.

c) Factores Pós -Natais

São factores que actuam após o nascimento.

Para Verdugo e Bermejo, (2001) as causas da Deficiência Mental podem distinguir quatro tipos de factores:

1. Factores Biomédicos: relacionados com processos biológicos como por exemplo, atrasos genéticos ou nutrição;
2. Sociais: relacionados com interações familiares e sociais, como por exemplo, os estímulos e respostas oferecidas às crianças;
3. Comportamentais: relacionados com comportamentos potencialmente causadores de incapacidades, tais como actividades arriscadas ou toma excessiva de substâncias tóxicas;
4. Educativos: Relacionados com a existência ou não de apoios educativos adequados para promover o desenvolvimento mental e o desenvolvimento de competências adaptativas.

1.2.3. Implicações educacionais

É nos princípios da década de 60 que começamos a assistir ao desenvolvimento das preocupações educativas e à progressiva importância prestada pelos departamentos oficiais dos ministérios da Segurança Social, Educação e Saúde às crianças e jovens com deficiência. Surgem, então, as «escolas especiais». Este desenvolvimento de estruturas educativas específicas é acompanhado de uma crescente preocupação com a observação e o diagnóstico médico-psico-pedagógico das crianças de modo a possibilitar a sua classificação em categorias e a encaminhá-las para os diferentes tipos de classes ou escolas. Neste contexto, é atribuído um importante papel ao trabalho em equipa, em que participam profissionais de diferentes áreas actuando numa perspectiva multidisciplinar.

Neste contexto, Simon (1991) preconiza que o ensino deve ser ministrado em classes normais do ensino público, excepto se o aluno apresentar deficiências intelectuais graves ou

deficiências tão profundas que lhe seria impossível, ou muito difícil, adquirir os conhecimentos requeridos numa classe normal.

Nos deficientes mentais, tal como nos outros indivíduos, o comportamento pessoal e social é muito variável e não se pode falar de características iguais em todos os indivíduos com deficiência mental. A variedade é enorme e, enquanto nuns é notável o atraso de desenvolvimento, outros apresentam um aspecto saudável, para além de toda uma série de características em que a diferença entre uns e outros é enorme.

Através de alguns estudos foi demonstrada a existência de algumas características que distinguem os deficientes mentais dos outros. Quiroga (1989, citado por Bautista, 1997) destaca as seguintes:

a) Físicas

- Falta de equilíbrio
- Dificuldades de locomoção
- Dificuldades de coordenação
- Dificuldades de manipulação

b) Pessoais

- Ansiedade
- Falta de autocontrolo
- Tendência para evitar situações de fracasso mais do que para procurar o êxito
- Possível existência de perturbações da personalidade
- Fraco controlo interior

c) Sociais

- Atraso evolutivo em situações de jogos, lazer e actividade sexual

Podemos classificar as dificuldades com que nos deparamos no desenvolvimento de um deficiente mental, como: dificuldades psicomotoras, dificuldades sensoriais, dificuldades nas relações sociais, dificuldades de autonomia e dificuldades de linguagem.

Assim, no momento de planificar qualquer intervenção educativa, deveremos pensar nessas dificuldades e, consoante as possibilidades e limitações de cada indivíduo, estabelecer o programa mais adequado.

Além de conhecer as dificuldades específicas, deveremos atender também às capacidades de aprendizagem de cada um, para evitar que os objectivos educativos não sejam nem

demasiado exigentes nem tão simples que não favoreçam ao máximo o desenvolvimento das suas potencialidades (Pacheco & Valencia, 1997).

Ao nível dos países da actual União Europeia, é a Dinamarca o primeiro a definir 4 princípios básicos de orientação para o atendimento educativo das crianças com deficiência:

- Princípio da proximidade: determina que o apoio à criança com deficiência se deve efectuar tão próximo quanto possível da sua casa e da escola da sua área de residência;
- Princípio da interferência mínima: indica que a criança não receba mais apoios do que os necessários para ultrapassar as consequências da sua deficiência;
- Princípio da eficácia: avalia se as situações educativas previstas para crianças contribuem para o pleno desenvolvimento das suas capacidades;
- Princípio da integração: defende que a aplicação e o desenvolvimento de todas as medidas relativas à educação de alunos com deficiência se deve realizar no sistema regular de ensino. (Handicapped students in Danish Education System, Copenhagen, Março, 1988, citado por Pereira, 1996).

1.2.4.Desenvolvimento social e Competências sociais

Na opinião de Verdugo e Bermejo (2001:33), “as dificuldades adaptativas nos alunos ou nas pessoas adultas com atraso mental provêm de limitações na sua inteligência social e prática”, o que se traduz em restrições de desempenho por parte da pessoa com deficiência mental. Para Verdugo (2001:34), «inteligência social» pressupõe a capacidade “para compreender as expectativas sociais e o comportamento dos outros, assim como para julgar adequadamente a forma de se comportar em situações sociais”

Neste sentido, segundo o mesmo autor, constata-se que as pessoas com atraso mental demonstram dificuldades de compreensão do comportamento social, nomeadamente na compreensão de sinais e de certos comportamentos por parte de outras pessoas. Evidenciam dificuldades em colocar-se no papel do outro e de compreender as suas motivações. Para além disso, mostram grandes dificuldades em comunicar os seus próprios pensamentos e sentimentos, acarretando, inevitavelmente, comportamentos sociais desadequados; nomeadamente estereótipas, auto-agressões, agressões, comportamento social inadequado, perturbações físicas de regulação e distúrbios emocionais específicos (Verdugo, 2001), resultando inevitavelmente numa interacção social desadequada, motivada por interesses e

valores antagónicos e conduzindo a obstáculos em ambientes de aprendizagem, trabalho e convivências adequadas.

Desta forma, a resolução destes conflitos, no aluno com deficiência mental, não depende exclusivamente da sua capacidade cognitiva, mas fundamentalmente das suas competências sócio-afectivas, pelo que verificar-se-á a pertinência da intervenção nestas áreas e permitir que Todos os alunos beneficiem de uma intervenção adequada através da eliminação dos comportamentos desajustados e a aquisição ou transformação de certas características afectivas.

Nesta linha de pensamento, Morissette (1994:18), considera que numa educação afectiva, o indivíduo pode “explorar vários aspectos do mundo que o rodeia, o seu universo interior, os seus sentimentos, aptidões e conhecimentos: é convidado a definir-se em relação ao meio e a adaptar-se a ele”.

Deste modo, a intervenção pressupõe a afirmação e o o reconhecimento de si próprio, o desenvolvimento da capacidade de tolerância, a capacidade da autonomia, o desenvolvimento da responsabilidade e adopção da perspectiva do outro. É de realçar, segundo Morissette (1994) que as aprendizagens adquiridas, as experiências vividas na primeira infância, no seio familiar, se vão reflectir, de forma inigualável em todas as fases da aprendizagem, permitindo aprendizagens adequadas, realizadas no meio, que são anuladas pela acção neutra ou negativa da família.

Assim, importa realçar que as atitudes de uma pessoa e suas motivações se desenvolvem através de interacções no meio, sobretudo no contexto social. Por este motivo, este tipo de interacções desempenham um papel bastante significativo, tanto na aquisição, como na transformação de certas atitudes, nomeadamente, aceitar o outro, adaptar-se, desenvolver-se, ser autónomo e responsável.

Nesta sequência, é fundamental a aprendizagem e o ensino de comportamentos afectivos sociais, como a aceitação dos outros, a tolerância, a responsabilidade, a solidariedade (Morissette, 1994), bem como “comportamentos sociais que os indivíduos exibem como resposta às tarefas sócias do dia -a- dia”, permitindo assim que a criança construa relações positivas e seja aceite pelos seus pares (Walker, Colvin, & Ramsey, 1995, citados por Lopes, 2006). Nesta perspectiva, a intervenção deverá ter como finalidade permitir às crianças as condições necessárias para que estas consigam responder às exigências ambientais, integrando-se no meio ecológico de forma adequada e ajustada às suas necessidades.

Capítulo II - Enquadramento metodológico

O propósito fundamental deste Trabalho de Projecto permitiu compreender/ reflectir sobre a forma como fazer aprender competências académicas, ao nível da leitura e da escrita, bem como competências sociais, de uma forma inclusiva. Neste sentido, seguimos um modelo de investigação qualitativa que, segundo alguns autores (Bodgan & Biklen, 1994), apresenta, geralmente, as seguintes características:

- a fonte directa dos dados é o ambiente natural dos participantes;
- o carácter descritivo;
- o interesse pelos processos do que pelos resultados;
- os dados serão analisados de forma indutiva;
- a importância dada aos significados construídos pelos participantes.

No âmbito desta abordagem qualitativa, pretendeu-se realizar uma análise detalhada, interpretativa de um “acontecimento específico” que se insere na realidade de uma escola: a aprendizagem de alunos, considerados com défice cognitivo, tendo como ponto de partida a aprendizagem da Mariana, na sua turma e com a sua turma.

Os dados foram, assim, recolhidos no seu contexto natural (a escola), em relação aos quais se procurou encontrar os múltiplos sentidos e significados para o desenvolvimento da intervenção.

2.1. Caracterização do projecto

A Investigação-acção é um excelente guia para orientar as práticas educativas com o objectivo de melhorar o ensino e os ambientes de aprendizagem na sala de aula. (Arends, 1995)

A investigação-acção é a metodologia usada no nosso Trabalho de Projecto. Segundo Benavente (1990) tem um duplo objectivo de acção e investigação, no sentido de obter resultados em ambas as vertentes:

- acção para obter mudança numa comunidade de alunos, família e professor;
- investigação no sentido de aumentar a compreensão por parte do investigador, dos actores, dos processos envolvidos e do funcionamento da comunidade.

A Investigação-acção, usada como uma modalidade de investigação qualitativa está ao serviço de uma causa, a de “promover mudanças sociais” (Bogdan & Biklen, 1994:292), sendo “um tipo de investigação aplicada no qual o investigador se envolve activamente” (id:293). Nesta perspectiva também os pais estão envolvidos no processo, pelo que devem ser encorajados a participar como colaboradores na investigação.

A investigação-acção obriga a que os próprios grupos-alvo “assumam a responsabilidade de decidir quais as mudanças necessárias e as suas interpretações e análises críticas são usadas como uma base para monitorizar, avaliar e decidir qual o próximo passo a dar no processo de investigação”(Ainscow, 2000, citado por Sanches, 2005:128).

Para que essa mudança se operacionalize, é necessário compreender a forma como os indivíduos envolvidos vivenciam a sua situação e implicá-los nessa mesma mudança, pois são eles que vão viver com ela (Bogdan & Biklen, 1994).

Segundo Moreira (2001), citado por Sanches (2005: 130), a investigação-acção constitui “uma intensificação da prática reflexiva, pois combina o processo investigativo e a reflexão crítica com a prática de ensino, tornando esta mais informada, mais sistemática e mais rigorosa”.

Corroborando esta ideia, Benavente e outros (1990:7) consideram que a investigação-acção constitui:

uma abordagem em muitos casos indispensável para se atingir níveis elevados de relevância e rigor científicos. Por outro lado, sem uma permanente preocupação reflexiva e analítica, sem profundidade teórica e perícia metodológica, dificilmente a intervenção consegue enfrentar problemas complexos e situações novas através de processos com participação alargada dos actores sociais envolvidos.

Ainda segundo Marques e Sarmento (2007) ao estarmos integrados no processo e, ao mesmo tempo, ao criar distância para o questionar, reflectir, analisar no confronto com outras experiências, participamos e assumimos uma posição política, de cidadania, em que, colaborativamente, promovemos a própria participação.

Em suma, é fundamental que professor tenha atitudes reflexivas, capaz de se questionar sobre o que faz, sobre os erros que comete. Um bom professor é, necessariamente, um professor capaz de fomentar o seu próprio sucesso e, consequentemente, o sucesso dos seus alunos.

2.2. Problemática e Questão de partida

Os problemas que se encontram presentes nesta turma prendem-se com as dificuldades reais dos alunos, bem como das práticas na sala de aula. Os documentos analisados convergem em relação aos seguintes problemas:

1) à dificuldade de relacionamento dos alunos, nomeadamente com a aluna nº10 (aluna considerada com NEE), sendo a mais rejeitada pelos colegas (matriz sociométrica das rejeições anexo 3), seguindo-se do seu colega nº 7 (de raça negra);

2) ao cumprimento de regras estabelecidas, como refere o professor titular de turma em entrevista “os alunos são muito inquietos, não se mantêm calados, nem sossegados”;

3) à existência de três alunos merecedores de atenção especial:

o aluno nº6, uma criança com variações de humor, revelando grandes dificuldades na área da Língua Portuguesa;

o aluno nº1, tendo pautado o seu percurso escolar por um elevado absentismo, impedindo-o de uma progressão nas aprendizagens apesar dos diversos Planos de Recuperação de que beneficiou;

a Mariana (aluna nº10), abrangida pela alínea e), tendo sido diagnosticada com problemas cognitivos, apresentando um comportamento desadequado à sala de aula, de acordo com opinião do professor, a Mariana “mete-se com todos, mas eles não lhe ligam. Já a sentei ao lado de todos, mas todos se queixam...ela mexe nas coisas deles e não está sossegada”;

4) às práticas desenvolvidas em sala de aula, o apoio individualizado prestado aos alunos considerados com NEE, não permitindo a socialização das aprendizagens, a aprendizagem destes dentro do grupo, com os pares;

5) à dificuldade de se encontrar benefícios e contributos destes alunos para a turma;

6) à dificuldade do professor da turma em encontrar respostas para os alunos;

7) ao desinvestimento da mãe da aluna com défice cognitivo.

Para solucionar os problemas mencionados, encontra-se definido no PCT (pág.19) que será privilegiado um ensino individualizado, procurando dar resposta às necessidades muito próprias e específicas de cada um dos alunos.

Neste sentido colocaram-se as seguintes questões:

- a) Que tipo de metodologias e estratégias, ao nível da sala de aula, facilitam a aquisição de competências académicas de leitura e escrita e dos comportamentos sociais dos alunos com défice cognitivo, em geral, e da Mariana em particular?
- b) Que contributos podem oferecer os alunos com défice cognitivo a uma turma?
- c) Como implicar os pais na aprendizagem dos alunos com défice cognitivo no desenvolvimento das aprendizagens de leitura e escrita e dos comportamentos sociais?

2.3. Objectivos gerais do Trabalho de Projecto

Um dos grandes objectivos deste projecto inseriu-se na mudança das práticas na sala de aula, concomitantemente com a aquisição de competências académicas de leitura e escrita e dos comportamentos sociais, numa perspectiva inclusiva.

De acordo com Castro e Gomes (2000) as dificuldades encontradas no domínio da leitura e escrita encontram-se intimamente relacionadas com outras problemáticas na esfera da aprendizagem, a nível pessoal e social. Assim, na nossa intervenção, tivemos a preocupação de associar o desenvolvimento de comportamentos sociais adequados à aprendizagem da leitura e escrita, tentando encontrar uma forma harmoniosa de crescimento pessoal, nos vários contextos.

Pretendeu-se assim desenvolver estas competências através da promoção de:

- estratégias de aprendizagem cooperativa;
- diferenciação pedagógica inclusiva;
- processos de reflexão e mudança.

2.4. Técnicas e instrumentos de pesquisa de dados

No nosso trabalho recorreremos a técnicas de recolha e análise da informação, que neste caso em concreto, nos pareceram mais adequadas ao estudo: a sociometria, a entrevista, a observação naturalista e a pesquisa documental, que se enunciam nos pontos seguintes:

2.4.1. Sociometria

O termo Sociometria, provem do latim, sendo a “soma” das palavras “socius” que quer dizer social e “metrum” que significa medida ou medir. Assim se compreende que a sociometria é um meio de medir o grau de relação entre um grupo de pessoas independentemente da situação onde estiver esse grupo (escola, desporto, empresa, recreio...).

Segundo Bastin (1980) a técnica da utilização do teste sociométrico consiste em pedir a todos os elementos do grupo que pretendemos analisar que denominem, entre todos os companheiros, aqueles com quem prefeririam participar numa actividade estabelecida.

Também Northway e Weld (1957) nos dizem que, após a aplicação do teste sociométrico e da sua análise poder-se-á saber quais os melhores amigos de uma determinada criança e se ela é correspondida nesse sentido. Ainda de acordo com o autor, é também possível perceber a estrutura do grupo; se é formado por grupos pequenos mais ou menos fechados, ou se existe algum tipo de interacção.

Assim, escolha desta técnica prendeu-se então com a necessidade de revelar e apreciar a estrutura do grupo em que nos propúnhamos fazer a intervenção, pois era de nosso interesse conhecer os alunos, as suas preferências e as suas rejeições.

No teste sociométrico, por nós aplicado, solicitámos até três opções de escolha, sendo a 4ª e última opção a de rejeição. A partir das informações recolhidas foi realizada a contagem das respostas e elaboradas as sociomatrizes, que é a representação gráfica ou pictórica das escolhas e rejeições obtidas do teste sociométrico.

Esta técnica é bastante útil, principalmente, quando se trata de saber um pouco mais sobre os nossos alunos, visto permitir: conhecer a “posição sociométrica” de um aluno, ou seja o número de vezes que este aluno é escolhido; conhecer os maiores amigos da criança; revelar a estrutura do grupo como um todo; saber se há pequenos grupos fechados ou se há uma integração perfeita; saber se existe uma barreira entre os rapazes e raparigas; saber se existem chefes dentro do grupo e os seus respectivos discípulos; saber se ao serem aplicados em alturas diferentes podemos verificar a evolução em relação à estrutura do grupo e às relações pessoais (Bastin, 1980).

De acordo com Northway e Weld (1957), os testes sociométricos contribuem, também para “a orientação de cada uma das crianças em particular”, pois podem existir crianças que, de

algum modo, se encontrem excluídas, ou pelo contrário, são de tal forma idolatradas que exercem demasiado poder sobre outra, ou seja, permitem-nos determinar “a posição social de cada elemento do grupo” (Bastin, 1980:18).

No que diz respeito às rejeições, o teste sociométrico “permite determinar os pontos de tensão e os membros que é necessário vigiar, para se evitar a generalização de conflitos e a desagregação do grupo” (Bastin, 1980:19)

Era basilar para a nossa intervenção conhecer bem os alunos da turma e, particularmente, a aluna que apresentava défice cognitivo, neste sentido e sabendo que um teste sociométrico “pode ser utilizado com rapidez e facilidade para saber uma grande quantidade de coisas acerca das crianças por quem nos interessamos” (Northway & Weld:15), foi de todo o interesse utilizá-lo como técnica de recolha e análise da informação.

Também no final da intervenção se utilizou mais uma vez esta técnica, para poder aferir as relações estabelecidas, para poder estabelecer um paralelismo entre o ponto de partida e de chegada.

É de realçar que todas as informações recolhidas, através da sociometria, nós tornou, indubitavelmente, mais preparados para delinear as estratégias e metodologias de intervenção para com estas crianças, principalmente, para melhor organizar os nossos grupos nas actividades a realizar, de acordo com as preferências indicadas nos testes, bem como poder fazer uma avaliação final dos resultados da nossa intervenção.

2.4.2. Entrevista

Para caracterizar e conhecer o contexto da escola, da turma em estudo e particularmente da Mariana utilizámos a entrevista semi-estruturada (Bogdan & Biklen, 1994), com recurso a um guião (anexo 4 e 7).

Com a entrevista, à professora titular, pretendeu-se conhecer a turma em estudo, bem como as percepções da professora, auscultando os seus pontos de vista e os que detém dos diferentes actores educativos, procurando compreender o significado das suas experiências. Através da entrevista à encarregada de educação pretendeu-se caracterizar a Mariana, bem como compreender o meio familiar em que esta se insere.

Neste caso, optámos pela entrevista semi-estruturadas (Bogdan & Biklen 1994) ou semi-directivas (Quivy, 1992), para que, apesar do guião elaborado pelo entrevistador, os

entrevistados tenham liberdade para desenvolver as situações na direcção que considerem adequadas, podendo explorar, de uma forma flexível e aprofundada, os aspectos que considerem mais relevantes.

Para a compreensão do modo como a professora titular de turma e a encarregada de educação se posicionam sobre a caracterização da turma e da Mariana, era importante deixarmos, tanto quanto possível, o entrevistado “falar abertamente, com as palavras que desejar e na ordem que lhe convier” (Quivy, 1992: 194).

Do mesmo modo, Bardin (1995) refere que na relação estabelecida entre duas ou mais pessoas, o espírito teórico do investigador deve manter-se continuamente atento, para que as suas próprias intervenções se traduzam em elementos de análise tão frutíferos quanto possível.

No decorrer das entrevistas, procurou-se utilizar uma linguagem clara e acessível, motivando os entrevistados a responder, para que a informação recolhida fosse a mais alargada possível (Ghiglione & Matalon, 1997).

No final da intervenção também utilizámos esta técnica para saber qual o impacto da nossa intervenção junto do professor titular de turma e da encarregada de educação (entrevistas, anexos- 54,57).

2.4.3. Observação naturalista

A observação naturalista consiste na recolha de dados, fornecendo-nos informações sobre determinados aspectos da realidade, procedendo-se depois a uma análise dos factos que se pretendem estudar.

Esta técnica permite-nos o uso de meios directos para estudar uma grande variedade de fenómenos; permite a colheita de dados sobre um conjunto de atitudes típicas; dependendo menos da introspecção ou reflexão.

Contudo, apresenta algumas desvantagens: o observado pode criar impressões favoráveis ou desfavoráveis no observado; a ocorrência espontânea não é previsível, factores imprevistos podem interferir na pesquisa; a duração dos acontecimentos é variável; não há acesso a certos aspectos da vida quotidiana.

Para os dados recolhidos há necessidade de se construírem grelhas de observação. De acordo com Damas e De Ketele (1995) existem, genericamente, três aproximações possíveis na construção de uma grelha: indutiva, dedutiva, indutiva, hipotética, dedutiva, sendo esta

última a preferida dos autores atrás citados, e que, nos seus traços mais gerais coincide com as etapas do método científico. Segundo o autor, qualquer grelha constrói-se a partir de um leque amplo de comportamentos inicialmente observados, os quais irão remeter para uma estrutura conceptual significativa, que permite deduzir os indicadores mais pertinentes e a maneira de os organizar, de modo a, numa fase posterior, virem a ser validados empiricamente.

Para Postic e De Ketele (1995), os instrumentos de observação devem ser fidedignos, traduzindo assim a coerência interna do seu funcionamento, ou seja, a estabilidade e grau de constância dos resultados obtidos devem manter-se em situações semelhantes ou aplicações sucessivas. Isto significa que se o instrumento fosse aplicado outra vez, à mesma situação, os resultados obtidos deveriam ser consistentes, permitindo o controlo da objectividade.

Na medida em que for garantida, num grau o mais elevado possível, a fidelidade das observações realizadas, tanto mais precisos e objectivos serão os dados recolhidos, reduzindo, assim, os perigos de subjectivismo que a utilização de instrumentos de observação sistemática pretende evitar.

2.4.4. Pesquisa documental

No desenvolvimento do nosso projecto, tornou-se pertinente recorrermos a outra técnica de pesquisa, que foi a pesquisa documental, porque nos permitia completar a informação recolhida pelas entrevistas, através da análise de documentos.

Chaumier, citado por Bardin, (2004:40) define análise documental como “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior a sua consulta e referência”. O mesmo autor estabelece ainda que o objectivo da análise documental é a representação condensada da informação, para consulta e armazenagem.

Quivy e Campenhoudt (2005:202) considera a pesquisa documental como a recolha de dados pré-existent em fontes que podem ser “documentos manuscritos, impressos ou audiovisuais, oficiais ou privados, pessoais ou provenientes de um organismo, contendo colunas de números ou textos”.

A consulta de documentos é segundo Lüdke (1986) “uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas as evidências que fundamentam as afirmações e declarações do pesquisador.”

Recorremos a esta técnica para analisar as disposições relativas à inclusão dos alunos considerados com NEE, à caracterização da turma e do contexto escolar, no Projecto Educativo da Escola e Projecto Curricular de Escola.

2.5. Procedimentos para a recolha e análise de dados

Descrevemos em seguida, a forma como se procedeu, para aplicar cada uma das técnicas utilizadas, e a forma como foram analisados os dados recolhidos.

2.5.1 Sociometria

Segundo Estrela (1986), para a realização de um teste sociométrico é necessário a existência de um conhecimento prévio do grupo onde se irá aplicar. Este conhecimento terá que conter a idade das crianças, o meio sócio – económico onde estão inseridas, os dados de ordem escolar e os seus interesses enquanto grupo. Só com estes conhecimentos é que se torna possível dar “a todas e a cada uma das crianças dum grupo a oportunidade de nos dizer com quem gosta de brincar, trabalhar ou estar em determinada situação” (Northway & Weld:17).

Northway e Weld (1957:29) referem que cada pergunta só deve ser repetida uma vez, no caso da criança, não responder, nem após a repetição, o espaço correspondente à sua resposta deverá ficar em branco. “Não se deve forçá-las a preencher todos os espaços em branco se elas não forem capazes de dar uma resposta autêntica.”

O teste sociométrico aplicado, no nosso estudo, ao grupo/ turma, teve como referência os procedimentos sugeridos por Northway e Weld (1957).

Para a aplicação do teste (anexo 1) foi, então, necessário combinar com a professora do grupo qual o dia e a hora mais adequada à realização do mesmo. Os critérios utilizados neste trabalho foram os seguintes: escolher o colega de carteira, escolher o colega para realizar um trabalho de grupo e escolher o colega para jogar e/ou brincar.

No dia da aplicação do teste, foi explicado aos alunos o objectivo pelo qual estavam a realizar o teste e que o mesmo era confidencial. As questões foram colocadas oralmente, uma vez que algumas crianças ainda não sabem ler bem, sendo o registo efectuado por elas, com a ajuda do professor. Posteriormente, foram recolhidos todos os testes previamente distribuídos aos alunos e procedeu-se à respectiva análise dos dados. Para se proceder à análise dos dados

obtidos foram elaboradas as matrizes sociométricas relativas às escolhas (anexo 2) e relativas às rejeições (anexo 3), que serão fundamentais na caracterização dos alunos e consequentemente corroborar/balizar as estratégias adoptadas na planificação da intervenção.

2.5.2. Entrevista

De acordo com o tipo de entrevista escolhida – entrevista semi-directiva, foram utilizadas uma série de perguntas guias, relativamente abertas, a propósito das quais foi imperativo receber informação da parte das entrevistadas. Não se colocando necessariamente todas as perguntas na ordem em que se anotaram e sob a formulação prevista. Neste processo de recolha de dados, considerou-se um conjunto de aspectos de natureza ética, como o processo de negociação do desenvolvimento da investigação, tentando obter o consentimento do entrevistado e, na medida do possível, a confidencialidade dos dados recolhidos.

Num primeiro momento, foi contactada a professora titular de turma, bem como a encarregada de educação e marcados os encontros para as entrevistas, um lugar calmo e sem ruídos que pudessem ser obstáculos ao trabalho pretendido - uma sala de apoio, da escola.

Posto isto, informou-se a directora da Escola dos objectivos e propósitos da investigação, bem como as entrevistadas, salvaguardando o seu anonimato, a confidencialidade das informações recolhidas. Parafraseando Bogdan et al (1994:77), “as identidades dos sujeitos devem ser protegidas para que a informação que o investigador recolhe não possa causar-lhes qualquer tipo de transtorno ou prejuízo”.

As entrevistas ao professor titular de turma e a encarregada de educação foram feitas dia 18 de Novembro e 9 de Dezembro, de 2009 respectivamente, nos horários previamente combinados, estando no local apenas presentes o entrevistador e o entrevistado, a quem pedimos autorização para a gravação áudio da entrevista, explicando-lhes que esta técnica possibilita a transcrição integral da mesma (protocolos – anexos 5 e 8) e a codificação dos dados recolhidos para posterior análise. A duração da entrevista foi de 1 hora.

Parafraseando Vala (1986:104)

o material sujeito à análise de conteúdo é concebido como resultado de uma rede complexa de condições de produção, cabendo ao analista construir um modelo capaz de permitir inferências sobre uma ou várias dessas condições de produção. Trata-se da desmontagem de um discurso e da produção de um novo discurso através de um processo de localização-atribuição de traços de significação, resultado de uma relação dinâmica entre as condições de produção dos discursos a analisar e as condições de produção da análise.

Deste modo e para a análise das entrevistas recorreu-se à análise de conteúdo (anexos 6 e 9), segundo Bardin (1995). Neste processo de análise, depois de efectuarmos uma leitura flutuante da entrevista e identificados os dados para a investigação, iniciámos o processo de identificação de temas e categorias gerais. De acordo com Bardin (1995:37), a categorização é “o método das categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem”. Neste processo baseámo-nos sobretudo numa categorização emergente dos dados (Bardin, 1995), uma vez que as categorias foram ajustadas, completadas e reformuladas a partir do discurso do entrevistado.

Uma vez que se utilizou a entrevista semi-directiva obteve-se um texto relativamente homogéneo que facilitou a sua análise. Assim, após a leitura de todo o protocolo transcrito, procurou-se distribuir as informações recolhidas por temas. Para cada dimensão, seleccionámos excertos de frases, parágrafos ou períodos da entrevista, que achámos pertinentes. Neste processo, tentou-se dissecar ao máximo cada unidade de registo, procurando não as desligar do seu contexto, para não perderem o seu significado.

Esta fase de categorização permitiu a simplificação e clarificação do material recolhido, levando a fazer a interpretação dos dados recolhidos, através de inferências sobre as mensagens. Na linha de pensamento de Bardin (1995), a inferência permite a passagem da descrição à interpretação, atribuindo sentido às mensagens dos sujeitos entrevistados.

2.5.3. Observação naturalista

Segundo Marconi (1986:52) a pesquisa de campo é utilizada com o objectivo de conseguir informações sobre: um problema, procurando uma resposta para ele; uma hipótese que se queira comparar ou a descoberta de novos fenómenos ou a relação entre eles.

A técnica utilizada foi a observação da turma, numa aula de 45 minutos, correspondendo a uma unidade temática de Língua Portuguesa, na turma de 2º e 3º anos de escolaridade.

Quanto aos meios de observação, os factos foram recolhidos com a gravação de câmara vídeo, enquadrando a actividade do professor e de toda a turma. Foi nossa intenção registar as dinâmicas do professores e dos alunos da turma, tendo o observador uma atitude não participante.

Partindo dos registos, traduzidos em protocolo (anexo 10), elaborou-se uma análise (anexo 11) em que foram identificados os comportamentos do professor e dos alunos.

O Perfil do professor foi agrupado em 6 subcategorias:

- reforço positivo – o que é dirigido aos sentimentos do aluno com vista a elevar o conceito de si próprio.
- reforço negativo – o contrário relativamente ao reforço positivo.
- controlo da realização das actividades – forma como circula pela sala para detectar dificuldades ou verificar a execução das actividades
- repreensão – a obtenção de uma certa disciplina: o castigo ou a chamada de atenção.
- exposição/ explicação/ perguntas/respostas -as explicações e perguntas feitas, parte do professor aos alunos,
- ajuda – a ajuda prestada aos alunos.

Os comportamentos dos alunos foram agrupados em duas categorias:

- comportamentos verbais – todo o comportamento dos alunos, através da linguagem oral.
- comportamentos não verbais – todas as manifestações comportamentais dos alunos, através do movimento.

No que diz respeito à categoria do comportamento verbal definiram-se três subcategorias:

- comunicação parasita – quando o aluno fala em voz baixa para os companheiros, no sentido de distração.
- participação solicitada - quando o aluno se exprime oralmente a pedido/ solicitação do professor.
- participação espontânea – quando o aluno se expressa oralmente por sua livre iniciativa.

Para a categoria comportamentos não verbais destacamos 4 sub-categorias:

- manipulação de objectos – é-nos indicada quando o aluno mexe em objectos durante a aula.
- deslocação – é definida como a movimentação do aluno no espaço sala.

- expressão corporal – é definida no sentido de comportamentos gestuais e mímicos.
- tentativa de comunicação – é entendida quando o aluno procura comunicar algo, levantando o dedo.

2.5.4. Análise documental

Na análise documental demos enfoque, em termos de pesquisa e recolha de informação, aos materiais escritos, nomeadamente: Projecto Curricular de Turma, Projecto Educativo de Escola e Programa Educativo Individual da aluna Mariana, considerada com NEE.

Numa primeira abordagem foram feitas as leituras, a escolha e interpretação das ideias, bem como a distinção dentre as ideias expostas daquelas que se nos revelaram de maior importância. Foram seleccionadas frases, parágrafos ou períodos retirados dos documentos em análise, procurando agrupá-los em unidades de análise semelhantes, segundo a análise de conteúdo de Bardin (1995). Posteriormente, construiu-se uma grelha de análise de conteúdo (anexo 12) dividida em 11 categorias.

- Contexto escolar
- Espaço físico e logístico
- Recursos humanos
- Preocupações explícitas para dinamização de uma escola de sucesso para todos e com todos
- O grupo/a turma
- Caracterização estrutural
- Caracterização dinâmica:
 - aprendizagens
 - metodologias utilizadas com a turma
- Casos específicos do grupo/da turma
- História compreensiva do/s aluno/s
- Caracterização do percurso escolar
- Nível actual de competências

Capítulo III - Caracterização da situação inicial em que se interveio e dos contextos em que a mesma se insere

O agrupamento em que se insere o nosso Projecto está inserido num Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP2), que no actual contexto visa promover “a territorialização de políticas educativas segundo critérios de prioridade e discriminação positiva.” Despacho normativo n.º 55/2008 Diário da República, 2.ª Série — N.º 206 — 23 de Outubro de 2008

3.1. O contexto escolar

A Escola Básica, do 1º ciclo, onde iremos desenvolver o nosso projecto, situa-se no concelho de Portalegre, distrito de Portalegre.

Através da informação recolhida no Projecto Curricular Turma (pág.12-14), ficámos a saber que se trata de uma freguesia urbana, das dez que constituem o concelho de Portalegre. A freguesia serve essencialmente a população residente num Bairro, bairro de que na sua génese (década de 70) perseguiu objectivos de alojar famílias com carências económicas, constituída por 10 275 habitantes, prevalecendo, no bairro, a habilitação social.

O sector de maior investimento da actividade empresarial é o comércio por grosso e a retalho, manifestando alguma relevância as actividades ligadas à construção e ao alojamento e restauração. A estrutura sócio-profissional apresenta um número significativo de trabalhadores não qualificados e com baixa escolaridade, com baixo espírito empresarial, desemprego acentuado, com fraco potencial de adaptabilidade à inovação e sustentação em matéria de estrutura do tecido produtivo e empresarial, fraco nível de produtividade média, escassez ou inexistência de serviços públicos em áreas sociais, culturais e educativas.

A população residente apresenta um nível de instrução concentrado no primeiro ciclo do ensino básico (33%), acrescendo uma percentagem de população com “nenhum” nível de instrução (17%), obtendo assim valores muito significativos relativamente ao baixo nível de instrução da população.

As principais actividades económicas são: turismo, comércio, serviços, exploração de cortiça, manufactura de tapetes, viticultura, hotelaria, construção civil, metalúrgica, móveis e transformação de madeiras.

3.1.1. Espaços físicos e logísticos

Segundo o Projecto Educativo de Escola, o estabelecimento de ensino é um edifício P3 com dois pisos. No primeiro piso existem seis salas de aula, três das quais são usadas pelo Jardim-de-Infância, um gabinete de coordenação, um laboratório, uma cozinha, uma arrecadação, seis casas de banho e um polivalente. No segundo piso funcionam seis salas de aula, um gabinete de apoio educativo, a biblioteca e seis casas de banho.

Em relação ao equipamento informático, a biblioteca, o gabinete de apoio educativo e todas as salas têm pelo menos um computador. Relativamente a adaptações para alunos portadores de deficiência a escola não está minimamente apetrechada. No que respeita ao espaço exterior existe um logradouro, sendo todo o espaço exterior protegido por uma vedação.

O Jardim-de-Infância tem duas turmas, ambas com 25 alunos, enquanto o primeiro ciclo está dividido em sete turmas, havendo uma de primeiro ano e duas para cada um dos restantes três anos de escolaridade, o que perfaz um total de sete turmas, com 141 alunos: 27 de primeiro ano, 35 de segundo, 41 de terceiro e 38 de quarto.

3.1.2. Recursos humanos

Pela análise do Projecto Educativo de Escola (pág.25), constata-se que o corpo docente é constituído por sete professores titulares de turma, um professor de apoio pedagógico e um professor de Educação Especial com funções, não exclusivamente nesta escola. A instituição dispõe da equipa técnica de saúde do Agrupamento e tem um total de dez funcionários, dos quais quatro estão colocados pelo Centro de Emprego, três pela Câmara Municipal a contrato e também três auxiliares de acção educativa com vínculo ao Ministério da Educação.

3.1.3. Dinâmica educativa

O Projecto Curricular de Agrupamento parte da “convicção de que uma escola de sucesso, para todos, passa pela reconstrução do Currículo Nacional, de modo a ter em conta a diversidade da população que a frequenta” (pág. 6,7).

O agrupamento apresenta a seguinte oferta formativa:

- Ensino Pré-Escolar;
- Primeiro Ciclo do Ensino Básico
- Segundo Ciclo do Ensino Básico
- Terceiro Ciclo do Ensino Básico
- Curso Básico de Música
- Cursos de Educação Formação:
 - Fabricação e Montagem de Estruturas Metálicas
 - Hotelaria e Restauração: Serviço de Mesa
 - Práticas Administrativas
- PIEF de 2º ciclo
- PIEF de 3º ciclo
- Curso de Educação e Formação de Adultos – B1+B2 e B3
- Reconhecimento Validação e Certificação de Competências de Nível Básico
- Reconhecimento Validação e Certificação de Competências de Nível Secundário
- Curso de Alfabetização de Adultos
- Unidade de Ensino Estruturado para alunos com perturbações do espectro do autismo de Portalegre

O agrupamento tem ainda integrado na rede escolar dos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário os Serviços de Psicologia e Orientação (SPO), serviços especializados de apoio educativo, que articulam com as estruturas de orientação educativa das escolas, com os Órgãos de Administração e Gestão e com outros serviços da comunidade educativa, nas áreas da Formação, do Emprego, da Saúde e da Segurança Social, para promover a integração escolar e social dos alunos.

A Equipa técnica permanente do S.P.O. do Agrupamento é constituída por apenas uma psicóloga.

O serviço de Educação Especial do Agrupamento destina-se a promover a existência de condições que assegurem a plena integração escolar dos alunos, conjugando a sua actividade com as estruturas de orientação educativa, professores, directores de turma, conselhos de docentes e de turma.

No Projecto Curricular de Turma (pág.16,17) ressalta a importância dos alunos desta turma apresentarem o perfil de competências gerais ao longo do 1ºCiclo do Ensino Básico, sendo este o principal objectivo da acção educativa.

Encontram-se ainda neste documento as linhas orientadoras para a turma, que se passam a enunciar:

- participar na vida cívica de forma livre, crítica e responsável.
- conhecer e respeitar os outros, a sua identidade, a sua liberdade, os seus valores, a sua cultura.
- ser solidário.
- interpretar acontecimentos, situações e culturas, a partir das explicações de teor histórico, cultural, social e religioso das ideologias.
- utilizar os saberes científicos e tecnológicos para compreender a realidade natural e sociocultural e abordar situações e problemas do quotidiano.
- contribuir para a protecção do meio ambiente, para o equilíbrio ecológico e para a preservação do património.
- desenvolver o sentido de apreciação estética do mundo, recorrendo a referências e conhecimentos básicos no domínio das expressões artísticas.
- estabelecer uma metodologia personalizada de trabalho e de aprendizagem.
- compreender as suas atitudes, proporcionando o seu melhor enquadramento na cooperação com os outros e nos trabalhos de grupo.
- encarar a educação como uma aprendizagem ao longo da vida, procurando uma actualização contínua face às mudanças tecnológicas e culturais, na perspectiva da construção de um projecto de vida social e profissional.
- desenvolver hábitos de vida saudáveis, actividade física e desportiva de acordo com os seus interesses, capacidades e necessidades.
- utilizar de forma adequada a Língua Portuguesa em diferentes situações de comunicação.
- utilizar o código ou os códigos próprios das diferentes áreas do saber, para expressar verbalmente o pensamento próprio.
- seleccionar, recolher e organizar informação para esclarecimento de situações e problemas, segundo a sua natureza e tipo de suporte (informático, enciclopédias...).

Pela análise da entrevista, ficamos a perceber que “ o corpo docente é relativamente novo, tanto professores, como funcionários se respeitam mutuamente. Os alunos, na sua maioria, respeitam os adultos, mas há alguns alunos muito conflituosos com os colegas e perturbadores do bom funcionamento da escola”.

3.1.4. Preocupações explícitas para a dinamização de uma escola de sucesso para todos e com todos

O Projecto Educativo, na sua introdução remete-nos para a preocupação em “olhar para os mecanismos de erradicação do insucesso escolar como o ponto de partida para uma escola de sucesso, com mais qualidade, que sabe medir a sua eficiência e com metas para o futuro, sob o lema: *Educação para Todos numa Escola Inclusiva*”. (Pág. 7)

Este documento remete-nos para as grandes dificuldades dos alunos ao “ nível da leitura e interpretação de ideias, sendo apontadas áreas de intervenção, sendo “ a intenção do projecto é criar condições que promovam o sucesso escolar”. (pág.96)

Neste sentido, as Áreas de intervenção do projecto, enunciadas no PEE (pág.99,100) e que, de algum modo, estão em consonância com o nosso estudo, são as seguintes:

- *Promoção da qualidade do processo de ensino-aprendizagem*

Criação de Oficinas de Apoio no 1º Ciclo do Ensino Básico:

Oficina MEL – Melhor Escrita e Leitura - dirigida a alunos com dificuldades na escrita e na leitura.

Oficina MIL – Matemática Interactiva e Lúdica - dirigida a alunos com dificuldades na aprendizagem de operações matemáticas, que precisem de treinar o cálculo mental e o raciocínio lógico abstracto.

- *Promoção da melhoria do acompanhamento aos alunos com necessidades educativas especiais*, oferecendo-lhes melhores condições de adaptação da escola às suas necessidades através da rentabilização dos técnicos.

- *Formação de docentes*, em parceria com o Centro de Formação Profissional: no domínio das novas tecnologias de Informação e Comunicação, na área da Educação Inclusiva e da prevenção da violência em meio escolar (para todos os ciclos de ensino) e no 1º Ciclo nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática

Ainda de acordo com objectivos a atingir pelo Projecto Educativo da Escola, referenciados no Projecto Curricular de Escola (págs. 27-29), enunciam-se aqueles que, de alguma forma possam permitir a dinamização de uma escola de sucesso para todos e com todos:

promoção de convívio entre os alunos; fomentar o respeito pelos direitos humanos; valorizar e aceitar aquilo que somos; desenvolver actividades de forma solidária e responsável; reconhecer o papel dos agentes educativos como formadores de competências pessoais e sociais junto dos alunos.

3.2. O grupo/a turma

Através da observação naturalista constatámos que se trata de uma turma com um comportamento muito instável e pouco colaborante com as actividades propostas, evidenciando-se nas subcategorias – Repreensão - os alunos nºs 3, 7, 9, 13 e 10; na subcategoria – Manipulação de objectos – nºs 1, 6, 9 e 7 e 10; na subcategoria - participação parasita nºs 1, 3, 9 e 14 e na subcategoria – Deslocação - os alunos nºs 3, 7, 10 e 13.

Pela entrevista, verificámos que a professor titular de turma, refere também: “Os alunos são muito irrequietos, não se mantêm calados, nem sossegados.

3.2.1. Caracterização estrutural

Através da análise o Projecto Curricular de Turma (pág.6), verifica-se que integram a Turma D dezassete alunos com idades compreendidas entre os 7 e os 14 anos de idade, sendo que 7 alunos frequentam o 2º ano de escolaridade, embora um deles o frequente pela 2ª vez. Os outros 10 alunos frequentam o 3º ano de escolaridade.

Pela entrevista, efectuada à professora titular de Turma fomos informados que, “em meados de Novembro a turma recebeu mais um aluno transferido, perfazendo, actualmente, um total de dezoito alunos. Nove do sexo masculino e 9 do sexo feminino com um nível etário médio de 8 anos mas com uma amplitude que vai dos 6 aos 14 anos.”

Com base na análise dos dados recolhidos no P.C.T.(pág. 7), os alunos da turma D pertencem a um meio sócio-económico médio baixo. Constata-se que um número considerável de algumas famílias têm um ou vários membros que as compõem, desempregados ou em situação doméstica. No entanto, num número mais reduzido, alguns dos alunos vivem no seio de uma família com meios económicos considerados bons. Beneficiam de auxílio económico um total de 10 alunos (9 escalão A e 1 escalão B). O Agregado Familiar, em média é composto por 4 elementos.

É de referir também, que alguns dos alunos são filhos de pais divorciados, em que existe a figura de padrasto/madrasta, “sem influência negativa para a criança” (informações do Projecto Curricular de Turma).

3.2.2. Caracterização dinâmica

A caracterização dinâmica que se apresenta, de seguida, tem como suporte a análise documental, a entrevista, a sociometria e a observação naturalista.

3.2.2.1. Interações dos alunos

Ao analisarmos a matriz sociométrica, realizada antes de encetarmos a intervenção, ao nível das escolhas, verificámos que a aluna nº 13 foi a mais escolhida da turma, pois, num universo de 18 alunos, foi escolhida por 11 colegas (7 rapazes e 3 raparigas). A preferência pela aluna nº13, corrobora, o que a professora titular de turma, nos havia dito: “a nº 13 é a líder, embora esta também seja muito conflituosa...”

O aluno nº4 é também dos mais escolhidos, escolhido por 9 colegas (6 rapazes e 3 raparigas), distribuídos pelos 3 critérios, também este no entender da professora “é muito sociável, cativa”. Verifica-se também, através da matriz, que as escolhas recaem sobretudo sobre o mesmo sexo, embora haja diversas escolhas direccionadas para o sexo oposto, sobretudo ao nível das escolhas dos rapazes, independentemente do critério em análise.

Ao contrário dos restantes colegas, a aluna nº13 escolhe quatro colegas do sexo masculino, o que se possa explicar, pelas palavras da professora “ é uma Maria rapaz” e apenas duas do feminino e o aluno nº 9 escolhe 6 colegas do sexo feminino e apenas um do sexo masculino.

Ao atentarmos sobre a escolha do colega de carteira (1º critério), destacam-se: o aluno nº4 (7 escolhas), a aluna nº16 e o aluno nº2 com 5 escolhas. No que se refere à escolha de colegas para a realização de trabalho de grupo, sobressaem as alunas nº 13 e nº 16, respectivamente com 8 e 7 escolhas.

No que concerne à escolha de um colega para as brincadeiras ou jogos, as escolhas recaem para dois rapazes nº 4 e nº7, com 6 escolhas.

O aluno que mais dispersou as suas escolhas foi o aluno nº 5 (9 escolhas), alargando as suas escolhas a mais de 50% dos alunos da turma, seguindo-se os alunos nº3 e nº7 com 7 escolhas.

Por seu lado, as raparigas, são aquelas que concentram o menor número de escolhas, escolhendo apenas 3 colegas.

Quando analisamos as reciprocidades, constatamos a existência de 24 reciprocidades parciais e 4 reciprocidades directas/ totais. Denota-se que é uma turma unida pela amizade, embora maioritariamente visíveis ao nível do sexo feminino. A análise da entrevista corrobora o atrás referido, quando a professora titular de turma refere “ eles [os alunos] dão-se todos bem”.

Revela-se a existência de uma reciprocidade total entre a aluna nº13 e aluno nº7, o que comprova o resultado da observação naturalista, pois constatámos que ambos os alunos têm comportamentos muito semelhantes, em contexto de sala de aula: de indisciplina e irreverência (na subcategoria da repreensão e actos de indisciplina são os mais nomeados).

Da análise efectuada, no teste sociométrico, verifica-se que o aluno nº 6 não fez qualquer escolha. Através de conversa informal, fomos informados, pela professora titular de turma, que o aluno se encontrava de mau humor e quando isto acontece só faz o que entende. Talvez devido ao seu mau humor constante, o aluno só foi escolhido por 3 colegas, embora a aluna menos escolhida, pelos elementos da turma, tenha sido a aluna nº10, considerada com Necessidades Educativas Especiais, com apenas uma escolha. Facto este comprovado pela professora titular de turma, quando afirma: “a Mariana [aluna nº10] mete-se com todos, mas eles não lhe ligam. Já a sentei ao lado de todos, mas todos se queixam...ela mexe nas coisas deles e não está sossegada”. Logo, seguida desta, encontram-se os alunos nº3 e nº8, ambos de etnia cigana, apenas com 2 escolhas.

Ao analisarmos a matriz sociométrica das rejeições (anexo 3), verificamos mais uma vez que a aluna nº 10 (aluna considerada com NEE) é a mais rejeitada, independentemente do critério, sendo rejeitada por 12 colegas, seguindo-se do seu colega nº 7 (de raça negra), rejeitado por 7 colegas. O aluno nº7 apresenta registos muito díspares, ao analisarmos as matrizes de escolha e rejeição, embora tenha sido muito escolhido é, ao mesmo tempo, dos mais rejeitados. Pelo analisado verifica-se que deve ter uma má relação com as raparigas, pois 5 delas rejeitam-no, sobretudo para se sentarem ao seu lado. As suas rejeições recaem sobre um rapaz, o nº9, recaindo também as outras duas em raparigas, nº 10 e 12, embora nenhum deles o rejeite.

As rejeições existentes na turma foram diversificadas, não havendo nenhum aluno que rejeite outro em todos os critérios. É notório que as raparigas só rejeitam rapazes, à excepção de rejeitarem a aluna nº10, enquanto todos os rapazes rejeitaram pelo menos uma rapariga. Este facto já vinha a acontecer nas escolhas, as raparigas pertencem a grupos mais fechados, evitando os rapazes.

Em relação à reciprocidade, verificam-se 3 reciprocidades parciais, no que diz respeito às rejeições: a aluna nº10 com a aluna nº11, a aluna nº11, com o aluno nº5 e a aluna nº 10 com o aluno nº 1.

3.2.2.2. Competências/ aprendizagens

De acordo com o PCT (pág.11), no que respeita ao processo ensino/aprendizagem, o grupo é formado por dois grandes grupos. Um dos grupos é constituído por oito crianças do 2º ano de escolaridade, ao qual se juntam dez crianças do 3º ano com grandes dificuldades experimentadas no ano lectivo transacto, sobretudo ao nível da Leitura e escrita.

Dadas as dificuldades sentidas, no âmbito da Língua Portuguesa e da Matemática, dos dez alunos (3º ano), quatro frequentam as Oficinas do M.E.L e do M.I.L

Pelo descrito no PCT (pág.16), ao nível da definição de estratégia Educativa global para a turma, houve necessidade de se adoptar estratégias específicas, em virtude da “turma ser constituída por um outro grupo constituído por alunos com retenções, por alunos com NEE e por alunos transferidos de outras turmas, e ainda por um terceiro grupo de alunos que segue o seu percurso escolar normal”.

Encontra-se definido no PCT (pág.19) que “será privilegiado um ensino individualizado, procurando responder às necessidades muito próprias e específicas de cada um dos alunos que integram a turma a par de uma necessária partição do tempo para o ensino necessariamente expositivo quando se introduzam novas aprendizagens para cada um dos dois anos de escolaridade”.

Pelo exposto no PCT (pág.20), considera-se que a existência na escola das Oficinas M.E.L (Melhor Escrita e Leitura) e M.I.L (Matemática Interactiva e Lúdica), a Biblioteca/Centro de Recursos e o recurso às TIC serão também uma mais valia para a aprendizagem dos alunos. Assim como as actividades de enriquecimento curricular, constituindo um reforço para o aumento da ligação afectiva destas crianças em relação à escola.

3.2.3.Casos específicos do grupo/da turma

Através da análise da entrevista, bem como do PCT (pág.11), constatámos que a turma apresenta 3 casos específicos de alunos: a **Mariana** (aluna nº10) “encontra-se abrangida pela

alínea e) do artº. 16º do Decreto-Lei nº. 3/2008”. Experimentou grandes dificuldades nos seus dois primeiros anos de escolaridade, tendo ficado “retida no 2º ano”. A aluna tem um Programa Educativo Individual e beneficia de apoio educativo, apoio psicológico, bem como de terapia da fala.

O aluno nº6 encontra-se “abrangido pelas alíneas: a) apoio pedagógico personalizado, b) adequações curriculares individuais, e d) adequações no processo de avaliação”, do artigo 16º do Decreto-Lei nº. 3/2008, de 7 de Janeiro. Experimentou já uma retenção repetida no 2º ano de escolaridade e mudou de turma, no ano transacto, na tentativa de o juntar a um grupo com competências semelhantes às suas como forma de o estimular. O aluno tem um Programa Educativo Individual e beneficia de apoio educativo. É uma criança com variações de humor e no que respeita às tarefas escolares, revela grandes dificuldades na área da Língua Portuguesa.

O aluno nº1 encontra-se a beneficiar de Plano de Acompanhamento. É um aluno repetente no 2º ano de escolaridade e, no ano transacto, já beneficiou de Plano de Recuperação. Experimentou grandes dificuldades de aprendizagem nos anos de escolaridade transactos.

Este aluno matriculou-se no 1º ano em 2004/2005, mas tem pautado o seu percurso escolar por um elevado absentismo, o que tem impedido uma progressão nas aprendizagens apesar dos diversos Planos de Recuperação de que tem beneficiado. Tem já 14 anos de idade mas continua num nível inicial das aprendizagens formais. Beneficia de Plano de Acompanhamento, devido à retenção. Apresenta-se sem todo o material necessário, nomeadamente os manuais escolares.

3.2.3.1. História compreensiva da Mariana: Pessoal, clínica, familiar, social e escolar

Resolvemos debruçarmo-nos sobre a compreensão da situação da aluna nº 10, tendo-lhe atribuído um nome de código de “Mariana”, para mais fácil identificação, da referida aluna.

Embora sejam identificados três casos merecedores de atenção e que emergem da turma, foi nossa intenção concentrarmo-nos neste caso, uma vez que o mesmo se destaca do restante grupo. No entanto, visto que a nossa intervenção será feita na turma e com a turma, Todos os alunos serão contemplados no nosso trabalho.

Mariana é uma menina com sete anos, que apresenta défice cognitivo, com consequente atraso na linguagem (PEI 2008/09). A Mariana está integrada numa turma do 2º ano de uma escola do 1º Ciclo do concelho de Portalegre.

A mãe da Mariana, na entrevista, referiu que a Mariana nasceu de cesariana sem complicações. A Mariana vive com a mãe, com o companheiro da mãe e a irmã de 18 meses. A mãe tem o sexto ano e encontra-se desempregada e o companheiro desta é pedreiro.

Os contactos com o pai biológico são escassos, após a mãe ter mudado de residência, assumindo o companheiro da mãe as funções de pai e o sustento da família.

De acordo com a mãe, a família vive numa casa alugada, com condições, havendo um quarto para cada criança.

A atitude da família de Mariana é descrita, na entrevista, pela professora titular de turma, da seguinte forma “a família procura que a Mariana faça uma maior rentabilização das suas potencialidades (...) a mãe fica contente com os seus progressos, mas nem sempre corresponde às solicitações da escola, pois mesmo quando convocada, nem sempre comparece”, acrescentando-se que “houve pouco envolvimento e colaboração por parte do encarregado de educação”. O que se pode confirmar pela entrevista à Encarregada de Educação, pois esta parece mais preocupada em ir buscar a filha ao infantário do que tratar de assuntos relacionados com a Mariana: “eu tenho que me despachar, para ir buscar a outra, ele [o companheiro] daqui a bocado está aí.”

Em relação ao atendimento, quer a nível das necessidades básicas, como a alimentação ou higiene, a professora refere “julgo que aí a situação está controlada, a Mariana aparece limpa e cuidada, não evidenciando maus-tratos”. No entanto, é referido no P.C.T (pág.10) que a aluna estava a ser acompanhada pela Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, após uma queixa anónima.

3.2.3.2. Caracterização do percurso escolar / Nível Actual de competências

Aos três anos, começa a frequentar o jardim-de-infância, evidenciando desde já um grande atraso no desenvolvimento cognitivo e da linguagem. No entanto, com a mudança de residência da mãe, esta informação não foi cedida à escola do 1º ciclo, onde a aluna se matricula, com 5 anos, matrícula facultativa, no ano lectivo de 2007/08. O professor do 1ºciclo, desde logo começa a aperceber-se das inúmeras dificuldades da aluna, sendo a mesma

avaliada, no início do ano lectivo seguinte, 2008/2009 (Conversa informal com o Coordenador de Escola).

De acordo com o Perfil de Funcionalidade da aluna, PEI de 2008, constatou-se ao nível das funções do corpo, a aluna evidencia “ imaturidade cognitiva e emocional condicionadora das aquisições (...) dificuldades ao nível da comunicação, fala e linguagem (...) problemas articulatórios, um léxico verbal muito pobre e com muitas limitações ao nível da compreensão e aquisição de novos conceitos (...) perfil cognitivo abaixo do esperado para a sua faixa etária, com comprometimento acentuado das funções intelectuais, da linguagem e psicomotoras.”

Ao nível da actividade e participação é referido que a aluna apresenta “ dificuldades ao nível da atenção concentrada...ritmo de trabalho muito abaixo do esperado (...) pouco autónoma.”

No que diz respeito aos factores ambientais, a família passava por dificuldades económicas, tendo sido “ encaminhada para requerer a prestação do Rendimento Social de Inserção”.

Nesta sequência, a aluna é integrada no regime educativo especial, passando a beneficiar das seguintes medidas educativas, ao abrigo do Decreto-Lei 3/08, de 7 de Janeiro: alínea a) Apoio Pedagógico Personalizado, alínea b) Adequações Curriculares Individuais e alínea c) Adequações no Processo de Avaliação.

Contudo, no final do ano, a aluna fica retida, pois “ não obteve resultados satisfatórios ao nível do desenvolvimento das competências específicas da leitura, da escrita e do cálculo”. Face às dificuldades demonstradas, em Junho de 2009, é proposta para uma nova reavaliação. O Relatório Pedagógico, de 2009, evidencia que ao nível das funções do corpo, a aluna demonstrou “ uma grande dificuldade na compreensão (...) uma imaturidade intelectual e emocional (...) não revela agilidade mental e há uma lentificação do pensamento (...) apresenta um atraso de desenvolvimento da linguagem, considerado grave.”

Relativamente à actividade e participação, a aluna não conseguiu desenvolver as competências específicas das várias áreas, mas o traçado da letra melhorou. Continua a mostrar uma capacidade dispersa com dificuldades ao nível da atenção concentrada grande imaturidade a todos os níveis.

Os seus desempenhos estão muito abaixo do esperado e continua a revelar dificuldades ao nível da fluência verbal. O seu discurso é muito infantil, o vocabulário é pobre e reduzido, denotando-se problemas na articulação de algumas palavras.

A compreensão leitora através do conto está muito afectada, não reconta, nem mantém a sequência da história, altera factos e tem dificuldade em organizar uma sequência lógica. Nomeia e escreve incorrectamente as vogais minúsculas e maiúsculas e não faz a sua correspondência. Num conjunto de letras e números não faz a sua distinção. Escreve os seus dois primeiros nomes sem modelo, nos apelidos omite e troca letras. Na área da Matemática, nomeia os números até dez e não faz correspondência quantidade/ número. Não resolve situações problemáticas simples, mesmo recorrendo a concretização.

Em relação aos factores ambientais, a família próxima constitui uma barreira grave ao normal desenvolvimento intelectual e social da Mariana. A família está a ser acompanhada pela Comissão Protectora de Crianças e Jovens de Portalegre. A Encarregada de Educação, na entrevista, relativamente às dificuldades da Mariana, refere: “Eu acho que ela é assim por causa da família (...) Os meus irmãos também não aprendiam e eu também não...”

Em suma, o Relatório Técnico Pedagógico da Mariana, aponta para um “nível muito básico para a aprendizagem da leitura e escrita e os seus desempenhos estão muito desajustados em relação ao que se espera para a sua idade, comparando com os seus pares. Revela limitações graves na Actividade e Participação, atraso global no desenvolvimento, em particular nas áreas: cognitiva, da linguagem e psicomotora”. A reavaliação do processo da aluna, com referência à CIF, indicou então que a mesma deveria passar a beneficiar das medidas educativas contempladas no artigo 16º do Decreto-Lei 3/2008, de 7 de Janeiro, especificamente: “Medida E) Currículo Específico Individual.”

Relativamente à observação naturalista efectuada (anexo 11.2), verificou-se que a Mariana em contexto sala de aula perturba o decorrer das aulas: não deixa os colegas trabalhar, desrespeita as regras e requer constantemente a atenção do professor.

No que diz respeito à autonomia da aluna, foi notório a sua dependência do adulto nomeadamente do professor, na sala de aula. Por exemplo, quando este, por qualquer motivo, se distanciava um pouco dela, ela cessava imediatamente a sua tarefa. Por outro lado, foi notório o olhar meigo da aluna, a vontade em estar com os colegas na turma e a necessidade de realizar as tarefas, como os colegas.

Capítulo IV - Plano de Acção

Pretendeu-se com este Trabalho de Projecto, que decorreu entre Fevereiro e Junho de 2010, num total de vinte e cinco sessões, de quarenta e cinco minutos, numa turma de 2º e 3º anos, implementar um projecto, no qual a investigação-acção surgiu como estratégia de articulação, de uma formação reflexiva, dos intervenientes no processo educativo, com uma pedagogia para a autonomia centrada nos alunos.

A primeira fase da experiência correspondeu ao reconhecimento do contexto escolar, dos alunos da turma e da Mariana, em particular, após o qual se seguiu uma intervenção didáctica no âmbito da leitura e escrita e das competências sociais, com ênfase no trabalho cooperativo e na diferenciação pedagógica inclusiva, tendo como princípio a educação inclusiva e a parceria pedagógica entre professor titular de turma e professor de educação especial, culminando na avaliação do impacto da experiência.

4.1. Pressupostos teóricos

A planificação definida teve como principal objectivo responder à problemática enunciada pela turma e pela Mariana, baseando-se nos pressupostos:

- da educação inclusiva, uma sala em que Todos os alunos aprendem juntos, incluindo todos os alunos no ensino regular e encarando-os a todos como diferentes e necessitados de uma pedagogia diferenciada (Perrenoud, 1996) e de um atendimento de forma eficaz às necessidades de cada um. Segundo Sanches (2001), a diversidade é uma mais-valia para o processo de desenvolvimento humano, alicerçados em sentimentos de amizade, de partilha e de participação de todos os elementos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem enfatizando a ideia de que todos os alunos se desenvolvam e atinjam o mais alto nível de sucesso (Morgado, 2004).

- da aprendizagem cooperativa, representando uma oportunidade de êxito porque favorece ou proporciona (Díaz-Aguado, 1996:136)

1. a aprendizagem observacional através dos modelos de aprendizagem cognitiva e social que os colegas proporcionam;
2. o conflito socio-cognitivo que estimula a interacção entre iguais e maior motivação;

3. maior quantidade de tempo de dedicação activa à actividade, o que implica maior nível de activação e elaboração;
4. alargamento das fontes de informação e rapidez com que se obtém feedback sobre os próprios resultados;
5. atenção individualizada, uma vez que o trabalho com um colega se situa mais frequentemente na área de desenvolvimento próximo da criança;
6. oportunidade de poder ensinar os colegas, o que favorece a assimilação e a reorganização do aprendido de forma mais significativa.

- da diferenciação pedagógica inclusiva, procedendo à diversificação e flexibilização, “considerando não só as diferenças entre os alunos, mas também os diferentes objectivos estabelecidos” (Morgado, 2004: 87). Através de um desenvolvimento de práticas inclusivas é possível de atingir a qualidade na educação, a igualdade de oportunidades entre todos os alunos, a inclusão social e a interacção entre os alunos (Rodrigues, 2006).

As acções desenvolvidas foram estruturadas por objectivos e actividades, dinamizadas no grupo e com o grupo. Estas que foram avaliadas sessão a sessão/ reajustadas e reformuladas, num processo de análise e reflexão, por todos os intervenientes no processo, com o objectivo de promover mudanças significativas, ao nível das aprendizagens e atitudes.

A implementação deste projecto obedeceu aos procedimentos de avaliação a seguir descritos: o final de cada etapa foi acompanhado por uma avaliação contínua e sistemática, por todos os intervenientes no processo “com a finalidade de verificar se a evolução das acções está a suceder em conformidade com o previsto ou se há a necessidade de se efectuarem ajustes ou correcções” (Sousa, 2009:96)

Assim sendo o que deu “origem ao decorrer de cada sessão, é a formulação, não de um problema estático, mas de vários problemas dinâmicos, que se vão modificando em conformidade com os resultados da acção que se vai desenvolvendo” (Sousa, 2009:99).

4.2. Planificação, realização e avaliação da Intervenção

Ao planificar qualquer intervenção educativa, o professor terá que avaliar as dificuldades e as potencialidades de cada aluno, consoante essa avaliação, assim estabelecerá o programa mais adequado.

Neste sentido, foram planificadas sessões para a turma, em conjunto com o professor titular de turma, dando enfoque às competências ao nível da leitura e escrita, bem como das competências sociais, para dar resposta às limitações dos alunos nestas áreas, atendendo uma aluna com défice cognitivo. Foram igualmente planificadas sessões junto da mãe da aluna, Mariana, considerada com NEE, de forma a contribuir para um maior envolvimento da mãe no processo educativo da aluna e potenciar o desenvolvimento harmonioso de competências da sua educanda.

No final de cada sessão foram preenchidas grelhas de registo em ambos os contextos intervencionados e em reuniões com os elementos intervenientes no processo, foi feita uma análise global da evolução dos alunos, para que se pudessem reformular estratégias e competências, sempre que se justificasse.

4.2.1. Planificação Global da Intervenção

A proposta de Planificação da Intervenção a longo prazo teve como referência o perfil educacional dos alunos já apresentados, bem como a informação da análise de dados das entrevistas, da sociometria, da observação naturalista e da análise documental. Neste sentido e tal como refere Vieira e Pereira (1996) coube-nos a nós, professores, “ a responsabilidade de articular as informações fornecidas por outros técnicos seleccionando o fundamental” e a partir daí desenvolver a nossa intervenção, assumindo uma perspectiva ecológica, em que se valorizam as relações que a criança estabelece com os outros e com o meio, como factores preponderantes no seu desenvolvimento.

Na planificação da intervenção, tivemos em atenção os conhecimentos dos alunos e, em particular, da Mariana, propondo objectivos observáveis e funcionais, passíveis de ser alcançados pelos alunos e assim promover o sucesso escolar e pessoal.

Assim a nossa intervenção situou-se a 2 níveis, de acordo com os quadros que se passam a apresentar:

- intervenção com a criança, em contexto de sala de aula com o grupo/turma (quadro 2);
- intervenção junto da família (quadro3);

Quadro 2 – Programação a longo Prazo: contexto sala de aula

Áreas: Língua Portuguesa/Competências sociais							
Competências gerais	Competências específicas	Estratégias	Actividades	Calendarização	Recursos	Avaliação	Contexto de actuação
Competências sociais: Relacionar-se adequadamente com os colegas Competências Académicas: Desenvolver a competência da Leitura Compreender o que lê	-Aguardar pela sua vez para intervir -Participar em conversas de grupo -Estar sentado -Levantar o dedo -Não brigar com os colegas -respeitar os objectos pessoais dos colegas -cooperar nos trabalhos -Escriver o seu nome -Identificar o 1º nome dos colegas -Escriver o nome dos pais -Ouvir ler histórias -Identificar as personagens do texto -Reconhecer palavras associadas às imagens -Imaginar a história -Responder a questões	Trabalho em grande grupo Trabalho cooperativo Trabalho em pequeno grupo Trabalho em grupo	Actividade 1 “ Quem é quem? ” -Leitura de frases - quem somos – levantar o dedo sempre que se identifiquem	1ª e 2ª sessões (no decorrer da intervenção, nos trabalhos de grupo)	Lista “ Quem é quem” Cartolina, tintas, revistas, tesouras, lápis de cor e colas Folhas de papel Lápis de cor Textos Imagens	Registo em grelha de avaliação de competências académicas e sociais Diálogo Ficha síntese das dificuldades e potencialidades na leitura Auto e hetero-avaliação do trabalho em grupo	Sala de aula, com o grupo turma
			Actividade 2 “ A minha festa de anos” - Lista de convidados (nome dos colegas da sala), menu, programa, convite	3ª e 4ª sessões			
			Actividade 4 “Dia do Pai” -Leitura e exploração de textos	5ª e 6ª sessões			
			Actividade 5 “ A Páscoa está a chegar” Comemoração da época Actividade 6 “ Ser Diferente” Abordagem do tema: ser diferente, do respeito e da amizade	7ª e 8ª Sessões 9º e 10ª sessões			

Criar hábitos de leitura	- Ordenar acontecimentos -Escrever frases -Escrever a data de aniversário -Identificar rimas -Fazer rimas	Trabalho de pares	Actividade 7 “ 25 de Abril” -Comemoração da época -Participação em Jogos de dominó e cartas de palavras	11ª e 12 sessões	Dominó de palavras	Ficha síntese das dificuldades e potencialidades na escrita	
		Trabalho de pares/ tutoria	Actividade 8 “ Dia da Mãe” Abordagem do tema	13ª,14ª sessões	Guiões de leitura		
Desenvolver a competência da escrita	-Folhear livros -ouvir ler -ler palavras -Escolher livros	Trabalho em grupo	Actividade 9 “ Vamos rimar e ler poesia”	15ª16ª, 17ª sessões	Cartões com imagens	Auto e hetero-avaliação do trabalho em grupo	Biblioteca da escola
			Actividade 10 “Visita à biblioteca” -Audição de uma história lida por um adulto. -Contacto com livros -Escolha de um livro, com ajuda de um colega	18ª, 19ª sessões	Cartões palavra / imagem		
			Actividade 11 “Vamos Escrever Melhor” -Construção de histórias, a partir de imagens -Apresentação das histórias	20ª, 21ª,22ª,23ª sessões	Powerpoint		
	-Pôr ordem lógica às figuras/ situações de uma história -Identificar a ideia principal de um texto -Escrever frases		Actividade 13 “Viver a poesia” -Memorização de lengalengas, poesias, rimas...para apresentação aos pais	Final da intervenção	Cartões: personagens tempo Espaço acções	Observação dos comportamentos e atitudes (registo em grelha de avaliação de competências)	Sala de aula, com o grupo turma
	-Memorizar rimas, lengalengas...						

Quadro 3 – Programação a longo prazo: contexto familiar

Competências Gerais	Competências Específicas	Estratégias/ Actividades	Calendarização	Recursos	Avaliação	Contexto de actuação
Relacionar-se adequadamente com os adultos	-Ajudar a pôr a mesa -Arrumar o material escolar -Ajudar a limpar o seu quarto -Ajudar a cuidar da sua roupa -Seguir ordens do adulto	Actividade 1 “Vou ajudar a mamã” Ajudar o adulto em tarefas simples do dia-a-dia	1ª, 2ª e 3ª Sessões	Ficha quinzenal	Reflexão conjunta com os encarregados de educação	Em casa
Desenvolver as competências da leitura	-Participa em momentos de leitura com a mãe -Aprecia as leituras	Actividade 2 “Ler em família” -Lê alto palavras e/ ou pequenas frases, com a mãe -Ouve ler a mãe -Folheia um livro -Diz o que mais gostou na história -Descreve imagens	4ª, 5ª e 6ª Sessões	Livros Revistas Jornais	Ficha quinzenal de observação de comportamentos por parte dos pais, contendo a listagem das actividades, os dias e o registo da avaliação: fez por iniciativa própria, não fez, fez depois de chamada à atenção	
Desenvolver as competências da escrita	-Registar palavras, frases ou desenhos do seu interesse ou sugeridas pela mãe	Actividade 3 “Diário” -Escreve palavras -Copia e escreve pequenas frases -Faz desenhos	7ª, 8ª e 9ª Sessões	Diário	(aplicável em todas as actividades, adaptada à situação)	
Sensibilizar os pais para a importância da leitura e escrita, no desenvolvimento da criança	-Recitar poesia	Actividade 4 “Partilhar as palavras” Sarau de poesia – leitura de textos pelos alunos (pedir a participação activa dos pais)	Final da intervenção (14 Junho)	Canções Rimas Lengalengas	-Participação -Cooperação -Empenho -Atenção	Na sala de aula

4.2.2. Planificação, Intervenção, avaliação e reflexão a curto prazo - semanal

A planificação que a seguir se enuncia foi realizada semanalmente, correspondendo a duas sessões, incidindo nas áreas de Língua Portuguesa (leitura e escrita) e das competências sociais, perfazendo um total de vinte e cinco sessões. Foi feita a intervenção ao nível do grupo/turma do 2º e 3º ano, bem como ao nível da família da aluna Mariana, aluna considerada com NEE.

Na concretização da planificação teve-se como base uma sala de aula verdadeiramente Inclusiva, organizada e funcionando de forma a responder a alunos “diferentes”, com diferentes competências, com capacidades, com estilos de aprendizagem individuais (Wang, 1997; Porter 1997) e ritmos de aprendizagem diversificados (Sanches, 2001; Morgado, 2003a). Neste sentido, adoptaram-se estratégias que permitiram envolver todos os alunos, procurando a rotatividade dos grupos, para não os rotular e excluir do grupo a que pertenciam e fazendo diferenciação pedagógica, tendo em conta os estilos de aprendizagem de cada um (Sanches, 2001). Esta intervenção resultou da parceria pedagógica entre professor titular de turma e professor de educação, tornando-se necessário a avaliação e reflexão regular sobre as competências a aprender, que aparecem consubstanciadas em forma de um “Diário do professor”, dando conta do decorrer das sessões, da avaliação (efectuada por alunos e professores) e da reflexão conjunta, com pistas de orientação para as sessões seguintes.

Os materiais construídos para as diferentes sessões, nomeadamente fichas e guiões de trabalho, foram organizados por sessões, encontrando-se a título ilustrativo em anexo, assim como algumas fotografias mais representativas do trabalho de intervenção realizado (anexos 61 e 62).

Semanalmente, apresenta-se a intervenção realizada ao nível da família, mais concretamente com a mãe da aluna Mariana, considerada com NEE, salientando-se os objectivos a atingir em cada sessão. Em anexo apresentam-se as propostas de intervenção com a mãe e respectiva avaliação (anexos 49-52).

4.2.2.1. A nível do grupo e do/s aluno/s “caso”

Semana de 22 de Fevereiro a 26 de Fevereiro

Planificação - Sessões 1 e 2		Data: 22 e 23/2
Hora de início: 9:00 Hora de término: 10.30		
Actividade: “ <i>Quem é quem</i> ”		
Competências gerais: • Participar adequadamente • Relacionar-se adequadamente com os colegas • Reconhecer o nome dos colegas Competências específicas: • Levantar o dedo para intervir • Estar sentado 10m • Identificar o 1º nome dos colegas Material: • PowerPoint - História de Sebastião • Lista “Quem é quem; • Cartolina, formato A3 • Tesoura, cola, jornais, revistas, canetas de feltro Metodologia: • 1ª Sessão - Trabalho de grande grupo • 2ª Sessão – Trabalho de pares Desenvolvimento: 1ª Sessão 1º A professora conta aos alunos uma história sobre a amizade - história do pinguim, Sebastião, recorrendo ao PowerPoint. 2º De seguida estabelece-se um diálogo sobre as perguntas que se enunciam e sempre que um aluno saiba a resposta deverá levantar o dedo, para que lhe seja dada a palavra: • -quem era Sebastião? • -o que procurava Sebastião? • -quais foram as coisas que ele encontrou? • -o que aconteceu à neve e à lua? • - Afinal o que tanto procurava Sebastião? 3º De seguida pode pedir-se aos alunos que refiram como se identificam com a personagem da história, Sebastião e se também eles procuram amigos, explicando-se que embora sendo diferentes uns dos outros, podemos ser amigos, pois há sempre alguns aspectos em que somos iguais. 4º Para comprovar a reflexão feita, a professora propõe à turma um jogo de preferências, lendo algumas frases relativas a acontecimentos, gostos e preferências, pedindo aos alunos que levantem o dedo, sempre que se identifiquem com uma das frases. 5º A professora vai registando num cartaz as respostas dadas por cada aluno. 6º Depois estabelece-se um diálogo sobre as respostas dadas, encontrando-se as respostas comuns e apercebendo-nos que somos diferentes uns dos outros e também temos as nossas semelhanças. 7º Por fim, sugere-se aos alunos que, esta semana, comemorem a semana dos afectos, oferecendo mimos aos amigos, enviando mensagens de amizade (desenhos ou palavras), podendo pedir, em casa, a colaboração dos pais. 2ª Sessão 8º Partindo da história trabalhada, pede-se aos alunos que a recontem oralmente, levantando o dedo sempre que queiram intervir. 9º De seguida, os alunos recordam o nome da personagem da história e são também convidados a se identificarem pelo nome. Pede-se aos alunos que se juntem em grupos de pares, sendo distribuído a cada grupo um jornal ou revista, se possível, tesouras, cola, cartolinas. 10º Solicita-se aos alunos que escrevam o seu primeiro nome na vertical, para a construção de um acróstico, através de imagens ou através da escrita, dispondo cada grupo de 45m para dar corpo ao seu trabalho. 11º Cada grupo apresenta o seu trabalho ao grande grupo e afixa-se no placar da sala de aula. 12º Individualmente, cada aluno terá que identificar, lendo, os nomes dos colegas que estão afixados. 13º Por fim, é distribuído a cada aluno, de forma aleatória, um cartão colorido, com o nome de um colega este terá que ler o nome que lhe coube e entregá-lo ao respectivo colega, que o colocará em cima da mesa, para melhor identificação. 14º No final é feita a auto-avaliação que é registada em ficha própria e oralmente far-se-á a hetero-avaliação das actividades desenvolvidas.		

Intervenção, avaliação e reflexão

1ª Expectativas sobre a sessão

As expectativas são muitas, pois é a minha 1ª intervenção. Contudo, muitas dúvidas e receios se levantam: como irá reagir a turma à minha presença? Como se irá sentir a Mariana?

2ª O que aconteceu nesta sessão?

Comecei por apresentar aos alunos o projecto, tendo a maioria ficado entusiasmado, mas senti alguma desconfiança em dois ou três.

Apresentei, de seguida, os objectivos para as sessões e esclareci as dúvidas, alertando para a importância de não intervirem todos ao mesmo tempo e sempre que o quisessem fazer deviam levantar o dedo, bem como deviam estar sentados durante a aula.

Comecei então por contar uma história de amizade, com recurso ao PowerPoint. Todos os alunos se mantiveram sossegados, calados e muitos atentos à história.

Seguidamente, fizemos a exploração da história, a partir de algumas questões que eu ia colocando, tendo os alunos mostrado um grande interesse em participar, levantando o dedo, à excepção da Mariana que nunca levantou o dedo para intervir. Eu e o professor da turma, ao apercebermo-nos da situação, fizemos-lhe algumas perguntas dirigidas e tentámos que a Mariana participasse como os restantes colegas, mas ela nada disse, parecia bloqueada.

No final da exploração da história, todos em conjunto chegámos à conclusão que a amizade é muito importante e que todos nós, embora diferentes, temos muitos aspectos em comum. Para comprovar a nossa reflexão, fiz um conjunto de questões sobre as preferências de cada um e todos foram colocar as respostas num cartaz que ficou afixado na sala de aula. Verificamos, por exemplo que todos gostam de comer pizza, bem como de ir à piscina, no entanto, cantar só alguns gostam.

Na sessão seguinte, retomando a história anterior e o nome da personagem principal, falamos sobre a importância de todos termos um nome para nos identificar. Posto isto, os alunos, em grupo de pares, foram convidados a apresentar-se sobre a forma de um poema - um acróstico. Os alunos que já escrevem utilizaram a escrita, os outros fizeram-no utilizando ilustrações. No fim cada grupo apresentou o seu trabalho à turma, mostrando o seu nome.

Para consolidar a aprendizagem dos nomes, foi distribuído a cada aluno um cartão onde estava inscrito um nome de um colega este tinha que o ler e ir passando aos colegas até todos os nomes serem lidos. Os respectivos cartões ficaram na secretária de cada aluno, para melhor se identificarem. Por fim, os alunos fizeram a avaliação oral da actividade.

3ºAtendi às expectativas? Fiquei alguém ou além?

Julgo ter conseguido alcançar, em parte os objectivos, a que me propunha, pois não ficaram esgotados nesta sessão. Julgo haver necessidade de os retomar noutra sessão.

4ºReflexão e reajustes para a próxima sessão

No global, julgo que as sessões correram bem. Os alunos aderiram muito bem às actividades, tiveram a preocupação de levantar o dedo para intervir, estiveram um grande período de tempo sentados. Contudo, a Mariana, mesmo quando solicitada, não participou na exploração da história. Após reflexão conjunta com o professor da turma, considerámos que se deveu ao facto de esta situação ser completamente nova para a aluna, pois esta não está habituada a fazer o mesmo que os seus colegas, não está habituada a participar, a estar em grande grupo.

Na 2ªactividade, quando fiz as questões sobre as preferências de cada um, a Mariana já participou e levantou o dedo, o que me leva a concluir que como são assuntos do seu dia -a dia, terá mais facilidade em responder.

Em relação ao trabalho a pares, a Mariana participou e colaborou com as colegas, mas inicialmente as colegas não a queriam no seu grupo, mas eu preferi ignorar um pouco a situação, intervindo apenas quando sentia alguma animosidade e alertando para a importância do trabalho ter que ser realizado em conjunto. Julgo que resultou, pois os trabalhos estavam muito bons e todos trabalharam em conjunto. A Mariana estava encantada em poder ajudar a colega e esta por sua vez queria ajudá-la para resultar um bom trabalho. Verificou-se também que inicialmente a Mariana estava sempre a olhar para mim, a chamar-me e, no final, já um pouco cansada começou a rebolar-se no chão. Julgo ser importante, para a Mariana continuar a desenvolver estas competências, em grande grupo, pelo que vamos continuar apesar dos obstáculos que teremos de ultrapassar.

Em relação aos outros alunos, ainda se verificam dificuldades em estar sentados e levantar o dedo, nomeadamente os alunos: nº5, 9, 12, 6, e 13, pelo que há necessidade de continuar a desenvolver estas competências nas próximas sessões.

Em relação à aprendizagem dos nomes dos colegas, a Mariana e o aluno nº3 ainda apresentam dificuldades em identificar metade dos nomes os colegas, pelo que teremos também que reforçar estas aprendizagens, simultaneamente com outras de maior significado para os restantes alunos. Esta avaliação foi feita a partir das respostas dadas acerca do nome dos colegas, aquando da última actividade e foi registada na grelha de avaliação de competências (anexo 15).

Semana de 1 de Março a 5 de Março

Planificação - Sessões 3 e 4		Data: 1 e 2/3
Hora de início: 9:00 Hora de término: 10.30		
Actividade: “Semana da Leitura”		
Competências gerais: • Participar adequadamente • Relacionar-se adequadamente com os colegas • Compreender o texto Competências específicas: • Levantar o dedo para intervir • Estar sentado 10m • Identificar a personagem principal • Reconhecer palavras relacionadas com o conto Material: • PowerPoint – Conto: O Caldo de Pedra • Guiões de leitura • Ficha de auto-avaliação do trabalho de grupo Metodologia: • Trabalho de grupo (3 a 4 elementos) Desenvolvimento: 1ªSessão 1º A professora conta aos alunos um conto tradicional – O caldo de pedra, recorrendo ao PowerPoint. 2º É estabelecido um diálogo sobre as perguntas que se enunciam e sempre que um aluno saiba a resposta deverá levantar o dedo, para que lhe seja dada a palavra: • De que nos fala este conto? • Quem é a personagem principal desta história? • O que precisou o frade para fazer a sopa? • Já alguma vez ouviram falar desta sopa? E já a provaram? 3º De seguida divide-se a turma em subgrupos de 3 a 4 elementos. 4º Distribuem-se os diferentes guiões de trabalho: a compreensão de texto será feita, após a audição do conto, utilizando as letras V (verdadeiro) e F (falso), a identificação da personagem principal será feita com a apresentação de várias imagens-personagens que os alunos terão que identificar com uma x (cruz) e para o reconhecimento e escrita de palavras recorrer-se-á à associação de imagens e palavras. Na realização do trabalho de grupo recorrer-se-á ao trabalho cooperativo, ou seja cada elemento do grupo terá que dar o seu contributo para o grupo e sempre que algum elemento tiver dificuldades os restantes terão que ajudá-lo. 2ªSessão 5º Será distribuída, aos diferentes grupos, a história desordenada, em parágrafos. A professora pede aos grupos que leiam as diferentes partes e que as ordenem de acordo com a história. 6º Por fim, cada grupo é convidado a fazer uma ilustração da história. 7º De seguida, o porta-voz de cada grupo apresentará os trabalhos ao grande grupo. 8º No final, cada grupo fará a auto e hetero-avaliação do trabalho em grupo, registando as conclusões em grelha.		

Intervenção, avaliação e reflexão

1º Expectativas sobre a sessão:

Fui solicitada a participar na semana da leitura, tendo resolvido apresentar um conto tradicional: O caldo de pedra. Julgo que com esta actividade vou conseguir dar cumprimento e seguimento aos objectivos por mim definidos, no entanto estou com alguns receios e muitas expectativas, nomeadamente por ser a 1ª vez que vou utilizar como estratégia a aprendizagem cooperativa, a qual não tem sido desenvolvida nesta turma, devido aos problemas inerentes ao comportamento dos alunos.

2º O que aconteceu nesta sessão?

Em primeiro lugar, dei a conhecer, oralmente, aos alunos, os objectivos que se tinham definido para esta semana. Posto isto, convidei os alunos a ouvir e ver a história, recorrendo ao powerpoint. Nesta actividade os alunos estiveram muito sossegados, calmos, interessados e atentos, foi fácil mantê-los motivados e sentados durante toda a história.

Seguidamente, pedi aos alunos que recontassem oralmente a história, colocando imagens no quadro, ilustrativas do conto.

Tal como na aula anterior, foi dito aos alunos que só podiam intervir se levantassem o dedo no ar. Os alunos manifestaram interesse em participar, mas sempre que se entusiasmavam, esqueciam-se de levantar o dedo, mas logo alguém dizia: “Levanta o dedo!”

Após o reconto do texto, solicitei aos alunos que, de acordo com os seus interesses, se agrupassem em grupo de 3 a 4 elementos. Não foi uma tarefa fácil, pois ninguém queria o aluno nº 8 no grupo, mas após alguma insistência o aluno permaneceu no grupo. No entanto, durante a actividade o aluno não se conseguiu adaptar ao grupo, pedindo várias vezes para ficar sozinho, o que de facto veio a acontecer, pois o grupo não conseguia funcionar.

Um dos elementos do grupo em que a Mariana ficou também franziu a cara, pedindo que a aluna fosse para outro grupo, mas não dei muita importância ao pedido e a Mariana acabou por ficar em ambas as sessões.

De seguida, expliquei aos alunos que o trabalho que iriam fazer tinha que contar com as pequenas participações de cada aluno, para resultar no trabalho final do grupo, pelo que se quisessem ter um bom trabalho teriam que se ajudar mutuamente. Esclareci ainda que o grupo que melhor trabalhasse receberia um diploma de melhor equipa.

Para os alunos que apresentam mais dificuldades e para os alunos do nível de escolaridade inferior recorri a guiões de trabalho, associando sempre a imagem à palavra.

Seguidamente, distribui os guiões de leitura a cada elemento do grupo e pedi aos alunos que escolhessem um porta-voz para apresentar o trabalho ao grande grupo. Durante a realização das actividades eu e o professor da turma circulámos pelos grupos, esclarecendo eventuais dúvidas. No final da actividade, os alunos fizeram a auto e hetero -avaliação do trabalho.

3ºAtendi às expectativas? Fiquei aquém ou além?

Julgo já ter conseguido alcançar que todos alunos intervenham, levantando o dedo no ar e conseguiam estar mais tempo sentado.

Relativamente às competências académicas, sabem identificar a personagem principal de um texto, mas ainda subsistem dúvidas, no que diz respeito à ordenação sequencial de uma história, nomeadamente os alunos de 2º ano.

4ºReflexão e reajustes para a próxima sessão

De uma maneira geral, os alunos estiveram receptivos às actividades. Ficaram muito entusiasmados por irem receber um diploma, notando-se em alguns grupos a preocupação em cumprir o que se pretendia, o aluno nº4 dizia para os colegas de grupo:”temos que estar sentados e em silêncio, não se esqueçam de levantar o dedo.”

Notou-se que a Mariana já esteve mais atenta e descontraída, percebendo que eu não sou só a professora dela, mas de todos os alunos, já não está constantemente a chamar-me, nem a olhar para mim ou a rebolar-se no chão para chamar a atenção.

Enquanto nas primeiras sessões a Mariana teve dificuldade em ser aceite pelo grupo, nestas sessões, sobretudo na última a Mariana já trabalhou com as colegas, quis ajudar e participar e as colegas já a ajudaram.

A Mariana frisou “eu gosto delas, elas são amigas.” O professor também referiu, relativamente à Mariana que ela está mais adaptada, não está só a querer dar nas vistas e que as colegas parecem estar a aceitá-la de melhor agrado. No que diz respeito aos objectivos definidos, a Mariana quando quer participar levanta o dedo e lembra as colegas de o fazerem, está sentada durante períodos muito maiores, pois está a trabalhar em grupo e como as colegas não se levantam ela acaba por também as imitar. Contudo, para o grande grupo, ainda há muitas reservas em considerar as opiniões da Mariana e em aceitá-la. Cada vez que a Mariana se enganava, o aluno nº7 ria-se e a aluna zangava-se.

O aluno nº8 faltou nas duas últimas sessões, pelo que estas foram as suas primeiras aulas a trabalhar nestes moldes, talvez por isso tenha tido muitas dificuldades em se adaptar a esta nova forma de trabalhar, tendo confessado: “Não gosto de trabalhar em grupo, não estou

habituação.” O nº7 também faltou a uma sessão na semana passada, nesta semana também ele mostrou alguma relutância em trabalhar em grupo, apesar de ter feito um bom trabalho.

Dos 18 alunos pelos quais é composta a turma, todos conseguem levantar o dedo para participar, fazendo-o de forma regular.

Dos 18 alunos, três continuam a ter muitas dificuldades em estar em silêncio e estar os 10 minutos sentados: nº6, 7 e 9.

Todos conseguiram identificar a personagem principal, ordenar a história e reconhecer as palavras do conto, sem ajuda, à exceção dos alunos nº 1, 3 e a Mariana (anexo 16)

Na auto e hetero-avaliação, os alunos foram muito críticos, tendo sido considerado por 9 alunos da turma que ainda não sabem estar sentados e em silêncio. Foi unânime que todos consideram que já sabem levantar o dedo. A avaliação foi feita no final da aula, de forma oral. Cada aluno fala daquilo que já sabe fazer, o que ainda tem dificuldades e o que não é capaz de fazer.

É de salientar que tem sido muito difícil trabalhar nesta turma, não só pelas características já enunciadas relativamente ao comportamento, mas sobretudo pela falta de assiduidade dos alunos, pois cada vez que os grupos estão formados, no dia seguinte queremos dar continuidade ao trabalho e há grupos com metade dos elementos iniciais. Embora, nas sessões a situação se tenha ultrapassado da melhor forma e sem dramatizar a situação, sempre que um elemento novo chega ao grupo há que voltar sempre atrás, explicar de novo e avançar.

Na próxima semana, ter-se-á que repensar acerca da formação dos grupos e encontrar soluções que tentem satisfazer a todos. Ter-se-á que reforçar a necessidade do silêncio por períodos cada vez maiores de tempo. Dever-se-á dar continuidade a ordenação sequencial de uma história, visto alguns alunos ainda precisarem de muita ajuda para o fazer.

Ter-se-á mais uma vez que reforçar que todas as opiniões devem ser aceites, embora possamos não concordar com elas, reforçar ainda que devemos fomentar a amizade e o respeito pelos outros.

.

Semana de 8 de Março a 12 de Março

Planificação Sessão 5 e 6		Data: 8, 9 de Março
Hora de início: 9:00 Hora de término: 10		
Actividade: A festa de anos		
Competências gerais: • Participar adequadamente • Relacionar-se adequadamente com os colegas • Compreender o texto • Adquirir técnicas de escrita funcional Competências Específicas • Participar em conversas de grupo • Esperar pela sua vez • Responder a questões sobre o texto • Redigir um programa, um convite, uma ementa e lista de convidados • Identificar o 1º nome dos colegas Material: • Livro “ A festa de anos”, de Luísa Ducla Soares • Guiões de leitura • Ficha modelo: Programa, convite, ementa, lista de convidados • Cartões com os nomes dos alunos e imagens (personagens de várias histórias infantis: Nody, Mickey...) Metodologia: • Trabalho de grupo (2 a 3 elementos) • Trabalho cooperativo (3 a 4 elementos) Desenvolvimento: 1ª Sessão 1º A professora apresenta aos alunos o livro, mostrando a sua capa e identificando alguns aspectos aí contidos: título, nome do autor, ilustrador e editora. A professora pede aos alunos que a partir da capa antecipem a história: Qual será o assunto deste livro? 2º Seguidamente, a professora lê a história e mostra, ao mesmo tempo as imagens. 3º É então pedido aos alunos que recontem oralmente a história, atendendo à sequência temporal da mesma, para intervir os alunos têm que levantar o dedo e aguardar a sua vez. 4º Seguidamente, fazem algumas questões de interpretação: quem é que fazia anos? quem convidou para a sua festa? que lanche preparou a sua festa de anos? o que lhe ofereceram os seus amigos? 5º A seguir, divide-se a turma em pequenos grupos heterogéneos (sexo e idade) de 2 a 3 elementos, sendo distribuído a cada grupo um guião de trabalho sobre o livro estudado. 6º Por fim, cada porta-voz apresenta as suas conclusões e é feita oralmente a correcção. 7º No final, a professora anuncia aos alunos que na próxima sessão irão também eles organizar e fazer uma festa, para a qual terão que trazer um pequeno lanche para partilhar. 2ª Sessão 8º É pedido aos alunos que recordem oralmente a história, dando-se oportunidade a cada um de exprimir as suas ideias, e apercebendo-se do que é necessário preparar para uma festa de anos: convite, programa, lista de convidados e ementa. 9º De seguida, divide-se a turma por grupos de nível, 3 a 4 elementos, e é distribuído, a cada grupo, uma ficha modelo: de um convite, programa, lista de convidados e ementa. 10º Os alunos observam a ficha modelo e a professora vai explicando as fases necessárias para a elaboração de cada documento. 11º Cada grupo é então convidado a elaborar a sua própria festa, elaborando os respectivos textos, alertando-se para a importância dos convidados serem todos os elementos da turma. Na realização do trabalho de grupo recorrer-se-á ao trabalho cooperativo, ou seja cada elemento do grupo fará apenas um documento (convite, programa, lista de convidados e ementa) para contribuir para o grupo e sempre que algum elemento tiver dificuldades os restantes terão que ajudá-lo. 12º Cada grupo apresenta a sua proposta de festa, procedendo-se a votação da melhor proposta. 13º No final, cada grupo fará a auto e hetero-avaliação do trabalho em grupo, registando as conclusões em grelha. 14º Por fim, os alunos são convidados a jogar um jogo “Quem vai à festa?”. Os alunos são sentados em círculo e é distribuído a cada um uma imagem, a qual terão que colocar no seu peito. Os alunos têm alguns minutos para observar as imagens dos respectivos colegas e de seguida retiram a imagem e colocam-na sobre a mesa voltada para baixo. Seguidamente, é convidado um aluno para vir ao quadro, onde se encontram as imagens iguais às que os alunos possuem, e colocar o nome (inscrito num pequeno cartão) correspondente uma determinada imagem. E assim sucessivamente até todos os alunos participarem.		

Intervenção, avaliação e reflexão

1ª Expectativas sobre a sessão:

Nesta sessão as minhas expectativas eram muito positivas, pois esta história “A festa de anos”, de Luísa Ducla Soares, é geralmente muito bem aceite pelos alunos. O aniversário, a festa e a organização da mesma costumam motivar os alunos e predispô-los para as aprendizagens. Por outro lado, as ilustrações são, quanto a mim, bastante apelativas, as palavras bastante sonoras, através da utilização da rima e consequentemente produzirão maior entusiasmo aos alunos.

2ª O que aconteceu nesta sessão?

Comecei por informar os alunos dos objectivos das sessões, tendo-se seguido a leitura do texto, ao mesmo tempo que se iam mostrando as imagens do livro. Após a leitura, os alunos tiveram oportunidade de folhear, apreciar e observar as ilustrações do livro.

Seguidamente, foi feita a exploração da história oralmente. Os alunos sempre que sabiam as respostas levantavam o dedo e era-lhes dada a oportunidade de se exprimirem. Quando algum aluno começava a intervir sem ter levantado o dedo, logo alguém o lembrava: “tens de levantar o dedo”.

Sempre que um aluno não era capaz de se exprimir ou deixava a ideia incompleta, era convidado outro aluno a ajudá-lo.

Ao longo desta actividade, verifiquei que alguns alunos, nomeadamente a Mariana, o aluno nº6 e o nº9 não levantavam o dedo, consequentemente, não participavam, nem nos davam informação sobre o que tinham apreendido da história, pelo que me dirigi a eles e fiz-lhe perguntas mais orientadas, recorrendo às imagens do livro, dando mais hipóteses de responderem acertadamente.

A seguir, foram formados grupos de três elementos, de acordo com o ano de escolaridade e distribuído uma ficha de leitura sobre a história.

Após a conclusão do trabalho, foi escolhido um porta-voz de cada grupo que apresentou as respostas do seu grupo, para toda a turma.

No final da aula, foram distribuídos os diplomas das melhores equipas da semana anterior, bem como os cartões de reconhecimento de comportamento, atitudes evidenciadas ao longo da semana, tendo sido explicado a cada aluno e equipa, o motivo pelo qual eram premiados.

Na segunda sessão, os alunos foram então convidados a formar grupos de níveis de escolaridade diferentes.

Dentro do grupo cada um era responsável por uma actividade, naturalmente ajudado por todos, sempre que sentissem necessidade.

Por fim, os alunos foram convidados a jogar o jogo “quem vai à festa”, de forma a verificar se todos identificavam os nomes dos seus colegas de turma.

3ºAtendi às expectativas? Fiquei aquém ou além?

Julgo ter conseguido todos os objectivos previstos. As minhas expectativas concretizaram-se, pois os alunos estiveram sempre atentos, interessados e muito entusiasmados, o que se comprova pelas suas palavras, a aluna nº17 dizia: “professora, gosto muito destas aulas.” A aluna nº14, no final da aula, agarrou-se a mim e disse “as aulas são mais fixes”.

4ºReflexão e reajustes para a próxima sessão

Considerámos que a Mariana, o aluno nº6 e nº9 sempre que se fazem perguntas para o grande grupo se abstraem com facilidade, não participando espontaneamente. Só quando as perguntas lhes são dirigidas é que manifestam as suas opiniões.

O aluno nº7 destacou-se de toda a turma, pela sua participação activa, mas ainda não é capaz de controlar o seu comportamento, falando constantemente e não respeitando a vez dos colegas.

No trabalho de grupo, todos os alunos participaram e sentiu-se um esforço superior na ajuda dada aos que mais precisam.

O facto de no trabalho da 2ª sessão - Organização da festa de anos - cada elemento contribuir com uma pequena actividade para o seu grupo revelou-se uma útil estratégia, no sentido em que todos, obrigatoriamente, tiveram que trabalhar para o grupo; todos os elementos tiveram que verificar se as tarefas dos colegas estavam bem realizadas, ou seja, foi necessário haver cooperação.

Aquando da entrega dos diplomas, fez-se um silêncio total na sala de aula, os alunos estavam ansiosas e, ao mesmo tempo, expectantes. Julgo que esta recompensa dada aos alunos tem contribuído significativamente para a alteração de certos comportamentos desadequados. Os alunos premiados ficaram felizes e exibiam os seus diplomas com muito orgulho, por seu lado, o aluno nº7 ficou um pouco aborrecido por não ser premiado, tendo-lhe sido explicado que, embora participe acertadamente nas actividades, ainda não conseguiu atingir todos os objectivos previstos, nomeadamente os que dizem respeito ao seu comportamento. O aluno nº7 compreendeu e prometeu: “vou tentar estar melhor ...gostaria de receber um diploma...”

No final da sessão todos os alunos realizaram a ficha de auto-avaliação das competências desenvolvidas (anexo 17). Através da análise da ficha (anexo 18) pudemos constatar que quatro alunos consideram que precisam de ajuda para participar em conversas de grupo, enquanto três alunos consideram que precisam de ajuda para responder a questões sobre o texto. Em relação à redacção de um convite, programa, lista de convidados e ementa todos consideram ser capaz de o fazer.

Através da análise, da Grelha de Competências (anexo 19), realizada pelo professor do grupo/turma e pela professora de educação especial, pudemos verificar que três alunos por vezes não respondiam às perguntas das histórias, a Mariana, nº1 e nº6. E, nesta sessão, dos 18 alunos apenas um aluno não foi capaz de participar oportunamente. Todos os elementos a quem coube realizar o convite, a ementa, o programa, a lista de convidados souberam fazê-lo, bem como todos os alunos souberam o 1º nome dos colegas.

Os alunos realizaram ainda a ficha de auto-avaliação do trabalho de grupo (anexo 20). Através da análise da ficha de auto-avaliação (anexo 21) pudemos constatar que quatro alunos não gostaram de trabalhar com os colegas do grupo e os restantes catorze gostaram de trabalhar com os colegas; dos dezoito alunos só um aluno referiu que as suas ideias não foram aceites no trabalho em pequeno grupo; quatro alunos responderam que entraram em conflito ao discutir as suas ideias e os restantes catorze conseguiram discutir as suas ideias sem entrar em conflito; dos dezoito alunos três alunos não gostariam de voltar a trabalhar com o grupo.

Com a análise da Grelha das Competências Adquiridas em trabalho de grupo (anexo 22) realizada pelo professor do grupo/turma e pela professora de educação especial, podemos afirmar que todos os alunos se mantiveram atentos às sugestões dos colegas; catorze alunos aceitaram as sugestões dos colegas e os restantes quatro fizeram-no algumas vezes; todos os alunos conversaram dentro do grupo, à excepção da Mariana que o fez por vezes; o nº3 e nº1 sugeriram por vezes ideias para o trabalho em pequeno grupo, enquanto os restantes colegas sugeriram ideias mais frequentemente; oito alunos discutiram ideias com os colegas, enquanto dez alunos o fizeram só algumas vezes; apenas um aluno entrou por vezes em conflito quando defendia as suas ideias, o aluno nº7.

Na próxima sessão, ter-se-á que procurar uma forma mais assertiva de promover a participação de todos os alunos, na exploração das histórias, bem como proporcionar a intervenção oportuna em todas as actividades, embora a grande maioria dos alunos participe de forma bastante positiva nas actividades.

Semana de 15 de Março a 19 de Março

Planificação Sessão 7 e 8		Data: 15 e 16/3
Hora de início: 9:00		
Hora de término: 10.30		
Actividade: Dia do Pai		
Competências gerais: • Participar adequadamente • Relacionar-se adequadamente com os colegas • Desenvolver a competência da escrita • Compreender o que lê		
Competências específicas: • Identificar a personagem principal do texto • Participar em conversas • Escrever o seu nome completo • Escrever o nome dos pais		
Material: • Powerpoint história o meu pai • Portefólio - quem sou eu? • Bilhete de identidade		
Metodologia: trabalho de grupo		
Desenvolvimento:		
1ªSessão		
1ºA professora conta aos alunos uma história: O meu pai”, com apoio de powerpoint.		
2ºSeguidamente, é pedido aos alunos que, levantando o dedo, identifiquem a personagem principal do texto e falem sobre o seu pai, sobre as coisas boas que fazem com o pai e o que este representa para cada um de deles.		
3º Os alunos são distribuídos em grupos e é-lhes entregue uma ficha de trabalho sobre si e a sua família, para identificar os membros da família e escrever o seu nome.		
4º Após a realização da ficha, todos os elementos dos grupos dão a conhecer a sua família ao grande grupo.		
2ªSessão		
5º Leitura do poema “Pai” pela professora.		
6º Seguidamente os alunos são solicitados a ler, cada um lê uma estrofe e os que tiverem mais dificuldades farão a leitura do título do poema.		
7º Em grupo de 3 elementos, os alunos farão a interpretação do poema.		
8º Por fim, os alunos preencherão o seu bilhete de identidade, como forma de reescreverem o seu nome e o dos pais.		
No final da actividade será feita a auto e hetero - avaliação, através do preenchimento de uma ficha.		

Intervenção, avaliação e reflexão

1ª Expectativas sobre a sessão:

As minhas expectativas hoje são um pouco contraditórias, pois por um lado o tema da actividade poderá motivar os alunos e predispor-los para uma participação mais espontânea, por outro lado poderá inibi-los se as relações com os pais não forem favoráveis, pelo que há que ter alguns cuidados nas palavras utilizadas e nos comentários que se possam tecer.

2ª O que aconteceu nesta sessão?

Comecei a aula por expor aos alunos o tema da sessão e os objectivos que se pretendiam alcançar. Tive o cuidado de lhes referir a importância que o meu pai teve na minha vida e o quanto me custa falar sobre este tema, por isso compreendia perfeitamente que alguns alunos também tivessem problemas em abordar o tema, mas que iríamos tentar não magoar ninguém e respeitar as opiniões de cada um.

Seguidamente, os alunos ouviram a história “o meu pai” em powerpoint e foi feita a exploração da mesma, solicitando-se aos alunos que levantassem o dedo para intervir.

Cada aluno referiu o que o pai representava para si e nenhum se recusou a fazê-lo, embora uns fossem mais expansivos que outros (nº17, 5, 2, 4), outros mais imaginativos (nº7 e 13), outros mais inibidos (Mariana e nº1).

Os alunos formaram grupos heterogéneos (2º e 3ºanos), de acordo com as suas preferências, aos quais foi distribuído um modelo de portefólio -quem sou eu, no qual os alunos teriam que se identificar, bem como os familiares mais próximos. Por fim cada aluno apresentou a sua família ao grande grupo, referindo o seu nome, dos pais e irmãos.

Na sessão seguinte, foi lembrado o tema da aula anterior, tendo servido de motivação a leitura do poema “Pai”, seguidamente os alunos foram convidados a fazer a leitura do poema por estrofes. Cada aluno leu uma estrofe e os alunos com mais dificuldades na leitura leram o título. A seguir os grupos formados na véspera debruçaram-se sobre a interpretação do poema e a escrita de algumas frases sobre o tema.

Por fim foi feita a auto e hetero - avaliação da actividade.

3ª Atendi às expectativas? Fiquei aquém ou além?

Embora se tenham abordado todos os aspectos que se pretendiam, julgo que as expectativas não foram de todo atendidas, pois muito há ainda a trabalhar sobre este conteúdo, há necessidade de reforçar aprendizagens e consolidar conhecimentos.

4ª Reflexão e reajustes para a próxima sessão

Os alunos mostraram-se sensíveis ao tema e o aluno nº7 até referiu “o meu pai não vive comigo, mas um dia hei-de ir vê-lo.”

Todos os outros alunos identificaram a personagem principal e todos intervieram sobre o tema (conforme grelha de avaliação de competências, anexo23), expuseram as suas vivências com o pai, falaram dos seus projectos, das actividades que fazem com os pais, as que gostariam de fazer e as que não podem fazer e os motivos pelos quais não as podem fazer.

Aquando do trabalho em grupo, cuja actividade principal era identificarem-se, escrever o seu nome e dos pais, os grupos começaram a manifestar inúmeras dificuldades na realização da tarefa, à excepção dos alunos nº 13, 14, 15, 16 17, 18, pois ora não sabiam o nome dos pais, ora não o sabiam escrever. O aluno nº5 até pediu “professora, posso ir perguntar à aluna nº16 o nome do meu pai, porque ela sabe?” É claro que o deixei ir, mas fiquei visivelmente perturbada, pois julguei que os alunos soubessem o nome dos seus progenitores.

Nessa altura eu e o professor da turma tivemos que recorrer aos processos individuais dos alunos e ir ajudando os alunos na identificação dos nomes dos pais. Foi uma situação completamente inesperada para mim e para o professor titular de titular, que também julgava ser um conteúdo já adquirido, a nível da oralidade.

Na auto - avaliação (anexo 24) os alunos foram inânimes em referir que todos são capazes de identificar a personagem principal de uma história e participar em conversas oportunamente. Relativamente à escrita do nome da mãe, todos consideram ser capazes, em relação à escrita do nome do pai, 3 alunos consideram que não são capazes e 2 consideram que só com ajuda são capazes. Em relação ao seu nome todos consideram que são capazes, embora 3 refiram que precisam de ajuda para o fazer.

Semana de 22 de Abril a 26 de Abril

Planificação Sessão: 9 e 10		Data: 22 e 23/3
Hora de início: 9:00 Hora de término: 10.30		
Actividade: A Páscoa está a chegar		
Competências gerais • Desenvolver a competência da leitura • Compreender o sentido de um texto • Desenvolver a competência da escrita • Respeitar os colegas Competências específicas: • Imaginar a história a partir do título • Responder a questões sobre a história • Escrever o 1º nome dos pais e irmãos • Respeitar os objectos pessoais Material: • PowerPoint - O coelho que não era de Páscoa • Guiões de trabalho • Cartões das profissões • Cartolinas, cola, papel de lustro, tesoura Metodologia: • 1ª Sessão - Trabalho de pares • 2ª Sessão – Trabalho individual Desenvolvimento: 1ª Sessão 1º A professora começa por mostrar aos alunos o título da história, pedindo aos alunos que imaginem de que se trata a história. 2º A seguir conta a história sobre a Páscoa -O coelho que não era da Páscoa, utilizando o powerpoint. 3º Seguidamente, é feita a exploração oral da história, identificando-se personagens e acção, levando os alunos a compreender a história. 4º A seguir é pedido aos alunos para dizerem qual a moral da história, fazendo-os perceber quão importante é fazer escolhas acertadas. A história servir-nos-á também para relembrar o nome dos pais e irmãos, pois tal como o nosso coelhinho todos temos uma família e cada membro dessa família distingue-se pelo seu nome. 5º Seguidamente, como forma de rever os nomes dos pais, os alunos colocam-se em círculo e a professora convida os alunos a jogar ao “Jogo da família”. A professora diz “Letra A” e sempre que um aluno tenha um membro da família próxima começada por essa letra responde “ família” e diz o nome do membro da sua família, sentando-se. Quando todos tiverem participado, ou seja quando todos já estiverem sentados, termina o jogo. 6º Depois dividem-se os alunos em grupos de 2, por anos de escolaridade e distribuem-se guiões de leitura da história ouvida, para os alunos resolverem. 7º A correcção será feita no quadro, ouvindo-se os porta-voz de cada grupo. 8º Pede-se aos alunos para trazerem, para a próxima sessão rolos de papel, para a realização de uma actividade 2ª Sessão 9º Reportando-se à aula anterior, pede-se aos alunos que indiquem, observando os cartões com várias imagens de profissões expostas no quadro qual a profissão que gostariam de ter e qual não gostariam ou seja fazerem as suas escolhas. 10º As escolhas serão registadas no quadro, por cada aluno. 11º Far-se-á em grande grupo, uma reflexão conjunta das escolhas de cada, chegando-se à conclusão que todos devem poder fazer escolhas. 12º A seguir, sugere-se aos alunos que, utilizando os materiais pedidos na aula anterior, cada um dê forma à personagem principal da história: o coelho, este servirá para colocar, posteriormente, amêndoas de Páscoa. 13º No final é feita a auto-avaliação que é registada em ficha própria e oralmente far-se-á a hetero-avaliação das actividades desenvolvidas.		

Intervenção, avaliação e reflexão

1º Expectativas sobre a sessão:

Hoje estou um pouco apreensiva, pois julgo que vou correr alguns riscos, nesta sessão, ao formar os grupos de trabalho de alunos que, embora do mesmo ano lectivo, nunca trabalharam juntos. Contudo, julgo que só desta forma proporcionarei aos alunos a oportunidade de se conhecerem todos e de se poderem aceitar e respeitar mutuamente.

2º O que aconteceu nesta sessão?

Comecei por explicitar aos alunos, como habitualmente, quais as competências a atingir nesta sessão.

Encetei, de seguida, um diálogo com os alunos sobre a época festiva que se aproxima - a Páscoa e quais os símbolos que se associam a esta festa. Os alunos foram levantando o dedo, à medida que se lembravam e foi-lhes sendo dada a palavra.

A seguir, contei-lhes a história: “O coelho que não queria ser da Páscoa”, utilizando o PowerPoint.

No final da história, questionei os alunos sobre as personagens da história e a acção, para perceber se tinham compreendido o sentido do texto, dando a seguinte directriz: “Não se esqueçam de levantar o dedo sempre que souberem as respostas.”

Seguidamente, levei os alunos a explicitarem a moral da história: todas as escolhas são acertadas, desde que nos empenhemos nessa escolha; tentando fazer compreender aos alunos que é importante saber fazer escolhas.

Os alunos lembraram ainda o nome dos pais e irmãos através de um jogo “A família”.

A seguir formei grupos de pares, tendo juntado os alunos, por ano de escolaridade e escolhido alunos que raramente trabalham juntos.

Os grupos já formados receberam a seguinte orientação: “Leiam com muita atenção o guião de trabalho e respondam com respostas completas e não se esqueçam que todos terão que se ajudar e para a realização do trabalho cada grupo terá 15 minutos.”

Durante o desenrolar da actividade, tanto eu como o professor da turma circulámos pelos grupos para esclarecer dúvidas, para orientar os trabalhos.

No fim dos trabalhos, eu e o professor da turma fomos, junto de cada grupo, fazer a correcção dos trabalhos, pois sentíamos que haveria falta de tempo para fazer uma correcção no quadro.

Antes de terminar, alertei os alunos para não se esquecerem de trazerem rolos de papel higiénico, para a própria sessão, para realizarmos uma actividade.

Na sessão seguinte, os alunos fizeram o reconto oral da história e cada um deles teve oportunidade de escolher qual a profissão que gostaria de ter, apoiando-se nas imagens das profissões que estavam expostas e foram registá-las ao quadro.

A pares e com o material que haviam trazido de casa, os alunos construíram a personagem principal da história - o coelho, sendo-lhes feita uma proposta. Cada vez que necessitassem de material emprestado teriam que pedir, para que no final o coelho da Páscoa os pudesse recompensar, com ovos de Páscoa.

Por fim, cada aluno preencheu a sua auto-avaliação, em ficha anteriormente distribuída e a hetero-avaliação foi feita oralmente, por mim, pelo professor da turma e pelos alunos, tendo registado as conclusões em grelha própria (anexo25).

3ºAtendi às expectativas? Fiquei alguém ou além?

Julgo ter alcançado as expectativas, pois senti que os alunos estiveram muito mais calmos do que na sessão anterior e conseguiram atingir os objectivos propostos.

4ºReflexão e reajustes para a próxima sessão

Durante a exploração da história vários foram os alunos que participaram, destacando-se os alunos nº 3, 4, 7 e 13.

A Mariana hoje parecia estar um pouco mais alheia à actividade de exploração oral, talvez, quanto a mim, pelo facto da história, conter mais pormenores, ou seja mais informação, do que o habitual. No entanto, em trabalho de grupo, com ajuda do colega, a Mariana trabalhou bem e conseguiu realizar o guião de leitura. Pelo que posso concluir que grande parte das suas dificuldades sentidas a nível individual se vão diluindo e as hipóteses de obtenção de sucesso são cada vez maiores.

Nesta sessão optei por formar grupos de pares, tendo juntado os alunos, por ano de escolaridade e escolhido alunos que raramente trabalham juntos, de forma a proporcionar a abertura entre os grupos e o aumento de interacções entre todos os alunos. Julgo que esta estratégia foi muita positiva, pois embora inicialmente o aluno nº3 e a Mariana tenham retilado por fazer parte do mesmo grupo, foi bonito vê-los trabalhar juntos a ajudarem-se e a aceitarem-se mutuamente.

Na auto-avaliação, todos os alunos sentiram, no global, que conseguiram atingir os objectivos proposto, os alunos referiram que já são capazes de imaginar a história a partir do título e responder a questões sobre a história.

Em relação a escrever o 1º nome dos pais e irmãos, 16 alunos referiram que são capazes de o fazer e 2 referiram que precisam de alguma ajuda.

Relativamente a respeitar os objectos pessoais dos colegas, 17 alunos referiram que são capazes, para um aluno que referiu não saber fazer ser capaz de o fazer.

Através da análise, da Grelha de Competências (anexo 26), realizada pelo professor do grupo/turma e pela professora de educação especial, pudemos verificar que alguns alunos já conseguem imaginar a história a partir do título, bem como todos já respondem a questões do texto, embora dois alunos ainda necessitem de ajuda (a Mariana, nº 1, 11 e 12).

Em relação à escrita dos nomes dos pais, também se pode constatar que todos o fazem.

Relativamente a respeitar os objectos dos colegas, todos os alunos foram capazes de o fazer, embora 2 alunos (a Mariana e o nº1) precisem de ser ajudados, quer através de estímulos visuais, quer de estímulos verbais.

Um outro aspecto positivo que há a considerar também nesta sessão é o facto de se começar a verificar a preocupação do professor titular de turma em que haja, na aula, uma participação mais organizada, pois há o verbalizar de frases como “ levantem o dedo para participar”, “ não se esqueçam de participar com ordem”. O que não significa que anteriormente não houvesse a necessidade de organização, mas neste momento, há o sentir e o verbalizar das situações de uma forma mais explícita e mais profunda. Talvez pelo facto, das situações serem sempre alvo de reflexão, no final das sessões, há assim uma maior consciencialização das situações, logo uma maior vontade de encontrar respostas para resolver os problemas existentes.

Começa-se também a notar uma dinâmica diferente na sala de aula, quer ao nível de estratégias, quer ao nível da utilização de recursos materiais. Nas paredes da sala de aula começam a aparecer sinais de mudança, resultados de alguns trabalhos realizados com os alunos, quer individualmente, quer em grupo. Os alunos referem “agora fazemos trabalho em grupo com o nosso professor”, “é bom, nós gostamos”.

Na próxima sessão ter-se-á que se aumentar o tempo para a explicitação de todos os pormenores da história para que todos os alunos compreendam o sentido global do texto.

Semana de 12 de Abril a 16 de Abril

Planificação Sessões 11 e 12		Data: 12/13 de Abril
Hora de início: 9:00 Hora de término: 10.30		
Actividade: Ser diferente		
Competências gerais: • Desenvolver a competência da leitura • Compreender o sentido de um texto • Desenvolver a competência da escrita Competências específicas: • Antecipar a história a partir do título • Responder a questões sobre a história • Ordenar acontecimentos • Escrever frases sobre o texto • Cooperar nos trabalhos Material: • PowerPoint - O elefante diferente • Guiões de trabalho Metodologia: • 1ª Sessão - Trabalho de grupo • 2ª Sessão – Trabalho individual Desenvolvimento: 1ª Sessão 1º Audição da história: O elefante diferente, com recurso ao powerpoint. 2º Explicitação de todos os pormenores do texto, recorrendo às imagens. 3º Reconto oral da história feito pela professora. 4º Exploração oral da história feita pelos alunos. 5º Organização de grupos de trabalho (2 a 3 elementos) por ano de escolaridade. 6º Distribuição dos guiões de trabalho aos grupos, consoante o ano de escolaridade. 7º Correção dos guiões de trabalho. 2ª Sessão 8º A professora diz aos alunos que irão fazer um teste de verificação da leitura, explicando que este tem uma pontuação de 100 valores e que serão os alunos que irão fazer essa contagem. 9º Distribuição do teste de verificação de leitura da história estudada. 10º A professora começa por ler uma questão de cada vez, dando tempo aos alunos de responderem. 11º A seguir faz-se a correção oral, com a ajuda dos alunos e estes contabilizam os pontos obtidos em cada pergunta correcta. 12º Os alunos são convidados a escrever algumas frases sobre o texto - a divisão da casa preferida (3ºano), identificação das divisões da casa (2ºano), registando-as numa ficha de trabalho. 13º Por fim, os alunos socializam com os colegas qual a sua divisão da casa preferida. 14º É feita a auto-avaliação do trabalho em grupo, bem como das competências desenvolvidas, pelos alunos.		

Intervenção, avaliação e reflexão

1º Expectativas sobre a sessão:

No recomeço de um novo período escolar há sempre alguns receios de como encontrar a turma com quem trabalhamos. Será que esqueceram tudo? Será que os alunos vêm com vontade de trabalhar e colaborar? Teremos que voltar ao início?

Muitas dúvidas se colocam, mas o desejo de recomeçar é grande e há que ir em frente...

2º O que aconteceu nesta sessão?

Os alunos vinham excitadíssimos, todos queriam contar coisas, falar com o colega do lado e foi difícil acalmá-los. Deixei-os falar alguns minutos e depois pedi silêncio e disse-lhes que os deixaria falar sobre as férias, mas com ordem e tranquilidade, para que todos pudessem contar e ouvir o que tinham feito. Então um após outro lá iam contado o que tinham feito, estavam ansiosos que chegasse a sua vez de falar, mas mesmo assim lá se conseguiram acalmar e cada um pode exprimir-se à vontade.

Seguidamente, renovei os votos de um bom trabalho neste novo período e pedi-lhes que continuassem a colaborar e a respeitar as regras.

Comecei então por informar os alunos dos objectivos das sessões, tendo-se seguido a audição de uma história, recorrendo ao powerpoint.

Seguidamente, foi feita a exploração oral da história, por mim, recorrendo às imagens e à repetição dos acontecimentos, dos espaços, das personagens, ou seja atendendo a todos os pormenores do texto, na tentativa de promover a compreensão do texto por todos os alunos.

Na exploração oral do texto feita pelos alunos foi necessário lembrar “devem levantar o dedo para intervir, devem respeitar a intervenção dos colegas, deve falar um de cada vez...”

Os alunos nº7 e nº3 atropelavam-se para responder, não levantando o dedo, a aluna nº17 falava das férias com a aluna nº18 e a Mariana parecia apática. Após várias chamadas de atenção, a turma começou a participar de forma organizada, levantando o dedo.

A Mariana continuava sem participar espontaneamente, pelo que optámos por lhe colocar questões dirigidas sobre a personagem principal, às quais ela respondeu correctamente, mas sempre desconfiada e a olhar para as colegas, para ver se se riam dela. Foi necessário intervir e dizer à Mariana que as colegas nem sempre acertam, nem sempre erram. A Mariana não parecia convencida, foi preciso recorrer à personagem da história: o elefante diferente e referir que “embora o elefante fosse diferente tinha muitos amigos que o respeitavam e gostavam dele.”

Aquando da formação dos grupos a turma parecia bem mais serena e não houve qualquer conflito, todos aparentemente aceitaram os seus colegas de trabalho.

Foram lidos os guiões de trabalho e os alunos procederam à sua realização.

Na sessão seguinte foi feito o reconto oral da história por todos os alunos, de forma muito exhaustiva e pormenorizada, recorrendo-se novamente as imagens. Passou-se em seguida para o Teste de Verificação da leitura. Eu e o professor da turma ficámos visivelmente satisfeitos, pois todos os alunos conseguiram obter a pontuação máxima, facto este no nosso entender devido à exploração sistemática e repetitiva da história, acompanhada por imagens e também pelo facto das questões serem lidas antes de os alunos responderem.

A leitura foi feita para toda a turma estando eu mais junto da Mariana e apontando com o dedo, para o que se ia lendo. Tal como os outros, a Mariana tinha que identificar a resposta correcta, sublinhando-a, o que não constitui dificuldade.

Quando foi pedido aos alunos para elaborarem frases, por escrito, sobre o texto, individualmente, os alunos começaram a ficar mais agitados e revelando algum desagrado pela proposta. O aluno nº6 ria, dizendo “ não sou capaz”. A aluna nº13 e o aluno nº 6 não se conseguiam concentrar-se ora falando um com o outro, ora rindo-se. A Mariana e o aluno nº3 olhavam, para mim, suplicando ajuda.

Nesta altura, resolvi intervir e dar um exemplo no quadro do que pretendia. Os alunos sossegaram um pouco, mas continuavam inquietos. Foi necessário irmos junto de cada aluno dar pistas para se organizarem, mostrar-lhes que eram capazes e elogiá-los sempre que víamos o seu esforço e empenho e lentamente o ambiente começou a serenizar. Frases como “ boa, nº3, tu és capaz!”, “Força nº 7!”, “Mariana, tu és capaz de escrever bem!”,; foram uma constante em toda a actividade.

Foi com agrado que verificámos que todos realizaram a tarefa. A Mariana e o aluno nº3 escreveram também pequenas frases com sentido e era notório o seu ar de satisfação, por conseguirem fazer o mesmo que os outros e terem resultados. O aluno nº3 acabou por confessar “para a próxima quero escrever mais!” A aluna nº14 referiu “É fixe! ”.

Seguidamente cada aluno escolheu a sua divisão preferida da casa e socializou com os colegas. No final foi feita a auto e hetero-avaliação das sessões.

3ºAtendi às expectativas? Fiquei alguém ou além?

Julgo ter atendido às expectativas, tendo conseguido levar os alunos a fazer exercícios de escrita e motivá-los para novos exercícios. Esta sessão foi muito importante, na medida em que abriu caminhos novos para o mundo da escrita e para o desejo e necessidade de escrever.

4º Reflexão e reajustes para a próxima sessão

Os alunos realizaram a ficha de auto-avaliação das competências desenvolvidas (anexo 27). Através da análise da ficha (anexo 28) pudemos constatar que dez alunos consideram que são capazes de antecipar a história, cinco consideram que ainda têm dificuldades e apenas um refere que não é capaz.

Em relação à responder a perguntas sobre o texto, doze alunos consideram que são capazes de o fazer, quatro com ajuda e um não é capaz.

Em relação a ordenar acontecimentos, nove alunos consideram que são capazes, sete alunos consideram que só com ajuda e um refere que não é capaz.

Em relação a escrever textos, catorze alunos consideram que são capazes, dois referem que precisam de ajuda e um refere que não é capaz. O facto de todos alunos terem conseguido realizar a actividade de escrita foi de tal forma importante que quase todos consideram ser capaz de escrever, sem ajuda, ao invés de inicialmente se encontrarem ansiosos e apreensivos pela realização da actividade.

Em relação a ser capaz de trabalhar em grupo, todos à excepção de um referem que são capazes. De salientar que as respostas “não sou capaz” diz respeito ao aluno nº6, que apesar de ter participado de forma razoável, se encontrava numa fase negativa, não querendo falar sobre o assunto.

Com a análise, da Grelha de Competências (anexo 29), realizada pela professora do grupo/turma e pela professora de educação especial, verificámos que todos respondiam às perguntas da história.

Pudemos ainda constatar que quatro alunos continuam a não ser capazes, sem ajuda, de antecipar a história a partir do título (Mariana, o nº1, 11 e 12). Dos 18 alunos, à excepção dos alunos nº4 e 17, todos precisam de ajuda para escrever palavras ou frases. Pelo que pude constatar todos tem muitas dificuldades ao nível da escrita, ao nível da organização de ideias e estruturação de frases.

Em relação à ordenação dos acontecimentos de uma história, constata-se que sete (Mariana, nº1, 3, 8, 11 e 12) alunos ainda não capazes de o fazer sem ajuda, para 11 alunos que já o fazem sem ajuda.

No final da sessão todos os alunos realizaram a ficha de auto-avaliação (anexo 30) do trabalho de grupo. Através da análise da ficha de auto-avaliação (anexo 31) pudemos constatar que um aluno não gostou de trabalhar com os colegas do grupo e os restantes dezassete gostaram de trabalhar com os colegas; dos dezoito alunos só um aluno referiu que

as suas ideias não foram aceites no trabalho em pequeno grupo; um aluno respondeu que entrou em conflito ao discutir as suas ideias e os restantes dezassete conseguiram discutir as suas ideias sem entrar em conflito; dos dezoito alunos três alunos não gostariam de voltar a trabalhar com o grupo.

Durante o trabalho de grupo, todos participaram com ideias, sugestões, aceitaram as opiniões dos outros, à excepção do grupo dos alunos nº 7, 13 e 15 (anexo 32 - Grelha das Competências Adquiridas em trabalho de grupo). Neste grupo, apenas a aluna nº15 cumpriu os objectivos, pois os alunos nº7 e 13 ora deixavam de trabalhar, ora riam e conversavam.

Julgo que embora na actividade de escrita tenha havido alguma agitação, a actividade acabou por resultar na globalidade, pois houve empenho e satisfação dos alunos.

Considero que tem havido alguns ganhos na intervenção, nota-se interesse, satisfação dos alunos, mudança de atitudes e comportamentos. Exemplo disso é o que passo a descrever: no dia a seguir à intervenção, a Mariana veio ter comigo e ainda antes de me cumprimentar, agarra-se a mim e diz ” professora, já não quero sair da sala, quero estar com os outros meninos”, logo de seguida aparecem as alunas nº14 e 16 ” professora, qual é a história que vamos ouvir hoje?”, de seguida aparece a aluna nº18” professora, vai para a nossa sala? Vá, por favor!”. A Mariana continuava agarrada a mim e responde “ a professora é de todos!”.

Na altura achei piada à resposta tão pronta da Mariana, mas não reflecti sobre ela. Em casa, ao fazer esta reflexão, comecei a pensar no que aquelas meninas disseram e constatei que a minha intervenção começava a fazer sentido. A Mariana já compreendeu o meu papel na sala de aula, já não sou só a professora dela, mas de todos os meninos. Mas o que mais me impressionou foram as mudanças que se começam a fazer sentir ao nível das atitudes da Mariana, no seu comportamento. Ficou para mim claro que a Mariana começa a sentir que pertence à turma e é lá que deve estar com os outros, faz o mesmo que eles e é tão válida como os outros. Não precisa de estar isolada para aprender, pois ela aprende com os outros e é mais feliz assim...

Na próxima sessão, julgo ser importante continuar a investir mais na escrita, para que os alunos se tornem mais autónomos, mais criativos, mais seguros e consequentemente adquirirem as técnicas da escrita.

Semana de 19 de Abril a 23 de Abril

Planificação Sessões 13 e 14		Data: 19 e 20/4
Hora de início: 9:00 Hora de término: 10.30		
Actividade: 25 de Abril		
Competências gerais: • Desenvolver a competência da leitura • Compreender o sentido de um texto • Desenvolver a competência da escrita • Desenvolver competências sociais Competências específicas: • Responder a questões sobre a história • Escrever a data do aniversário • Dar ideias Material: • PowerPoint - Fábula dos feijões cinzentos • Guiões de trabalho • Calendário • Dominó dos meses do ano Metodologia: • 1ª Sessão - Trabalho de grupo • 2ª Sessão – Trabalho de grupo Desenvolvimento: 1ª Sessão 1º Audição da história: Fábula dos feijões cinzentos, com recurso ao powerpoint. 2º Explicitação de todos os pormenores do texto, recorrendo às imagens. 3º Reconto oral da história feito pela professora. 4º Exploração oral da história feita pelos alunos, incidindo no sentido global do texto e particularmente na data do acontecimento histórico, de modo a facilitar a introdução da importância de reconhecermos as datas importantes, nomeadamente do nosso aniversário. 5º Organização de grupos de trabalho (2 a 3 elementos), consoante as datas de aniversário. 6º Distribuição dos guiões de trabalho aos grupos e esclarecimento de dúvidas. 7º Correção dos guiões de trabalho, oralmente, pelos porta-voz dos grupos. 2ª Sessão 8º Retomando os mesmos grupos de trabalho, os alunos são convidados a analisar o calendário de 2010 que lhes foi distribuído. 9º Os alunos identificam o seu dia e mês de aniversário, sublinhando a cores. 10º Posteriormente é distribuído, aos alunos, apenas o seu mês de aniversário. 11º Os alunos terão que o completar com os dias do mês e assinar o dia dos seus aniversários, com apoio do calendário anteriormente distribuído, ou seja indo retirar a informação ao modelo. 12º Os alunos são convidados a jogar o “dominó dos meses”, de forma a facilitar o reconhecimento dos meses do ano e sobretudo o dia e mês do seu aniversário, pois quando for jogado o mês do aniversário do grupo todos terão que dizer a sua data de aniversário. 13º É feita a auto-avaliação do trabalho em grupo, bem como das competências desenvolvidas, pelos alunos.		

Intervenção, avaliação e reflexão

1ºExpectativas sobre a sessão:

As expectativas são algumas, visto que ao tratar um tema histórico, o 25 de Abril, pretende-se aproveitá-lo para transversalmente abordar conteúdos de leitura e escrita. Ter-se-á que ter em conta a idade dos alunos, os conteúdos já adquiridos e tentar, de uma forma lúdica, levá-los a compreender a informação transmitida.

2ºO que aconteceu nesta sessão?

Recorrendo ao powerpoint foi contada uma fábula sobre o tema -25 de Abril. No final, foi feita um resumo oral pela professora, de todos os pormenores do texto, recorrendo às imagens, pedindo a colaboração dos alunos.

Visto que se trata de um tema com muita informação, atendeu-se ao sentido global do texto. Levou-se os alunos a responder a questões: qual data do acontecimento referido no texto? Qual o dia? Qual o mês?

Seguidamente a professora alertou para a importância de sabermos as datas importantes, nomeadamente a do nosso aniversário, convidando os alunos a juntarem-se por grupos, de acordo com o seu mês de aniversário.

Então os alunos, em grupo, resolveram as questões de interpretação relacionadas com a história ouvida.

No final o porta-voz apresentou o trabalho dos grupos.

Na sessão seguinte, foi distribuído aos mesmos grupos um calendário de 2010, os alunos analisaram-no e sublinharam a cores o seu mês e dia de aniversário.

A seguir foi distribuído a cada aluno uma ficha com o seu mês de aniversário, para os alunos completarem com o dia do mês e assinalar o dia do seu aniversário, com apoio do calendário anteriormente distribuído, ou seja indo retirar a informação ao modelo.

Por fim, foi distribuído a cada grupo um “dominó dos meses”, cada jogador lançará as peças e quando for jogado o mês do aniversário do grupo todos terão que dizer a sua data de aniversário.No final, foi feita a auto-avaliação do trabalho em grupo.

3ºAtendi às expectativas? Fiquei aquém ou além?

Julgo que consegui atender as expectativas, tendo ficado visivelmente satisfeita, pois os alunos não só tomaram contacto com a data do seu aniversário, mas também dos outros colegas, o que é importante para o conhecimento geral dos colegas.

De uma forma lúdica, os alunos tiveram oportunidade de compreender um pouco mais deste tema.

4º Reflexão e reajustes para a próxima sessão

Através da ficha de auto avaliação (Anexo 33) verificou-se que todos os alunos consideram que já conseguem responder a questões sobre uma história. Dos 18 alunos 15 referem que são capazes de identificar a data do aniversário e 3 precisam de ajuda para o fazer, a Mariana, os alunos nº3 e 9.

Em relação a escrever a data do aniversário 12 referem que são capazes de escrever, 5 referem que precisam de ajuda e 1 refere que não é capaz de escrever, o nº3.

Através da análise, da Grelha de Competências (anexo 34), realizada pelo professor do grupo/turma e pela professora de educação especial, pudemos verificar que todos os alunos já respondem às perguntas que lhe são colocadas, embora a Mariana e o nº1 necessitem sempre de ser estimulados, de alguma forma, para o fazerem.

Relativamente à identificação da data de aniversário, também todos os alunos já o fazem. Contudo, na escrita, a Mariana e os alunos nº1, 3 e 5 ainda necessitam de ajuda, recorrendo, várias vezes, ao modelo.

Com a análise da Grelha das Competências Adquiridas em trabalho de grupo (Anexo 35) realizada pelo professor do grupo/turma e pela professora de educação especial, verificamos que o aluno nº6 nem sempre se manteve atento às sugestões dos colegas; doze alunos aceitaram as sugestões dos colegas e os restantes seis fizeram-no algumas vezes; todos os alunos conversaram dentro do grupo, à exceção da Mariana que o fez por vezes; os alunos nº1,3 e 9 sugeriram por vezes ideias para o trabalho em pequeno grupo, enquanto os restantes colegas sugeriram ideias mais frequentemente; todos os alunos discutiram ideias com os colegas, à exceção do aluno nº6 que não queria colaborar com o seu grupo, dizendo “prefiro estar sozinho”. Os alunos Mariana, 1,3,11 e 12 só algumas vezes deram sugestões para o trabalho de grupo, todos os outros o fizeram.

Na próxima sessão ter-se-á que repensar a situação do comportamento do aluno nº6, e tentar perceber o que está a dificultar a sua participação adequada na sala de aula.

Semana de 26 de Abril a 30 de Abril

Planificação Sessões 15 e 16		Data: 26/27 de Abril
Hora de início: 9:00 Hora de término: 10.30		
Actividade: dia da mãe		
Competências gerais: • Desenvolver a competência da leitura • Compreender o sentido de um texto • Desenvolver a consciência fonológica Competências específicas: • Escrever palavras sobre o dia da mãe • Identificar rimas • Fazer rimas • Esperar pela sua vez Material: • PowerPoint - Coração de mãe • Guiões de trabalho • 10 pares de cartões: imagens e palavras a rimar • 6 cartões com palavras a rimar • 6 cartões em branco Metodologia: • 1ª Sessão - Trabalho cooperativo • 2ª Sessão – Trabalho de grupo Desenvolvimento: 1ª Sessão 1º Audição da história: “Coração de mãe”, com recurso ao powerpoint. 2º Exploração oral da história, dando-se enfoque as preocupações das mães pelos filhos, as alegrias e tristezas que ambos vivem juntos e a forma como sentem essas emoções. 3º Seguidamente são organizados os grupos de trabalho, grupos heterogéneos, de 3 elementos (de ambos os anos de escolaridade). 4º Distribuição dos guiões de leitura pelos diversos elementos do grupo. 5º Correção oral, a partir das indicações dadas pelo porta-voz. 6º A professora relembra aos alunos o texto que ouviram, explicando-lhes que a autora recorreu ao uso de palavras bonitas, ao uso de comparações e de rimas, para se referir à mãe. 7º A professora apresenta então alguns pares de cartões, aos alunos, contendo palavras que rimam e as imagens correspondentes, que afixa no quadro. Os alunos observam os cartões e repetem as palavras observadas, bem como são convidados a pensar em outras rimas. 8º Distribuição, aos diferentes elementos dos grupos, de 6 cartões, contendo pares de palavras que rimam, para que os alunos procedam à respectiva ilustração (ilustração de rimas). 2ª Sessão 9º Retomando os mesmos grupos, a professora distribui 6 cartões aos alunos contendo uma palavra. Os alunos terão que encontrar outra palavra que rime e fazerem a respectiva ilustração (criação e ilustração de rimas). 10º Resolução de uma ficha de identificação e criação de rimas. 11º Apresentação à turma dos trabalhos 12º Auto e hetero-avaliação da actividade.		

Intervenção, avaliação e reflexão

1º Expectativas sobre a sessão:

As expectativas para estas sessões são elevadas, dado o tema a tratar - Dia da mãe e também ao estudo das rimas, inicialmente recorrendo à imagem e daí partir para a palavra. Julgo que o recurso à visualização será uma estratégia facilitadora das aprendizagens para todos os alunos, aumentando o seu interesse pelas actividades.

2º O que aconteceu nesta sessão?

A professora começou por lembrar que no próximo domingo se comemorava o dia da mãe, um dia muito importante e questionou os alunos sobre o que representava esse dia para eles.

Várias foram as opiniões, para o nº6 “a mãe é a melhor coisa do mundo”, para o nº7 “a mãe é a maior amiga”, para a Mariana “a mãe é amiga”, para a aluna nº17 “a mãe ajuda-nos quando é preciso”.

Seguidamente, a professora apresentou uma história “coração de mãe”, a qual foi explorada oralmente, dando-se relevância às situações que provocam preocupações/ angústia à mãe e as situações que tornam as mães orgulhosas e satisfeitas. Cada aluno teve oportunidade de expressar a sua opinião, dizendo o que faz a mãe feliz e infeliz, tendo-se concluído que quando se fazem asneiras a mãe fica triste, mas ao contrário quando se portam bem a mãe fica visivelmente feliz.

O aluno nº7 referiu “quando me porto bem na escola, a minha mãe fica contente”, o aluno nº4 acrescentou “se não faço os deveres a horas a minha mãe aborrecesse”.

A seguir os alunos foram distribuídos, em grupo, de 3 elementos, sendo-lhes distribuído um guião leitura do texto ouvido, tendo que preencher as lacunas com as palavras que lhe eram indicadas e no final foi feita a correcção oralmente.

Seguidamente, a professora pede aos alunos que relembrem algumas das palavras utilizadas pela autora do texto, remarcando a ideia de que esta utiliza palavras bonitas e que, por vezes, utiliza a rima para dar musicalidade ao texto, para o tornar mais bonito, para o embelezar.

A professora coloca então um conjunto de cartões, contendo pares de palavras que rimam e respectiva ilustração, em cima da mesa e pede à Mariana que levante um cartão e ao aluno nº2 que leia, colocando-o no quadro. O aluno nº7 apercebendo-se do que se trata, refere “são rimas!”, aproveitando esta “deixa”, a professora apresenta as restantes rimas e pede aos alunos

que em voz alta repitam as rimas e que encontrem outras palavras que também possam rimar. Foi uma animação, pois todos queriam dizer as palavras que se lembravam.

Depois, a professora entrega a cada grupo um conjunto de cartões com palavras a rimar, aos quais falta a ilustração e convida os alunos a fazê-la.

Na sessão seguinte e como os alunos já tinham, observado várias palavras a rimar, já tinham experimentado a fazer ilustrações das rimas, foi-lhes proposto serem eles próprios a construírem as suas rimas e a fazerem as suas ilustrações.

Por fim, os alunos, ainda em grupo, resolvem uma ficha de identificação e construção de rimas, as quais apresentam ao grande grupo, através do porta-voz.

3ºAtendi às expectativas? Fiquei aquém ou além?

Julgo ter atendido as expectativas dos alunos e até ter ido um pouco mais além, pois o ritmo de trabalho dos alunos assim o facilitou. O seu entusiasmo pela actividade, permitiu que se trabalhassem várias rimas de palavras, se identificassem e construísem novas rimas.

4ºReflexão e reajustes para a próxima sessão

Durante o trabalho de grupo, os professores tiveram a percepção de que o grupo dos alunos nº 6, 12 e a Mariana se aceitaram muito bem, aliás foram os primeiros que pediram para que a Mariana ficasse no grupo.

De acordo com a grelha de avaliação de competências (Anexo 36), os professores constataram que os alunos nº 1,3,5 e a Mariana necessitaram de ajuda para escrever palavras sobre o dia da mãe.

Na próxima sessão, teremos que retomar a aprendizagem das rimas, uma vez que ainda nem todos os alunos (nº1,3 9 e Mariana) conseguem identificar ou criar rimas.

Semana de 3 de Maio a 7 de Maio

Planificação - Sessões 17,18, 19		Data: 3,4,5 de Maio
Hora de início: 9:00 Hora de término: 10.30		
Actividade: Vamos rimar		
Competências gerais: • Desenvolver a competência da leitura • Compreender o sentido de um texto • Desenvolver a consciência fonológica Competências específicas: • Construir rimas, a partir de um modelo • Completar lacunas num texto • Continuar uma lengalenga • Cooperar no trabalho de grupo Material: • PowerPoint - A Primavera • Guiões de trabalho • Poemas Metodologia: • 1ª Sessão - Trabalho de grupo • 2ª Sessão – Trabalho de grupo • 3ª Sessão- Trabalho cooperativo		
Desenvolvimento:		
1ª Sessão		
1º Audição de uma história em verso: A Primavera 2º Apresentação das imagens e texto da história 3º Identificação das rimas e repetição oral das mesmas 4º Escrita das rimas identificadas, no quadro 5º Os alunos são divididos em grupos para procederem à completação das palavras do texto, que exploraram anteriormente. 6º Apresentação dos trabalhos ao grande grupo.		
2ª Sessão		
7º A professora distribui pelos diferentes grupos dois poemas: “Arre burro” e “O que está na varanda?” 8º É feita a leitura dos poemas, pelos diferentes alunos. 9º Seguidamente, é solicitado aos grupos que de acordo com os modelos apresentados façam a continuação dos poemas, conforme os seus gostos.		
3ª Sessão		
10º Distribuição do poema “Abecedário sem juízo”, de Luísa Ducla Soares. 11º Leitura e análise do poema e das rimas. 12º Os alunos são sentados em grupo de 3, de acordo, com o abecedário e a letra inicial do seu nome. 13º A professora solicita aos alunos que, de acordo com o poema ouvido, façam também eles um poema com os nomes dos alunos do seu grupo. 14º No final, juntam-se todos os grupos e elabora-se um livro: “Abecedário dos nomes da nossa turma”. 15º Por fim os alunos vão receber presentes, ou seja, os alunos são convidados a fazer um poema, também com os seus nomes, a rimar com possíveis presentes, por exemplo, “Para a Joana uma banana”. 16º Socialização dos trabalhos ao grande grupo. 17º Avaliação da actividade e dos trabalhos.		

Intervenção, avaliação e reflexão

1ºExpectativas sobre a sessão:

As sessões desta semana pretendem ser uma consolidação dos aspectos que ficaram menos apreendidos na sessão anterior, pelo que as expectativas são de alguma forma relevantes. Pois se na sessão anterior, alguns alunos ainda hesitaram ou revelaram algumas dificuldades, julgo que a partir daqui as actividades desenvolver-se-ão de forma mais fácil, permitindo a participação activa de todos os alunos.

2ºO que aconteceu nesta sessão?

Primeiro os alunos ouviram a história em verso, utilizando o PowerPoint. Seguidamente, a professora debruçou-se sobre cada slide, fazendo repetir os alunos as quadras, solicitando que identificassem as rimas. As rimas foram identificadas e repetidas várias vezes, até que os alunos as interiorizassem, tendo sido escritas no quadro, para melhor visualização.

Posteriormente, os alunos foram divididos em grupo de três elementos, grupos heterogéneos, para que os que detêm mais conhecimentos possam auxiliar os que têm mais dificuldades. Foi, então, distribuído aos grupos o texto anteriormente estudado, por forma a que os alunos completassem as rimas, tendo como apoio as palavras escritas, de forma aleatória, no final do texto.

A seguir, os alunos foram convidados a ler duas lengalengas: “Arre burro” e “O que está na varanda?”, sendo posteriormente solicitados a, segundo o modelo, fazer a continuação dos poemas apresentados. Por fim, todos os grupos apresentaram as suas propostas de continuação das lengalengas.

Na sessão seguinte, foi distribuído o do poema “Abecedário sem juízo”, de Luísa Ducla Soares, tendo sido feita a sua leitura e análise das rimas.

Em grupo de três, os alunos são solicitados a fazerem um poema com os nomes dos alunos do seu grupo. No final, juntaram-se todos os grupos e foi elaborado um livro: “Abecedário dos nomes da nossa turma”. Por fim, foi feita a auto e hetero-avaliação da actividade.

3ºAtendi às expectativas? Fiquei aquém ou além?

Considero que atendi às expectativas, tendo motivado bastante os alunos, pois os alunos conseguiram desenvolver as competências definidas, de uma forma lúdica e divertida, ou seja, a brincar com as palavras.

4ºReflexão e reajustes para a próxima sessão

Julgo que a estratégia adoptada foi bastante importante.

O exercício inicial de visualização e repetição das rimas, permitiu a todos os alunos, mesmo aqueles que na sessão anterior demonstraram dificuldades, não terem quaisquer dúvidas quando foram solicitados à actividade de escrita das rimas, conforme grelha de análise de competências (anexo 37)

Na segunda actividade, continuação das lengalengas, considerámos que houve mais dificuldades. Os alunos (Mariana, nº 1,3,9,11 e 12) nem sempre foram capazes de encontrar as rimas mais adequadas.

Relativamente à cooperação existente nos grupos, considerámos que nem todos os grupos funcionaram da melhor forma. O grupo da Mariana, nº7 e 13 tiveram muitas dificuldades em iniciar o trabalho, pois o aluno nº7 considerava que a aluna nº10, no grupo, não permitia que fossem os mais rápidos, pelo que tive que intervir e explicar que se todos colaborarem no grupo, as tarefas são realizadas de forma mais eficaz e mais rapidamente. O nº7 compreendeu, tendo referido “ eu vou esforçar-me por ajudar”, a Ema, por seu lado, continuou um pouco expectante e já nada disse. No final da actividade, os alunos estavam visivelmente satisfeitos, pois tinham conseguido terminar a tarefa com sucesso. O nº7 entusiasmado referiu “até fomos os melhores, professora!”

Nos restantes grupos verificou-se cooperação entre todos os elementos.

O resultado da actividade foi muito positivo, tendo resultado trabalhos muito criativos e originais, com possibilidade de integrar o Jornal escolar da Escola.

O professor titular de turma, ao observar o entusiasmo dos alunos e o resultado do trabalho conseguido, resolveu convidar-me para, no dia seguinte, dar continuação à sessão. Foi com muita satisfação que aceitei o convite para lá voltar, no dia seguinte, por um lado porque vi a alegria no rosto dos alunos pela possibilidade de continuarem as tarefas, por outro lado, eu também já estava demasiado envolvida para dar seguimento à actividade e ver até que ponto conseguiríamos desenvolver os trabalhos. Na sessão seguinte, todos os alunos atingiram as competências, mostrando-se muito cooperantes, nos grupos.

Na próxima sessão, teremos que continuar a incentivar os alunos para o trabalho em grupo e para a importância de todos no grupo, para que se consigam mais resultados de sucesso, de cooperação, interajuda e de amizade.

Sinto que muito já foi feito, que todos se sentem pertencer à turma e que todos sentem ser necessário a presença de todos. No entanto, há sempre algumas “arestas a limar” e há sempre algo de novo a ser feito, para melhorar.

Semana de 17 de Maio a 21 de Maio

Planificação - Sessões 20 e 21		Data: 17,18 de Maio
Hora de início: 9:00		
Hora de término: 10.30		
Actividade: Vamos ler poesia		
Competências gerais: • Desenvolver a competência da leitura • Desenvolver a consciência fonológica • Desenvolver a competência da escrita Competências específicas: • Reconhecer as rimas das palavras • Escrever palavras (um poema) • Cooperar no trabalho de grupo Material: • Livro: “Aquela Nuvem e as Outras” de Eugénio de Andrade. • Fichas de trabalho: Provérbios, canções, adivinhas Metodologia: • 1ª Sessão - Trabalho de grupo • 2ª Sessão – Trabalho cooperativo Desenvolvimento: 1ª Sessão 1º A professora apresenta aos alunos a obra “Aquela Nuvem e as Outras” de Eugénio de Andrade. 2º Breve exploração da capa e das ilustrações. 3º Leitura expressiva do poema “Frutos”, pela professora. 4º Distribuição do texto aos alunos para que façam uma leitura silenciosa do mesmo. 5º Exploração Oral do poema 6º A seguir, os alunos juntam-se em grupos, de acordo com o seu fruto preferido, para elaborarem um poema. Para isso é-lhes pedido para pensarem no fruto e nas razões da sua escolha. Antes da elaboração do poema é pedido aos alunos que pensem e: • Caracterizem o fruto escolhido relativamente à cor, forma, textura, sabor, aroma... • Partilhem o que sentem quando contactam com o fruto em questão. A partir dessas palavras, os alunos constroem um poema que registam numa ficha, depois de concluído. 2ª Sessão 7º Na continuação do trabalho da aula anterior, os alunos são convidados a tratar a poesia, segundo dois temas: a alimentação e os animais. 8º Os alunos são organizados em pequenos grupos e são distribuídas as fichas de trabalho: - Grupo A - Adivinhas sobre a alimentação - Grupo B- Adivinhas sobre animais - Grupo C- provérbios sobre a alimentação - Grupo D- provérbios sobre animais - Grupo E- Canção sobre a alimentação - Grupo F- Canção sobre animais 9º A professora explica a cada grupo o que devem fazer. 10º Os pequenos grupos são agrupados em dois grupos, de acordo com os temas tratados e apresentam e discutem os trabalhos realizados. 11º Apresentação dos trabalhos ao grande grupo 12º Confeção e degustação de salada de fruta 13º Auto e hetero-avaliação da actividade.		

Intervenção, avaliação e reflexão

1ª Expectativas sobre a sessão:

Como as últimas sessões foram bastante do agrado de todos os intervenientes -professores e alunos - esta sessão sendo uma continuação das anteriores, parece-me que irá ser mais um momento de grandes aprendizagens, de ajuda e partilha.

2ª O que aconteceu nesta sessão?

A professora apresentou aos alunos a obra “Aquela Nuvem e as Outras” de Eugénio de Andrade. Foi feita uma breve exploração da capa e das ilustrações.

Foi igualmente feita a leitura das palavras presentes na contra-capas da obra, escritas pelo próprio autor, onde o mesmo se refere ao processo de escrita da poesia, à importância e valor das palavras logo desde o início da nossa vida.

A professora folheou a obra em questão e escolhe o poema “Frutos” que lê de forma expressiva.

Seguidamente, foi distribuído o texto aos alunos para que fizessem uma leitura silenciosa do mesmo.

Oralmente, foi feita a exploração do poema:

- a. Identifica os frutos enumerados nos 3 primeiros versos.
- b. Pensa nesses frutos e regista qual a característica que mais te agrada em cada um deles.
- c. Para qual dos frutos, em termos de sabor, vai a tua preferência?
- d. Qual dos frutos te agrada mais pelo aspecto (forma, cor, textura)?
- e. Em termos de aroma, qual deles julgas ser o mais aromático?
- f. Elege o teu fruto favorito e explica porquê.
- g. A segunda parte do poema fala-nos sobre um fruto em particular. Identifica-o.
- h. Qual a razão que leva o poeta a preferir esse fruto?

- Quantas estrofes tem o poema?
- Por quantos versos é constituído o poema?
- Quais as palavras que rimam?

A seguir, os alunos juntaram-se em grupos, de acordo com o seu fruto preferido, para elaborarem um poema.

Para isso foi-lhes pedido para pensarem no fruto e nas razões da sua escolha.

Antes da elaboração do poema foi pedido aos alunos que pensassem e:

- caracterizassem o fruto escolhido relativamente à cor, forma, textura, sabor, aroma...
- partilhassem o que sentem quando contactam com o fruto em questão (um fruto pode despertar diferentes sensações: visuais, olfactivas, tácteis, gustativas)

A partir dessas palavras, os alunos construíram um poema que registaram numa ficha, depois de concluído.

Na segunda sessão, os alunos são organizados em seis pequenos grupos heterogéneos, alunos com mais facilidades e menos facilidades de aprendizagem, a fim de tratar a poesia, segundo dois temas: a alimentação e os animais.

Posteriormente, os pequenos grupos foram agrupados em dois grupos, de acordo com os temas tratados, apresentaram e socializaram os trabalhos realizados.

Por fim, os alunos foram convidados a preparar e degustar uma salada de fruta. Todos fizeram parte da preparação, lavando e cortando as frutas.

No final, foi realizada a Auto e hetero-avaliação da actividade

3ºAtendi às expectativas? Fiquei aquém ou além?

Julgo ter atendido às expectativas, pois os alunos colaboraram, participaram positivamente, construindo as suas aprendizagens. Foi patente a ajuda dos alunos com mais facilidades aos que apresentam mais dificuldades.

4ºReflexão e reajustes para a próxima sessão

Os alunos procederam à auto-avaliação das competências desenvolvidas (anexo 38).

De acordo com a análise feita da ficha de auto-avaliação realizada pelos alunos, o professor titular de turma e professora de educação especial constataram (Análise da ficha de auto-avaliação de competências - anexo 39) que todos os alunos consideram que já reconhecem as rimas das palavras, residindo na escrita a maiores dificuldades. Os alunos nº 1, 3, 11, 12 e a Mariana consideram que só com ajuda conseguem escrever palavras, os restantes alunos consideram não ter dificuldades.

Em relação à cooperação nos grupos, o nº7 considera que ainda não é capaz de cooperar em grupo enquanto os nº1 e 11 referem que precisam de ajuda para trabalhar em grupo.

De acordo com a Grelha de avaliação de competências desenvolvidas (anexo 40) os professores ressaltam que os alunos estão a começar a estar mais conscientes das suas capacidades e dificuldades, pois foi unânime que todos já reconhecem as rimas das palavras, necessitando a Mariana e o nº3 de alguma ajuda. Relativamente à escrita de palavras os professores também estão de acordo com a avaliação dos alunos, sendo que os alunos nº 1,3,11 e 12 só com ajuda, conseguem escrever palavras e no que diz respeito à Mariana é imperioso a ajuda, não só dos colegas como dos professores, recorrendo muitas vezes à cópia das palavras.

A cooperação entre os grupos aparece mais uma vez contemplada nesta sessão, pois considera-se a mesma essencial para o desenvolvimento das aprendizagens, nomeadamente da leitura e da escrita. Neste aspecto, os professores consideram que todos os alunos já cooperam nos trabalhos, embora o nº7 e 13 necessitem de ser algumas vezes confrontados com os problemas, questionados, sobre as suas atitudes e levá-los a reflectir sobre as situações.

Na próxima sessão será de continuar a investir no desenvolvimento das competências sociais ao nível das atitudes e intervenções dos alunos nos grupos. Considera-se fundamental o desenvolvimento destas competências para que mais facilmente todos os alunos consigam adquirir novas competências académicas e sócias.

Semana de 24 a 28 de Maio

Planificação - Sessões 22 e 23		Data: 24 e 25 de Maio
Hora de início: 9:00		
Hora de término: 10.30		
Actividade: Visita à biblioteca		
Competências gerais: • Desenvolver a competência da leitura • Compreender o que lê • Criar hábitos de leitura Competências específicas: • Ouvir ler • Folhear livros • Ler palavras • Identificar título, autor, ilustrador e editora Material: • Livros • Fichas de trabalho e registo Metodologia: • 1ª Sessão - Trabalho de grupo • 2ª Sessão – Trabalho de pares Desenvolvimento: 1ª Sessão 1º A professora convida os alunos a fazerem uma visita à biblioteca da escola. 2º Audição de histórias contadas pela bibliotecária. 3º Exploração oral de algumas histórias. 4º Visita guiada à biblioteca com apresentação dos diferentes espaços: 5º Organização de pequenos grupos de trabalho 6º Distribuição de vários livros a cada grupo, do PNL e distribuição de uma ficha, contendo um excerto 7º Os grupos são convidados a participar na actividade: À descoberta dos livros. 8º É distribuído a cada grupo uma ficha contendo um excerto de uma obra, tendo os alunos que descobrir de que obra se trata e identificar: título, autor, ilustrador e editora, registado na respectiva ficha. 2ª Sessão 9º Na sala de aula, a professora distribui a cada aluno um livro, pedindo-lhe que o folheiem e observem. 10º Na sequência da aula anterior, os alunos em grupo de pares, completam uma ficha de leitura sobre o livro, registando o título, autor, ilustrador e editora. 11º Por fim, é pedido aos alunos que através da chuva de ideias, digam o que aconteceu na visita de estudo à biblioteca 12º A professora regista as palavras no quadro e procede-se ao registo de uma composição colectiva sobre a visita. 13º Os alunos registam o texto colectivo em ficha própria. 14º Auto e hetero-avaliação da actividade.		

Intervenção, avaliação e reflexão

1º Expectativas sobre a sessão:

Foi a primeira vez que o grupo, neste contexto, saiu da sala de aula, pelo que há alguns receios, relativamente à forma como os alunos se vão comportar e à sua atitude perante os outros elementos pertencentes à comunidade escolar, nomeadamente a professora bibliotecária e a assistente operacional responsável pela biblioteca.

2º O que aconteceu nesta sessão?

Antes de iniciarmos a visita guiada à biblioteca, eu e o professor da turma tivemos a preocupação de alertar os alunos para a importância dos livros no desenvolvimento de conhecimentos, no prazer que estes nos podem proporcionar, bem como a forma como os devemos tratar. Relembrei aos alunos que “ não devem folhear os livros com força, riscar ou amarrotar as folhas”. Relembrei ainda como se deveriam comportar na visita: durante o percurso de ida, na biblioteca e no regresso.

Na biblioteca, a bibliotecária começou por nos recitar algumas poesias, pois sabia que era o conteúdo que estava a ser abordado na sala de aula. Seguidamente, foi feita uma visita guiada pelos diferentes espaços da biblioteca: zona dos computadores e audiovisuais, zona de leitura, zona das estantes de livros e zonas de trabalho, onde acabámos por nos sentar em pequenos grupos. Em cima das mesas estavam colocados alguns livros, do PNL, de acordo com a faixa etária dos alunos. Os alunos puderam folheá-los, observá-los e ler alguns excertos.

Após esse período, foi distribuído um excerto de um livro aos grupos. Os alunos leram-no e, posteriormente, tentaram encontrar o livro que lhe correspondia, identificando o título, autor, ilustrador e editora, registado por escrito numa ficha. Por fim, cada porta-voz do grupo apresentou o livro que tinham descoberto à turma. No final da visita, solicitou-se os alunos a requisitarem um livro e a fazerem uma ilustração sobre o mesmo.

Na aula seguinte, os alunos tiveram oportunidade de escolher um livro, folheá-lo, observá-lo e ler algumas palavras. Após esta actividade individual, foi-lhes proposto que a pares preenchessem uma ficha do livro, registando o título, autor, ilustrador e editora. Cada grupo apresentou os respectivos livros. No final os alunos fizeram a auto-avaliação, registando em ficha.

3º Atendi às expectativas? Fiquei aquém ou além?

Julgo francamente ter atendido às expectativas.

Os alunos colaboram, participaram fazendo questões sobre o funcionamento da biblioteca, procuraram requisitar livros, estiveram interessados, riram muito com as poesias e conseguiram atingir as competências definidas.

4º Reflexão e reajustes para a próxima sessão

Ao contrário do que se poderia prever, os alunos tiveram um comportamento exemplar em toda a visita: desceram e subiram as escadas em silêncio, não se empurraram, falou cada um na sua vez, mantiveram-se atentos. A professora bibliotecária comentou “estes meninos gostam muito de actividades diferentes e dá gosto vê-los assim tão atentos”, a assistente operacional acrescentou “nem parecem os mesmos...a Mariana até já escreve.” O professor da turma concluiu “eles até fazem as coisas como os outros”.

Julgo que todo o ambiente criado na biblioteca, a escolha das poesias, muito divertidas e engraçadas, a motivação que os alunos traziam para esta visita, contribuíram bastante para o sucesso desta actividade.

De acordo com as informações da professora bibliotecária “os alunos tornaram-se mais assíduos na biblioteca, ora requisitando livros, ora fazendo pequenos trabalhos de ilustração, ora folheando apenas os livros”.

Os alunos realizaram a ficha de auto-avaliação (anexo 41). De acordo com a análise feita da ficha de auto-avaliação realizada pelos alunos, o professor titular de turma e professora de educação especial constataram (Análise da ficha de auto-avaliação de competências - anexo 42) que todos os alunos consideram que são capazes de ouvir, folhear livros e ler palavras. No que diz respeito à identificação de título, autor, ilustrador e editora de uma obra, os alunos nº 1 e 3 referem que não são capazes de o fazer, enquanto a Mariana, o nº 5, 11 e 12 referem que o fazem com ajuda, todos os outros referem ser capazes.

De acordo com a Grelha de avaliação de competências desenvolvidas (anexo 43) os professores constaram que, de facto todos os alunos, no final destas duas sessões são capazes de ouvir ler e folhear livros. Relativamente à leitura de palavras e identificação dos aspectos paratextuais a Mariana e o aluno nº3 necessitam de alguma ajuda e os restantes fazem-no com autonomia.

Na próxima sessão dever-se-á dar continuidade ao entusiasmo dos alunos e tentar incrementar actividades de escrita mais organizada, implicando a coesão textual, a organização de ideias e, simultaneamente, a criatividade.

Semana de 31 de Maio a 4 de Junho

Planificação - Sessões 24 e 25		Data: 31 e 2/6
Hora de início: 9:00 Hora de término: 10.30		
Actividade: Construção de uma história		
Competências gerais: • Desenvolver a competência da leitura • Desenvolver a competência da escrita Competências específicas: • Pôr ordem lógica às imagens de uma história • Escrever pequenas frases, a partir do título de uma história Material: • CD com história narrada e música original - A princesa e o sapo Metodologia: • 1ª Sessão - Trabalho de grupo • 2ª sessão - trabalho de grupo Desenvolvimento: 1ª Sessão 1º Os alunos fazem a audição de um CD musical, contendo a história de: A princesa e o sapo 2º Identificação oral da personagem principal da história 3º Identificação da ideia principal da história 4º Organização dos alunos em grupo 5º Distribuição de várias imagens da história 6º Ordenação das imagens 2ª Sessão 7º Construção da história a partir do título e com ajuda das imagens, devidamente ordenadas 8º Apresentação das histórias pelo porta-voz 9º Eleição da melhor história, para ser enviada para o jornal da escola 10º Auto-avaliação da actividade		

Intervenção, avaliação e reflexão

1º Expectativas sobre a sessão:

Estas sessões são de grande expectativa, visto estarem planificadas actividades que implicam o uso da escrita e esta não ser muito do agrado destes alunos, devido às grandes limitações que revelam nesta área, bem como à pouca motivação demonstrada. No entanto, vamos tentar modificar um pouco esta perspectiva, tentando encontrar estratégias dinâmicas, em que a escrita apareça não como um processo imposto, mas como algo divertido em que se valorizam os pequenos esforços de cada aluno.

2º O que aconteceu nesta sessão?

A professora iniciou a sessão apresentando aos alunos uma história musical: A princesa e o sapo. Foi então, pedido aos alunos para identificassem a personagem principal, vários foram os alunos que levantaram o dedo para responder a esta a questão, tendo sido nomeada a Mariana que respondeu, com alguma hesitação, mas de forma correcta. Posteriormente, os alunos foram fazendo o reconto oral da história com o contributo de todos. O aluno nº 7 deu início ao reconto, tendo-se seguido a Margarida. A certa altura, a Mariana estava perdida e começou a remexer-se muito na cadeira, pelo que optei por fazer uma pausa e fazer uma síntese daquilo que os colegas recontavam., tendo conseguido captar a atenção daqueles que estavam um pouco perdidos. De seguida, os alunos agruparam-se em pequenos grupos, tendo-lhes sido distribuído várias imagens da história. Então, pedi aos alunos: observem as imagens com muita atenção e tentem organizá-las de acordo com a história ouvida. O grupo dos alunos nº 1,17 e 18 foram os primeiros a ordenar as imagens, seguindo-se os outros grupos.

Por fim, foi pedido aos grupos que, de acordo com as imagens, contassem a história, por escrito. Todos os grupos começaram logo a escrever algumas frases, embora a Mariana tenha começado a olhar para os professores. Expliquei então ao grupo, que o trabalho era colectivo, pelo que todos davam ideias, todos as registavam e todos tinham que se ajudar. O aluno nº2 que pertencia ao grupo da Mariana compreendeu, de imediato, o que tinha que fazer e começou a ajudar a Mariana a organizar as ideias no papel, permitindo que esta recorresse aos seus registos.

No final, foram apresentadas as histórias ao grande grupo e foi eleita a melhor história.

Procedeu-se ainda à auto-avaliação da actividade, tendo sido registada em ficha própria.

3º Atendi às expectativas? Fiquei alguém ou além?

Julgo ter atendido às expectativas, pois conseguiram-se resultados positivos, realizando-se em produções de texto organizadas e coerentes.

4º Reflexão e reajustes para a próxima sessão

A Mariana ficou muito satisfeita por ter conseguido escrever a história, no final da aula dizia-me: professora, deixa-me levar a ficha para mostrar à minha mãe.

De facto, estas palavras tocaram-me muito, pois se inicialmente, eu tinha algumas dúvidas sobre a realização desta actividade, elas acabaram por se dissipar. Os ganhos que a actividade de escrita, em grupo, proporcionou a todos os alunos foi bastante significativa. Os alunos mais desenvolvidos nesta área puderam exprimir-se de forma mais espontânea, reconhecer e compreender melhor a situação dos que apresentam dificuldades e fomentar o espírito de ajuda e colaboração, os alunos que apresentam mais dificuldades sentiram que os colegas se preocupam com eles, que não os ignoram, ajudando-os mesmo a obter sucesso.

De acordo com a auto avaliação dos alunos (anexo 44), verificou-se que apenas a aluna nº11 considera necessitar de ajuda para ordenar as imagens de uma história, os restantes os alunos consideram que já são capazes de ordenar as imagens.

Relativamente à escrita da história, a Mariana e os alunos nº1, 3,11 consideram que precisam de ajuda, enquanto os restantes consideram que já são capazes de escrever uma história (anexo 45). Pelo exposto, consideramos muito positiva a autoavaliação da actividade, feita pelos alunos. Inicialmente, os alunos rejeitavam as actividades de escrita, no entanto, na autoavaliação, acabaram por considerar que as conseguem realizar, o que poderá significar um aumento de auto estima em relação à prática da escrita, mesmo a Mariana que se retraiu no início da actividade, considerou que é capaz, embora reconhecendo que ainda necessita de ajuda.

Pela análise da grelha de competências (anexo 46), verificámos que todos os alunos conseguem ordenar as imagens de uma história, à excepção da Mariana e do aluno nº3 que necessitaram de muita ajuda para realizar esta tarefa. Relativamente à escrita de uma história vários são os alunos que necessitam de muita ajuda para escrever, nomeadamente, a Mariana, os alunos nº1,3,5,11 e 12.

Em próximas sessões ter-se-á que continuar a insistir na escrita, partindo de uma forma lúdica, motivando os alunos para esta actividade.

Julgo que a implementação do trabalho de grupo, nesta situação, resultou numa estratégia altamente gratificante para todos, pois os alunos não sentiram tantas dificuldades, porque foram ajudados, levando-os a não desistir da tarefa.

4.2.2.2. A nível da família

No dia 1 de Março, a encarregada de educação, da Mariana, foi convocada, através da caderneta da aluna, a comparecer na escola, a fim de se iniciar a intervenção. A encarregada de educação assinou a convocatória enviada, tomando conhecimento. No entanto, não compareceu à reunião agendada. Nesta sequência, o professor titular envia nova convocatória, mas sem sucesso, pois a encarregada de educação, justifica a sua não comparência devido ao facto de ter a filha mais nova doente.

No dia 22 de Março a mãe comparece à escola, após várias tentativas de contacto, quer através da caderneta, quer telefonicamente.

As actividades foram planificadas, em parceria com o professor titular de turma e professora de Educação Especial, tendo-se solicitado a intervenção da encarregada de educação. A mãe concordou com as actividades propostas, comprometendo-se a ajudar a aluna e avaliar as actividades realizadas pela sua educanda.

1ª Intervenção - 22 de Março

A 1ª actividade “**Vou ajudar a mamã**”, consistia em actividades de carácter prático, tarefas do dia-a-dia:

- ajudar a pôr a mesa,
- arrumar o material escolar,
- ajudar a limpar o quarto,
- ajudar a cuidar da roupa.

Estas actividades visavam a o desenvolvimento da auto-estima, da autonomia, da iniciativa da aluna, bem como promover uma maior responsabilização e envolvimento da mãe no desenvolvimento das competências da sua educanda.

Esta semana, a Mariana com ajuda da mãe deveria colocar os pratos, copos e talheres na mesa. A mãe, por sua vez, mostrar-lhe-ia como fazer, ajudando-a quando necessário. Os professores explicaram à mãe, que gradualmente, deveria ir retirando a ajuda, para que a Mariana tentasse fazer sozinha.

De acordo com o relato feito pela mãe, a Mariana no 1º dia fez com ajuda e nos restantes foi capaz de realizar sozinha a tarefa (anexo 47). Contudo, era necessário relembrá-la do que tinha para fazer.

2ª Intervenção - 29 de Março

Esta semana foi proposto que a Mariana colaborasse na limpeza do seu quarto. Inicialmente, a mãe teria que mostrar como se faz:

- 1º ajudar a conhecer os materiais de limpeza,
- 2º mostrar as funções dos diferentes materiais,
- 3º exemplificar como se limpa o pó,
- 4º pedir à Mariana que limpe o pó, dando-lhe alguma ajuda.

No final da semana, a mãe refere que a aluna quer fazer tudo sozinha, sendo capaz de o fazer, mas por vezes prefere brincar. A Mariana, por sua vez, queixa-se que a mãe não tem tempo para a ajudar, porque tem que cuidar da irmã mais nova. Na avaliação, a mãe refere que só no primeiro dia é que a Mariana precisou de ajuda. (anexo 48)

3ª Intervenção - 19 de Abril

Esta semana propôs-se que a Mariana comesse a responsabilizar-se pela sua mochila e material escolar.

A mãe teria que lhe mostrar que após chegar da escola deveria colocá-los no quarto. Inicialmente a mãe teria que lembrá-la do que tinha para fazer e acompanhá-la durante a actividade. Gradualmente passaria apenas a lembrá-la, até que ela comesse a realizar toda a acção sozinha.

No final da actividade, a mãe procedeu ao preenchimento de uma ficha de avaliação, que se encontra em anexo.

Do relato da mãe e da análise da avaliação, (anexo 49) depreendemos que a Mariana, a pouco e pouco foi deixando de ser avisada de que deveria ir colocar a mochila no quarto e começou a fazê-lo sozinha.

4ª Intervenção - 17 de Maio

Esta semana iniciou-se uma outra actividade **“Ler em família”**, tendo como objectivo o desenvolvimento da leitura.

A Mariana, com a ajuda dos professores escolheu um livro para ler com a mãe. Foi então proposto (anexo 50) que, num ambiente calmo e tranquilo:

- a mãe lesse para a Mariana,
- a Mariana folheasse o livro,
- a Mariana lesse algumas palavras.

Através de conversa informal com a Mariana constatámos que a aluna ficou muito satisfeita com a proposta, referindo: “agora a mãe vai ter tempo só para mim” e acrescentou “a mãe vai-me ajudar a ler”.

No final da semana, a mãe não compareceu à escola, mas enviou a avaliação pela filha, mencionando que esta fez a actividade sozinha. A Mariana referiu-nos que a mãe leu com ela algumas vezes e a vizinha também a ajudou.

5ª Intervenção - 24 de Maio

A actividade desta semana ainda inserida no tema “Ler em família” consistia na elaboração de um desenho, ilustração acerca de uma personagem, um espaço representado nos livros escolhidos.

A mãe juntamente com a Mariana observariam os livros e as suas imagens, cabendo à mãe propor e incentivar a aluna para a tarefa proposta.

Relativamente à proposta a mãe referiu que a Mariana quando chegava a casa queria logo fazer os trabalhos e que já mostrava interesse em ler e ver livros. Através da ficha de avaliação (anexo 51) constatámos que a Mariana realizou as actividades sem necessitar de ajuda.

6ª Intervenção - 1 de Junho

O desenvolvimento da escrita é o objectivo para esta semana, pretendia-se que a Mariana comesçasse, em casa, a registar palavras, por sua iniciativa ou por sugestão da mãe. Para tal foi compilado um pequeno “DIÁRIO”, onde a Mariana poderia registar palavras, fazer desenhos ou mesmo colagens.

Foi sugerido à mãe que incentivasse a aluna a escrever, escrevendo também algumas palavras, fazendo desenhos e colagens, para que a aluna se motivasse a fazê-lo.

Na avaliação (anexo 52), a mãe refere que a Mariana gosta muito de escrever palavras no seu diário, sobretudo quando a mãe colabore com ela, escrevendo. Na ficha de avaliação, a mãe deixa patente que a Mariana necessita de ajuda para realizar a tarefa de escrita.

4.3. Avaliação global

A avaliação a seguir apresentada constitui o balanço de todo o plano de acção realizado, fazendo o confronto entre a situação inicial - ponto de partida, e a situação final – ponto de chegada. Realizou-se, de seguida, o balanço sobre os diferentes aspectos intervencionados, dando conta das competências desenvolvidas, parcialmente atingidas e não atingidas.

4.3.1. A nível do grupo e do/s aluno/s “caso”

Competências Académicas

Ao nível das competências académicas, a turma apresentava um elevado número de alunos com dificuldades na Língua Portuguesa, ao nível da leitura e escrita, tendo sido definidas no P.C.T. do ano anterior “estratégias específicas para os alunos, privilegiando um ensino individualizado...estratégias que valorizem o trabalho autónomo”. Contudo, apesar dos esforços envidados, o professor titular de turma realçou a sua preocupação em encontrar estratégias para a turma e para a Mariana, em particular, recorrendo ao apoio individualizado.

Concretamente, ao nível da Língua Portuguesa, uma das áreas de intervenção, a Mariana apresentava limitações na comunicação, fala, linguagem, leitura e compreensão. É referido nos documentos analisados que a sua compreensão leitora através do conto se encontrava afectada, a aluna não recontava, nem mantinha a sequência de uma história. Na escrita conhecia algumas palavras, escrevendo apenas os seus dois primeiros nomes.

Aquando da planificação e dada a existência de limitações comuns, na turma, nesta área, foram definidas competências numa perspectiva de aprendizagem estruturada, reflectida e avaliada durante todo o processo, implicando todos os intervenientes neste processo.

No final da intervenção, constatámos satisfeitos que o balanço global foi muito positivo, o professor titular de turma, na entrevista (anexo 54), refere que “as práticas desenvolvidas contribuíram para o desenvolvimento das competências da leitura e escrita de todos os alunos, incluindo a Mariana”, o que se manifestou no “aumento das visitas e requisições de livros na biblioteca escolar” e na “melhoria dos resultados escolares”. A professora bibliotecária, em conversa informal, salientou a mudança que se operacionalizou na turma, manifestando uma

maior assiduidade à biblioteca, “ora requisitando livros, ora fazendo pequenos trabalhos de ilustração, ora folheando apenas os livros”.

O professor titular de turma acrescenta que os alunos se encontram “mais predispostos para as aprendizagens. Ainda ao nível da leitura e escrita refere ser visível “um aumento de interesse pela leitura”, acrescido de um “aumento de vocabulário que começa a aparecer nos textos elaborados pelos alunos” (anexo 54).

Se atentarmos nas competências académicas descritas nas planificações semanais, constatamos que houve uma preocupação de definir competências, de forma gradual, ou seja das mais simples, para as mais complexas. Houve a preocupação de criar um ambiente facilitador e estimulante de aprendizagens, criando algumas recompensas, como os prémios da “melhor equipa e da boa equipa”, procurando desenvolver as competências académicas enunciadas e, ao mesmo tempo, incrementar hábitos de saber-estar e saber-ser.

Neste sentido e analisando o quadro de avaliação de competências desenvolvidas (quadro 4) verificamos que todos os alunos conseguem:

- a) identificar o nome dos colegas;
- b) identificar a personagem principal de um texto,
- c) escrever o seu nome completo;
- d) escrever o 1º nome dos pais;
- e) Escrever a data do seu aniversário;
- f) Construir rimas;
- g) Ouvir ler;
- h) Folhear livros;
- i) Responder a questões;
- j) Ordenar imagens de uma história.

Conforme se verifica, no quadro 4, os alunos ainda manifestam necessidade de ajuda, para atingir algumas das competências definidas, tendo-se registado como parcialmente atingidas, nomeadamente:

- a) imaginar a história, a partir do título (nº 1,11, 12 e a Mariana-nº10)
- b) escrever frases (nº1, 3, 5, 11,12 e a Mariana)
- c) ordenar acontecimentos (nº1,3,8,11,12 e Mariana)
- d) continuar uma lengalenga (nº1,3,9,11,12 e Mariana)
- e) ler palavras (nº3 e Mariana)
- f) identificar o título e autor de um livro (nº 3 e a Mariana)

Quadro 4 - Competências Académicas desenvolvidas

Competências académicas desenvolvidas		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
Identificar o 1º nome dos colegas	Atingido	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido																		
	Não atingido																		
Identificar a personagem principal	Atingido	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido																		
	Não atingido																		
Responder a questões sobre o texto	Atingido	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido																		
	Não atingido																		
Escrever o seu nome completo	Atingido	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido																		
	Não atingido																		
Escrever o nome dos pais	Atingido	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido																		
	Não atingido																		
Imaginar a história a partir do título	Atingido		X	X	X	X	X	X	X					X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido	X									X	X	X						
	Não atingido																		
Escrever a data do aniversário	Atingido	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido																		
	Não atingido																		
Construir rimas, a partir de um modelo	Atingido	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido																		
	Não atingido																		
Continuar uma lengalenga	Atingido		X		X	X	X	X						X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido	X		X						X	X	X	X						
	Não atingido																		
Ouvir ler	Atingido	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido																		
	Não atingido																		
Folhear livros	Atingido	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido																		
	Não atingido																		
Ler palavras	Atingido	X	X		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido			X							X								
	Não atingido																		
Identificar título e autor	Atingido	X	X		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido			X							X								
	Não atingido																		
Pôr ordem lógica a imagens	Atingido	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido																		
	Não atingido																		
Escrever frases	Atingido		X		X		X	X	X					X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido	X		X		X					X	X	X						
	Não atingido																		
Ordenar acontecimentos	Atingido		X		X	X	X		X					X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido	X		X					X		X	X	X						
	Não atingido																		

De facto foram notórias as aprendizagens adquiridas, se de início os alunos manifestavam uma relutância em relação à escrita (sessões 11,12), verificou-se gradualmente um aumento da auto-estima em relação a esta actividade, que foi sempre valorizada pelos professores. Os professores reconheceram os pequenos esforços feitos pelos alunos, verbalizando frases como” boa, nº3, tu és capaz!”, “Força nº7!”, “Mariana, tu és capaz de escrever bem!”.

As palavras dos alunos “para a próxima quero escrever mais!”, são também reveladoras do seu crescente entusiasmo.

Relativamente à Mariana, esta deixou gradualmente de estar alheia à aula, pois deixou de estar a realizar um trabalho sozinha, fichas diferentes e trabalho diferente e individual, deixou de estar isolada do grupo turma, deixou de estar solitária. Começou a tranquilizar mais, a revelar atitudes mais adequadas e a perceber a sua importância no grupo e, ao mesmo tempo, começou a participar mais activamente, respondendo às questões, ouvindo ler, folheando os livros, escrevendo frases com o seu grupo. A Mariana ficou muito satisfeita por ter conseguido participar e fazer as mesmas actividades dos colegas. Ficou muito entusiasmada por conseguir escrever palavras, frases e mesmo histórias, no final da aula dizia-me: “professora, deixa-me levar a ficha para mostrar à minha mãe.” Foi visível o aumento da sua auto-estima em relação à aprendizagem das competências académicas. A Mariana mostrou vontade de aprender mais, de continuar esta caminhada que até então tão difícil tem sido para ela.

Por seu lado, a mãe da Mariana referia, na entrevista final (anexo 57), “ela está muito diferente...agora já gosta da escola...fala dos meninos e já sabe os nomes deles”. Acrescenta ainda que é notório o seu interesse pela leitura.

Como resultado final, podemos concluir que a Mariana, dentro da sala de aula, com os seus pares, conseguiu atingir as competências definidas, embora necessitando de alguma ajuda, tal como alguns dos seus colegas.

De facto, os alunos tornaram-se mais autónomos, mais confiantes e mais receptivos às actividades. No final do ano houve um pai que comentava “ afinal eles são como os outros e conseguem fazer coisas bonitas”.

A assistente operacional acrescentou “nem parecem os mesmos...a Mariana até já escreve.” O professor da turma concluiu “eles até fazem as coisas como os outros”. (sessões 22,23). Nas paredes da sala de aula também se começaram a sentir os reflexos de alguma mudança, os trabalhos dos alunos passaram a estar expostos e o professor titular de turma incentivou os alunos a registar a sua avaliação, ficando esta afixada na sala de aula.

Competências Sociais

Pela observação efectuada, pelos primeiros testes sociométricos, pelas entrevistas realizadas ao professor titular de turma e encarregado de educação da Mariana depreendeu-se que existiam alunos pouco respeitadores dos direitos uns dos outros, pouco solidários, responsáveis e intolerantes. Ficámos a conhecer uma turma de alunos irrequietos, faladores, evidenciando dificuldades no saber-estar.

Aquando da observação inicial (anexo 10) denotou-se um grande esforço do professor titular de turma em controlar o grupo, evidente nas suas intervenções constantes: “calados”, “para o lugar”, “está quieto”, “só pergunto a quem estiver calado”, “senta-te”, “vai para o lugar”, tendo-se centrado a aula observada, sobretudo, na imposição da disciplina, por parte do professor. Concomitantemente, os comportamentos não verbais dos alunos observados evidenciaram atitudes de desrespeito para com o professor e colegas, desde participações inoportunas “ todos gritam uau!”, “nº3 fala alto”, “nº9 grita: estou farto”; à manipulação constante de objectos: “nº1 brinca com o lápis”, “nº9 brinca com as canetas”, “nº 7 levanta a cadeira no ar”; a deslocções permanentes dos alunos nº3, 7, 14,13 pela sala de aula; até à dificuldade de permanecerem quietos “ nº 13 balança-se”, “ nº12 e nº 11agarram-se e balançam-se”, nº16 veste o casaco”, “ nº 5 não pára quieto com as pernas no ar”.

Em relação à Mariana, denotavam-se grandes dificuldades de estar em sala de aula, não respeitando os colegas, nem os seus objectos pessoais. A Mariana não era capaz de estar sentada e sossegada, o professor refere “ parece uma bailarina...fecha e abre persianas...sempre em pé...não pára quieta...não está sossegada”, o que se verificou também na observação feita antes da intervenção. A Mariana revelou dificuldade em estar sossegada e atenta, voltando-se para trás, agarrando o professor, levantando os braços e mexendo constantemente no cabelo, a sua postura corporal foi reveladora de alguma impaciência e insatisfação.

Neste contexto, ao planificar a intervenção e tendo em conta os problemas existentes na turma, definiram-se como competências sociais/ comportamentais as que se enunciam:

- levantar o dedo para intervir
- estar sentado 10m

intervir oportunamente:

- participar em conversas de grupo,
- esperar pela sua vez,

- não brigar com os colegas,
- respeitar os objectos pessoais dos colegas,
- cooperar no trabalho de grupo.

Aquando do início da intervenção, verificaram-se dificuldades em alguns alunos em estar sentados e levantar o dedo, nomeadamente os alunos nºs 5,7,12, 6,e 13, pelo que houve necessidade de continuar a desenvolver estas competências em várias sessões. Contudo, logo após a 2ª sessão, os alunos começaram a manifestar mais interesse em participar, mas sempre que se entusiasmavam, esqueciam-se de levantar o dedo, mas logo alguém dizia: “Levanta o dedo!” (sessões 2,3)

A Mariana, por seu lado, revelou dificuldades em compreender que teria que participar de forma ordenada, levantando o dedo (sessões 1, 2), ou seja, as estratégias para levar a Mariana a participar como os colegas teve que ser alterada, sendo necessário recorrer a perguntas mais dirigidas. Contudo, sempre que as questões diziam respeito ao seu dia -a dia, a Mariana mostrava mais facilidade em responder.

Após as primeiras sessões, o comportamento da aluna começou a modificar-se gradualmente e sempre que queria participar levantava o dedo e lembrava as colegas de o fazerem, começou a estar sentada durante períodos muito maiores, pois como estava a trabalhar em grupo e como as colegas não se levantavam, ela seguia-os como um modelo, imitando-os.

Verificou-se também que inicialmente a Mariana estava sempre a olhar para mim, a chamar-me e a rebolar-se no chão (sessões 1,2), o que se devia ao facto de esta situação ser completamente nova para a aluna, pois esta não estava habituada a fazer o mesmo que os seus colegas, não estava habituada a participar, a estar em grande grupo (sessões 3,4).

Gradualmente, esta situação também se alterou, a Mariana passou a estar sentada, quase todo o tempo de aula, estava mais atenta e descontraída, percebendo que eu não era só a professora dela, mas de todos os alunos, deixou de estar constantemente a chamar, a olhar para mim ou a rebolar-se no chão para chamar a atenção.

Relativamente aos trabalhos em grupo, inicialmente, foi difícil aceitar as ideias da Mariana, no grupo, alguns alunos riam-se e a aluna zangava-se (sessões1,2, 3,4), foi necessário intervir algumas vezes, alertando para a importância de todos no grupo, relembrando que as pequenas participações de cada aluno resultariam num melhor trabalho, tendo que se ajudar mutuamente (sessões 3,4). No entanto, julgo que esta aprendizagem foi conseguida, pois quando terminavam as actividades, os alunos ficavam visivelmente

satisfeitos, pois tinham conseguido terminar as tarefas com sucesso, referindo frases bem elucidativas “até fomos os melhores, professora!” (sessões 17,18,19).

A aceitação da Mariana no grupo prendia-se também ao facto da aluna não saber respeitar os objectos dos colegas, o que se veio a ultrapassar com o decorrer das sessões. A Mariana começou a pedir emprestado os objectos que necessitava e, sempre que o não fazia, os colegas relembravam-na, sem entrar em discussão.

Alguns grupos também evidenciaram dificuldades em aceitar as opiniões dos outros, nomeadamente do aluno nº8 tendo havido alguma resistência em aceitá-lo no grupo. O grupo dos alunos nº13 e 7 também tiveram muitas dificuldades em iniciar os trabalhos, pois o aluno nº7 considerava que a aluna nº10, no grupo, não permitia que fossem os mais rápidos, pelo que tive que intervir e explicar que se todos colaborassem no grupo, as tarefas eram realizadas de forma mais eficaz e mais rapidamente. O nº7 compreendeu, tendo referido “ eu vou esforçar-me por ajudar”.

Para os professores foi necessário, conjuntamente, reflectirem sobre a formação dos grupos e adoptarem estratégias que, por um lado, agradassem aos alunos, mas também dessem oportunidade de todos os alunos trabalharem com todos, para se conhecerem melhor e reconhecerem a importância individual de cada elemento, no grupo. Várias foram as opções de trabalho: trabalho cooperativo; trabalho de grupo, juntando alunos com diferentes níveis de aprendizagem; trabalhos de pares, tendo-se juntado os alunos, por ano de escolaridade e escolhido alunos que raramente trabalhavam juntos, de forma a proporcionar a abertura entre os grupos e o aumento de interações entre todos os alunos (sessões 9,10).

O trabalho em grupo, considerou-se essencial para o desenvolvimento das aprendizagens académicas e sociais, tendo sido privilegiado, nas várias sessões.

De facto, após as intervenções, as relações entre os alunos da turma sofreram algumas alterações, através da análise dos primeiros sociométricos (anexo 2) verificámos que a aluna nº13 tinha sido a mais escolhida (11 escolhas), seguida dos alunos nº4 (9 escolhas) e nº16 (8 escolhas). Nestes últimos testes (anexo 59) observou-se que a aluna nº 13 continua a ser a mais escolhida (8 escolhas) seguida do aluno nº18 (7 escolhas) e alunos nº2,4,14,15,17 (6 escolhas).

Podemos assim concluir que a aluna nº13, embora continue a ser a mais escolhida, sofreu uma diminuição do número de alunos por quem é escolhida, diluindo-se desta forma a sua liderança na turma, consequentemente distribuindo-se as escolhas por outros alunos.

Ao nível das escolhas, verificámos ainda que, enquanto nos primeiros sociométricos encontrámos 21 reciprocidades parciais e 4 totais, nos últimos testes (anexo 59) houve uma redução das reciprocidades: 16 parciais e 3 totais.

Assim, podemos concluir que a turma se tornou menos “fechada”, alargando as suas escolhas, o que se deveu, quanto a nós, à possibilidade que foi dada a todos os alunos de se conhecerem melhor.

Relativamente à Mariana, é de realçar o facto de a aluna ter alargado substancialmente o nº de colegas escolhidos (de 4 para 7), o que se deveu, quanto a nós, ao melhor conhecimento dos colegas, de saber os seus nomes, de ter trabalhado com Todos, ao invés de ter apoio individual como anteriormente acontecia.

É ainda importante salientar que se nos primeiros testes sociométricos a Mariana apenas foi escolhida por um aluno, na situação de recreio, em terceira prioridade, nestes últimos testes a aluna é escolhida por quatro alunos: nº6 (em todos os critérios, colocando-a em 1ª prioridade em situação de trabalho), nº4 e nº9 (em 2ª prioridade em situação de trabalho) e nº13 (em 3ª prioridade em situação de trabalho). Pelo exposto podemos concluir que a Mariana é escolhida no 2º critério - situação de trabalho, o que nos parece ter sido reflexo do trabalho desenvolvido em sala de aula: o trabalho de grupo e o trabalho cooperativo.

No que diz respeito às rejeições (anexo 60), constatámos que à excepção da Mariana, a aluna mais rejeitada foi a Nº12 (7 rejeições), seguindo-se a aluna Nº11 (5 rejeições), os restantes alunos sofreram entre uma a três rejeições. Verificámos ainda existir quatro alunas, Nº13,14,17,18 que não sofreram qualquer rejeição, tal como nos primeiros testes. A aluna nº13 por ser a líder da turma e as restantes foi consensual o facto das mesmas não serem conflituosas.

Relativamente à Mariana continua a ser a aluna mais rejeitada. No entanto houve uma diminuição significativa do número de alunos a rejeitar a aluna de 17 para 9 alunos (de 94,4% para 50%). Outra conclusão que se extrai dos sociométricos é que enquanto no primeiro teste, a Mariana era rejeitada em todos os critérios, neste último teste sociométrico (anexo 60), as rejeições são apenas referentes ao 1º e 3º critérios, respectivamente sentar-se na mesma carteira e brincar no recreio, não tendo sofrido qualquer rejeição no 2º critério - trabalhar em grupo, o que quanto a nós é um ganho bastante considerável da intervenção.

Pareceu-nos visível o reconhecimento dos alunos pela presença da Mariana nos grupos. É visível o reconhecimento dos alunos acerca dos contributos que a sua presença pode potenciar a todos, nomeadamente ao nível das escolhas para trabalhar em grupo, visível nos testes

sociométricos, bem como na adopção de estratégias e metodologias de trabalho que a todos agradou, como se confirma pelas palavras de alguns alunos “professora, qual é a história que vamos ouvir hoje?”, “professora, vai para a nossa sala? Vá, por favor!” (sessões 11 e 12), referindo “agora fazemos trabalho em grupo com o nosso professor”, “é bom, nós gostamos” (sessões 9 e 10).

Em suma, os professores consideraram que todos os alunos atingiram as competências sociais definidas (quadro 5), embora o aluno nº7 e 13 necessitem de ser algumas vezes confrontados com os problemas, questionados sobre as suas atitudes, levando-os a reflectir sobre as situações. Nem sempre respeitam os colegas, entrando em conflito e não sabendo esperar pela sua vez, necessitando de ajuda e orientação para o fazer.

Quadro 5 - Competências Sociais desenvolvidas

Competências sociais desenvolvidas		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
Levantar o dedo	Atingido	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido																		
	Não atingido																		
Estar sentado 10m	Atingido	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido																		
	Não atingido																		
Participar em conversas de grupo	Atingido	X	X		X	X	X		X	X		X	X		X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido			X				X			X			X					
	Não atingido																		
Esperar pela sua vez	Atingido	X	X		X	X	X		X	X		X	X		X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido			X				X			X			X					
	Não atingido																		
Não entrar em conflito com os colegas	Atingido	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido							X						X					
	Não atingido																		
Respeitar os objectos pessoais dos colegas	Atingido	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido																		
	Não atingido																		
Cooperar no trabalho de grupo	Atingido	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Parcialmente atingido																		
	Não atingido																		

Os alunos nº 3 e a Mariana (nº10) embora participem em conversas do grupo ainda não o conseguem fazer sozinhos, necessitando de estímulos verbais e de orientação para intervir na sua vez.

Relativamente às restantes competências sociais, como levantar o dedo, estar sentado, respeitar os objectos pessoais dos colegas e cooperar nos trabalhos de grupo, foram alcançadas pelos alunos de forma harmoniosa e gradualmente desenvolvidas.

Julgamos que os resultados obtidos, ao nível das competências sociais, foram também visíveis pela comunidade escolar, a professora bibliotecária comentava “estes meninos gostam muito de actividades diferentes e dá gosto vê-los assim tão atentos”.

Na entrevista, o professor titular de turma também se referiu (anexo 54) à notória melhoria das relações inter-pessoais entre os alunos, “o comportamento melhorou satisfatoriamente o que contribuiu para uma melhoria nos resultados académicos, os alunos encontram-se mais predispostos para as aprendizagens”. Relativamente à Mariana, o professor titular de turma refere “a Mariana modificou, gradualmente, a sua forma de estar: está mais atenta, mais concentrada”.

4.3.2. Parceria Pedagógica

A parceria estabelecida entre professor titular de turma e professor de Educação Especial foi, em opinião do professor titular de turma, “muito boa”, permitindo encontrar “actividades e estratégias mais enriquecedoras, motivadoras e adequadas aos diferentes níveis dos alunos.” (anexo 54)

Inicialmente, o professor titular de turma manifestou a sua dificuldade em enunciar aspectos positivos dos alunos considerados com NEE para a turma, considerando “difícil” o trabalho com estes alunos, privilegiando “um trabalho à parte, de acordo com as suas capacidades” (anexo 5). Contudo, esta intervenção pautada pela colaboração constante, pela análise sistemática das situações suscitou a mudança de opinião, do professor titular de turma, tendo considerado que “as metodologias, estratégias e actividades realizadas, ao longo de todo o ano, foram sempre diversificadas e adequadas aos níveis de aprendizagem dos alunos e às suas dificuldades, de forma a motivá-los”, considerando que as actividades e metodologias se revelaram “muito benéficas e importantes no processo de aprendizagem, pelo que tentará “utilizar o trabalho de grupo e estas metodologias... incluindo todas as crianças, como a Mariana” (anexo 54). O professor titular de turma manifestou ainda o seu agrado por este tipo de parcerias, considerando “ estas parcerias ... importantes e benéficas tendo em vista o sucesso escolar dos alunos com os quais trabalhamos todos os dias” (anexo 54).

4.3.3. A nível da família

A mãe da Mariana apresentava inicialmente um “olhar” negativo em relação à Mariana, que se encontra presente na primeira entrevista realizada (anexo 8), “ela é muito respondona...ela é uma pedinchona...às vezes zanga-se e briga...ela quer tudo...”, havendo mesmo um certo desinvestimento em relação à filha, patente na dificuldade de enunciar o que queria para o futuro da sua educanda, apenas referindo que queria que ela aprendesse, pelo que houve necessidade de ajudar a mãe a investir na filha, delineando estratégias.

Neste sentido, as actividades realizadas com a família, com a mãe da Mariana, basearam-se no desenvolvimento de competências que permitissem uma maior ligação mãe, filha e escola e, conseqüentemente, uma maior predisposição da aluna para as aprendizagens.

A planificação e desenvolvimento das actividades semanais permitiram, de facto, um maior envolvimento da Encarregada de Educação, pois a mãe, embora de forma pouco sistemática, tornou-se mais assídua na escola, dando conta das pequenas conquistas da Mariana, nomeadamente, ao nível da disponibilidade para ajudar a “pôr a mesa, a escolher a roupa, antes de se deitar”, apesar de ser “preciso mandá-la fazer as coisas” (entrevista à mãe - anexo 57).

Em casa, as alterações de comportamento da Mariana também se sentiram. De acordo com as palavras da mãe, a aluna “já gosta de ajudar...” e “todos os dias abre a mochila e mostra as coisas que fez na escola”. A encarregada de educação considerou que a Mariana “está muito diferente... agora já gosta da escola” e já “gosta dos professores e quer estar lá dentro da sala com os outros. Em casa já fala do que faz na aula: das histórias e das festas” (anexo 57).

No que diz respeito ao desenvolvimento das competências de leitura e escrita, as actividades previstas ficaram aquém do que se esperava, pois a mãe da aluna nem sempre compareceu presencialmente, o que dificultou o desenvolvimento das actividades previstas, por outro lado, a mãe nem sempre manifestou disponibilidade para ajudar a filha, delegando essa ajuda numa vizinha e no companheiro.

Relativamente às aprendizagens académicas, a mãe notou algumas melhorias na Mariana “ela agora já puxa para ler, já escreve o nome dela, o meu e da irmã. Já faz contas...e quando leva trabalhos para casa quer logo fazê-los” (anexo 57).

Por seu lado, a mãe embora manifestando falta de tempo para acompanhar a Mariana nas actividades, devido ao facto de ter uma filha mais pequena, começou a sentir-se mais implicada na escola, pois tinha-se comprometido a participar no processo educativo da filha. O que ficou visível nas suas palavras “este ano venho mais à escola...chamam-me mais vezes...o ano passado só vinha na altura das notas...agora é diferente...querem que eu ajude...e tem que ser ” (2ªentrevista anexo 57).

Através dos resultados obtidos apraz-nos concluir que a Mariana, aluna com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais, está incluída na turma, mantendo um nível de interacção positiva com os colegas, ou seja permitiu-nos constatar que esta aluna fez aprendizagens significativas nas áreas académica e social.

Constatou-se que, na generalidade, as competências definidas foram atingidas, a Mariana aumentou a interacção com os professores e colegas, progrediu ao nível do saber- estar em sala de aula, nomeadamente estar sentada, estar atenta, levantar o dedo para intervir, trabalhar em grupo, não mexendo nos materiais dos colegas e, consequentemente, ser aceite pelos seus pares. Demonstrou alguma capacidade relativamente às áreas académicas, escrevendo o seu nome completo, o nome dos pais e algumas palavras que globalizou, aumentando o interesse em procurar livros e ler algumas palavras. Desenvolveu ainda a comunicação oral, na medida em que expressa as suas opiniões, em contexto sala de aula, ouve as opiniões dos outros e mais facilmente constrói as suas ideias, para tal foi fundamental o apoio da mãe e a interacção estabelecida entre ambas. A Mariana começou a sentir-se mais apoiada, mais segura e mais confiante o que aumentou a sua auto-estima e consequentemente uma maior motivação para as aprendizagens.

No final do ano, os alunos e professores convidaram os pais e familiares para um sarau de poesia e lanche partilhado. Foi com bastante agrado que os professores constataram a adesão dos pais à actividade. Os alunos, em sessões anteriores, ensaiaram com os professores as poesias e todos participaram. Os pais ficaram muito emocionados e visivelmente orgulhosos, pois a “pior turma da escola” era capaz de recitar as poesias estudadas.

4.3.3. A nível do contexto escolar

As actividades desenvolvidas ao longo da intervenção tiveram como objectivos os referidos anteriormente, tendo presente os objectivos da escola, da turma, assentando nos

objectivos previstos no Plano Anual de Actividades, nomeadamente naqueles que apresentamos:

- sensibilizar as crianças para os hábitos de leitura
- divulgar a literatura portuguesa infanto-juvenil
- desenvolver nas crianças o prazer da escrita através da produção de pequenos livros
- sensibilizar as crianças para os hábitos de leitura recreativa
- promover o gosto pela leitura e escrita
- contribuir para a criatividade composicional dos alunos
- desenvolver a sensibilidade jornalística nas crianças
- estimular o gosto pela leitura e escrita
- desenvolver a imaginação e o espírito criativo
- divulgar contos tradicionais
- estimular o gosto pela leitura e escrita através da poesia
- divulgar a poesia infantil (rimas, de recreio, poemas de autor)
- divulgar autores de renome e respectivas obras
- estimular o gosto pela leitura envolvendo a família
- promover o contacto com o material informático
- desenvolver o interesse nas crianças pelas novas tecnologias de educação” (P.A.A.pág.12).

Neste sentido, a nossa intervenção teve reflexo na comunidade escolar envolvente, tendo-se manifestado pelo interesse na nossa participação (da turma) nas actividades da “Semana da Leitura”, em parceria com a Biblioteca Escolar e Centro de Recursos da Escola (BECRE). Para além disso, a turma começou a ser convidada a participar no jornal da escola com os trabalhos desenvolvidos durante a intervenção e foi notório o interesse dos alunos em enviar os textos produzidos para o jornal da escola.

Desenvolveu-se assim uma parceria bastante significativa entre a turma e a BECRE, o que nos levou a desenvolver algumas das actividades na biblioteca (sessões 22,23), tendo sido crescente o gosto dos alunos pela leitura, se atentarmos às informações da professora bibliotecária e do professor titular de turma.

Reflexões conclusivas

Neste trabalho de intervenção confrontámo-nos com o desafio das práticas educativas, diferenciadas e inclusivas na sala de aula, onde se encontrava uma aluna com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais. Procurou-se nesta intervenção encontrar resposta para as questões já enunciadas anteriormente, ao nível das metodologias e estratégias a adoptar, do contributo dos alunos considerados com NEE, bem como da implicação dos pais no desenvolvimento de competências. Neste sentido e, através da parceria pedagógica, adoptámos como linha norteadora da nossa intervenção pedagógica os princípios fundamentais da Declaração de Salamanca, segundo a qual preconiza a educação inclusiva, tendo como referência o respeito pelas diferenças individuais dos alunos, no ensino regular, baseando-se no currículo escolar. Este princípio permitiu-nos:

- atender mais eficazmente cada aluno e as suas necessidades;
- proporcionar o desenvolvimento de competências académicas (mais concretamente de leitura e escrita) e competências sociais;
- promover uma cultura de escola de sucesso para todos os alunos, oferecendo respostas educacionais com qualidade a todos eles (Rodrigues, 2003).

Na definição do currículo, que estruturámos e adaptámos de acordo com as necessidades de cada aluno, tendo como objectivos a mudança das práticas na sala de aula, concomitantemente com a aquisição de competências, numa perspectiva inclusiva, incrementaram-se estratégias de aprendizagem cooperativa que proporcionaram, tal como é referido nos estudos de Díaz-Aguado (1996):

- a aprendizagem observacional através da observação dos pares e o respeito pelas diferenças;
- o reconhecimento da importância de Todos no grupo;
- o desenvolvimento do espírito de ajuda e colaboração entre os alunos, incluindo os que apresentam mais dificuldades ;
- a aquisição de competências sociais e académicas

Toda esta dinâmica se desenvolveu num processo de reflexão e mudança de práticas, que após avaliação semanal, nos permitia: reequacionar os grupos de trabalho; aprofundar estratégias e metodologias e encontrar novas soluções para os problemas que iam surgindo.

De uma forma geral, o grupo/ turma revelou bastante interesse pelas actividades propostas. Assim sendo, considerou-se uma mais-valia:

- 1º os incentivos e estímulos para o melhoramento das dificuldades de relacionamento,
- 2º a diversificação de metodologias/estratégias porque proporcionaram mais motivação e cumprimento das regras da sala de aula;
- 3º a avaliação do trabalho após cada sessão, tornando os alunos mais interventivos e responsáveis pelas suas aprendizagens;
- 4º o dar a conhecer aos alunos os objectivos e as competências que se pretendiam alcançar no início das aulas;
- 5º o trabalho cooperativo e de grupo que permitiram a socialização de aprendizagens e, posteriormente a aquisição de competências académicas e sociais;
- 6º o propiciar e trabalhar os temas da amizade, da diferença, o que favoreceu o desenvolvimento de valores, como o respeito pelos outros; o reconhecimento e aceitação das diferenças individuais.

Pelo exposto podemos ainda aferir que a presença dos alunos considerados com NEE, na sala de aula regular, constituiu um marco fundamental na adopção de estratégias e metodologias que a Todos traz benefícios, propiciando o sucesso escolar e pessoal. Consideramos que, de uma maneira geral, a intervenção foi muito positiva para toda a turma, revelando-se numa melhoria a nível de aprendizagens e de comportamentos.

A forma como se desenvolveu o projecto permitiu conhecer os alunos, o espaço de intervenção, o professor titular de turma e família da aluna considerada com NEE, de forma a estabelecer um confronto entre o início e o final da intervenção. O processo de reflexão constante, semanal, entre professores e encarregada de educação da Mariana, foi fundamental, na medida em que facilitou o desenvolvimento das competências previstas.

Alunos e professores tiveram oportunidade de experimentar, juntos, formas de trabalhar aliciantes, motivadoras e estimuladoras, proporcionando aprendizagens académicas e sociais aos alunos. Para os professores proporcionou-se uma troca de experiências e uma melhor consciencialização do trabalho com todos os alunos, incluindo os que apresentam dificuldades.

O trabalho em parceria, entre mim, professora de Educação Especial, e o professor titular de turma e a família, veio beneficiar a qualidade de ensino, através da reflexão-acção, das práticas educativas, cooperando, com a finalidade de, em conjunto, resolvermos os problemas que se nos depararam.

O papel da família, o “trabalho em equipa” (Correia, 1997), tornou-se importantíssimo no diagnóstico e a avaliação da situação da aluna, sendo elemento indispensável na concepção da planificação e na intervenção educativa.

As Investigações em Ciências Sociais feitas por autores como Davies (1989) e Marques (1988), entre outros, têm enfatizado a importância do envolvimento dos pais nos estabelecimentos de ensino. De um modo geral, todas essas investigações conduzem à ideia de que esse envolvimento poderá ter reflexos positivos nas crianças. É consensual

que a relação/comunicação/interacção/colaboração escola –família - comunidade contribuem para o desenvolvimento dos alunos, para a motivação, para as aprendizagens, enfim para o sucesso escolar” (Marques, 1998:4)

Se a interacção entre escola e família é extremamente importante para o percurso educacional e pessoal dos alunos, no que se refere a crianças consideradas com N.E.E. essa relação tem de ser ainda mais estreita. Segundo Dias (1999:19), “se a relação família/escola é, na generalidade, considerada como importante factor de sucesso, no caso específico de famílias de crianças com N.E.E. torna-se factor essencial”.

Neste sentido será fundamental e indispensável continuar o trabalho com a família desta aluna, pois só assim se conseguem fazer progressos significativos.

É imperioso que as famílias continuem a investir nos seus educandos, mas para tal é necessário um olhar muito atento por parte dos professores e técnicos, concedendo as orientações e as ajudas técnicas que forem úteis ao desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

É importante que professores e comunidade escolar olhem para estes alunos como um potencial de excelência para o crescimento de todos os alunos e de todos os seres humanos. É importante que façamos das escolas um espaço privilegiado de inclusão, constituindo esta experiência um ponto de partida nesta perspectiva, orientada para a maximização das potencialidades de cada aluno.

A Educação Inclusiva é a forma que melhor se conhece de garantir o acesso à educação de todos os alunos, independentemente das suas capacidades ou das suas particularidades de desenvolvimento em termos académicos, sociais, emocionais ou pessoais, então é da responsabilidade de todos nós fazermos da escola inclusiva uma realidade.

Se atentarmos sobre o decreto-lei 3/2008, de 7 de Janeiro, que enquadra a educação dos alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais, parece-nos ser consensual que

este enquadramento legislativo fica muito aquém das expectativas de todos os intervenientes no processo educativo, pois não oferece a resposta adequada aos alunos que contempla. Pela nossa experiência, enquanto professora de Educação especial, há doze anos, esta nova legislação torna mais restrita a inclusão dos alunos considerados com NEE, pois não abrange todos os alunos, limitando-o àqueles que manifestam limitações significativas ao nível da actividade e participação, decorrentes de alterações funcionais e estruturais de carácter permanente. Por outro lado, a centralização de toda a orientação educativa no aluno leva a que, muitas vezes, o ensino se baseie no ensino individualizado, relegando-se a colaboração entre alunos e professores, trabalho de sala de aula planificado em conjunto, diferenciação pedagógica inclusiva e remoção de barreiras à aprendizagem e participação.

Torna-se assim premente, pela nossa experiência, dar a prioridade à cooperação, às parcerias, à prática pedagógica diferenciada e inclusiva e à permanência dos alunos consideradas com N.E.E. na sua turma de referência, em detrimento de respostas mais restritivas e excepcionais.

Em suma, consideramos que este projecto constituiu um marco importante para a problemática apresentada. Reconhecemos a necessidade de se aprofundar esta intervenção ao nível de outros contextos, nomeadamente ao nível da família. Reconhecemos a pertinência de aprofundar os níveis intervencionados, alargando-se a experiência para todas as aprendizagens académicas.

Consideramos que o factor tempo condicionou, de alguma forma, a intervenção, pelo que futuramente deveria continuar esta colaboração e investir-se nos vários contextos educativos.

Em jeito de comentário final e, certa forma, de carácter mais pessoal, permitam-nos um desabafo, a elaboração deste trabalho constituiu, para nós, um contributo valioso para a nossa própria formação, a implementação deste modelo inclusivo nas escolas revela-se um processo de mudança difícil, mas que está ao alcance de todos nós, basta para isso que todos o queiramos. Basta para isso que sejam organizados os apoios, a nível organizacional, curricular e a nível do ensino, da cooperação e trabalho de equipa entre professores, entre alunos e com a família. Desse modo se incentiva e facilita uma maior participação e aprendizagem a Todos os alunos.

Referências bibliográficas

- Ainscow, M. (1996). *Necessidades especiais na sala de aula*. Lisboa: Edições UNESCO
- Ainscow, M. (1997). Educação para Todos: torná-la uma realidade. In M. Ainscow, G. Porter, M. Wang. *Caminhos para as escolas inclusivas* (pp. 13-31). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Alonso, M. A. & Bermejo, B. G. (2001). *Atraso mental. Adaptação social e problemas de comportamento* (tradução de T. Gonçalves). Lisboa: McGraw – Hill.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Bautista, R. (1997). Uma escola para todos: A integração escolar, in Rafael Bautista (coord). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Dinalivros.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bastin, G. (1980). *As técnicas sociométricas*. Lisboa: Moraes editores.
- Benavente, A, Costa, A. & Machado F. (1990). Práticas de mudança e de investigação – Conhecimento e intervenção na escola primária. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29, 55-80
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Cadima, A. (1996). Diferenciação: No caminho de uma escola para todos. *Noesis* (Outubro/Dezembro 1996), p. 48
- Carvalho, E. & Maciel, D. (2003). Nova concepção de deficiência mental segundo a American Association on Mental Retardation-AAMR: sistema 2002. *Temas em Psicologia da SBP- 2003, vol.11, nº 2*, 147 – 156.
- Castro, S.L. e Gomes, I. (2000). *Dificuldades de aprendizagem da Língua Materna*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Correia, L. M. (1997). *Alunos com necessidades educativas especiais*. Porto: Porto Editora.
- Correia, M. (2001). Educação inclusiva ou educação apropriada. In D. Rodrigues (Ed), *Educação e Diferença - Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva*. Porto: Porto Editora
- Damas, M.J. & De Ketele, J.M. (1995). *Observar para avaliar*. Coimbra Almedina. http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf
- Davies, D. (1989). “*As escolas e as famílias em Portugal – realidade e perspectivas*”. Lisboa: Livros Horizonte
- Declaração de Salamanca. Acedido em 10/12/09 in http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf

- Dias, J. (1999). “*A problemática da relação família/escola e a criança com N.E.E.*”. Cadernos SNR nº11.
- Díaz-Aguado, M.J. (1996). *Programas de educación para la tolerancia y prevención de la violencia en los jóvenes. Volumen I — Fundamentación psicopedagógica*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales
- Estrela, A. (1986). *Teoria e prática de observação de classes* (2.^a edição). Lisboa: INIC.
- Fonseca, V. (1989). *Educação Especial - Programa de estimulação precoce*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). *O Inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Grossman, H. J. (1983). *Classification in mental retardation*. Washington: American Association on Mental Deficiency. Gumz, E. J. & Gubrium, J. F. (1972)
- Jiménez, R.B. (1997). Uma escola para todos: a integração escolar. In R. Bautista, (Ed), *Necessidades Educativas Especiais*: Lisboa: Dinalivro
- Leitão, F. (2010). Valores educativos, cooperação e inclusão. Salamanca: Luso - Espanhola de Ediciones, S.L.
- Leite, T. & Madureira, I. (2003). *Necessidades educativas especiais*. Lisboa: Universidade Aberta
- Lima-Rodrigues, L., Ferreira, A. M., Trindade, A. R., Rodrigues, D., Colôa, J., Nogueira, J. H., et al. (2007). *Percursos de Educação Inclusiva em Portugal: dez estudos de caso*. Cruz Quebrada: Fórum de Estudos de Educação Inclusiva, Faculdade de Motricidade Humana.
- Lopes, J. & Silva, H. S. (2009). *A aprendizagem cooperativa na sala de aula*. Um guia prático para o professor. Lisboa: Lidel
- Ludke, M. & Marli, A. E. D. A., (1986). *Pesquisa em Educação, Abordagens qualitativas*. São Paulo: Edito Pedagógica e Universitária.
- Marconi, M. de A. & Lakatos, E.M. (1986). *Técnicas de pesquisa*. São Paulo. Edições Atlas.
- Marques, J. & Sarmento, T. (2007). Investigação-ação e construção da cidadania. *Revista Lusófona de Educação*, 9, 85-102.
- Marques (1988). “*A escola e os pais – como colaborar?*”. Lisboa: Texto Editora.
- Morato, P. & Dinis, A.; Fernandes, C.; Alves, C.; Gonçalves, P.; Lima, R.; Marques, S. (1996). Mudança de paradigma na concepção da Deficiência Mental. *Revista integrar*.

- Morissette, D. (1994). *Como ensinar atitudes. Planificar, intervir, avaliar*. Porto. Asa.
- Morgado, J. (2004). *Qualidade na Educação: um desafio para os professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Morgado, J. (2003a). *Qualidade, inclusão e diferenciação*. Lisboa: ISPA.
- Nielson, I. (1999). Necessidades educativas especiais na sala de aula, um guia para professores. *Colecção Educação Especial*. Porto: Porto Editora
- Northway, M. & Weld, L. (1957). *Testes sociométricos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pacheco, D. & Valencia, R. (1997). A deficiência Mental. In R. Bautista (Eds). *Necessidades Educativas Especiais* (pp.209-223). Lisboa: Dinalivro. 1ª Edição.
- Pereira, F. – *As Representações dos professores de educação especial e as necessidades das famílias* – SNR n.º 8, Lisboa, 1996
- Pereira, M. C. & Vieira, F. D. (1996). *Se houvera quem me ensinara...* Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Perrenoud, P. (2001). *Porquê construir competências a partir da escola?* Porto: ASA.
- Pires, J. (1992). *Práticas de planificação na Escola Moderna*. Lisboa I.P.C.E, p. 54
- Postic & De Ketele (1988). *Observer les Situações Educativas*. Paris: P.U.F.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (1998). *Manual de investigação em Ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rodrigues, D. (2001). A educação e a diferença. In Rodrigues, D. (org.), *Educação e diferença. Valores e práticas para uma educação inclusiva* (pp. 13-34). Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, D. (2003). *Perspectivas sobre a inclusão: da educação à sociedade*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, D. (2006). Dez ideias (mal) feitas sobre a Educação Inclusiva. In D. Rodrigues (ed.). *Educação Inclusiva. Estamos a fazer progressos?* (pp.75-88). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana (Fórum de estudos de educação inclusiva).
- Sanches, I. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Sanches, I. (2005). Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-acção à educação inclusiva. *Revista Lusófona de Educação*, 2005, 5, 127-142

- Sanches, I. & Teodoro, A. (2006). Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. *Revista Lusófona de Educação*, 2006, 8, 63-83
- Santana, I. (2000). Práticas pedagógicas diferenciadas. *Escola Moderna*, nº8, 5ª série
- Santos, S. & Morato, P.P. (2002). *Comportamento adaptativo*. Porto: Porto Editora.
- Silva, A. (1991). *Abordagem à caracterização dos diferentes tipos de deficiência*. Provas de aptidão pedagógica FCDEF.UP. Porto
- Simon, J. (1991). *A integração escolar das crianças deficientes* – Coleção Práticas Pedagógicas, Edições ASA.
- Sousa, A.B. (2009). *Investigação em educação* (2ª edição). Lisboa: Livros Horizonte.
- Stainback, S. & Stainback, W. (1999). *Aulas inclusivas*. Madrid: Narcea, S.A. Ediciones.
- UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais: acesso e qualidade*. Inovação, 7, v-44. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Vala, J. (1986). A Análise de conteúdo. Em A. S. Silva e J.M. Pinto (orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Verdugo, M. A. & Bermejo, B. G. (2001). *Atraso mental – Adaptação social e problemas de comportamento*, Lisboa: Editora Mc Graw-Hill de Portugal.
- Wang, M. (1997). Atendendo alunos com necessidades especiais: equidade e acesso. In M. Ainscow, G. Porter & M. Wang. *Caminhos para escolas inclusivas* (pp. 49-64). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional

Despachos normativos

Despacho normativo n.º 55/2008 Diário da República, 2.ª Série — N.º 206 — 23 de Outubro de 2008. Acedido em 14/11/09 in http://min-edu.pt/np3content/?newsId=2755&fileName=despacho_normativo_5_2008.pdf

ANEXOS

Anexo 1 - Teste Sociométrico

I. Se pudesses escolher o teu colega de carteira, quem escolherias? _____

Indica outro colega? _____

E ainda outro? _____

E quem não escolherias? _____

II. Para realizar um trabalho de grupo, quem escolherias para trabalhar contigo?

Indica outro colega? _____

E ainda outro? _____

E quem não escolherias? _____

II. Quem gostarias de escolher para jogar/brincar contigo nos intervalos das aulas?

Indica outro colega? _____

E ainda outro? _____

E quem não escolherias? _____

Nome: _____ Ano: _____

Fonte: Adaptado de Estrela (1986:38)

Anexo 2 - MATRIZ SOCIOMÉTRICA - ESCOLHAS

Sexo masculino

Sexo feminino

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos
Sexo Masculino	1		310	121	202		030	003												9	5
	2	220		010	101	303		002						030						9	6
	3	101	002		203							300		010		020	030			9	7
	4		103				020	211		030				302						9	5
	5		200		100		300	001	020	002				030			003		010	9	9
	6																			0	0
	7		303		011				200					122				030		9	5
	8	300			132	020		200		003				011						9	6
	9							033			002			101	020	010		300	200	9	7
Sexo Feminino	10				100							033	212				321			9	4
	11		333										222						111	9	3
	12				200							022		030	303			010	101	9	6
	13		003		002	230		111								300	020			9	6
	14									002			030	021			210	303	100	9	6
	15													300	023		231	122		9	4
	16												030	302	213			101	020	9	5
	17													203	312	121			030	9	4
	18											211	003		102		330	020		9	5
Totais por Critério		311	525	121	726	221	120	336	110	013	001	233	233	485	425	342	574	443	442		
Totais combinados		5	12	4	15	5	3	12	2	4	1	8	8	17	11	9	16	11	10	153	
N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido		3	7	2	9	3	3	7	2	4	1	4	4	11	6	5	8	7	7	153	

Legenda

1º critério – situação de classe
2º critério – situação de trabalho
3º- critério -situação de recreio

Nota

Os nº(s) 1,3,8 são alunos de Etnia cigana
A aluna nº10 considerada com NEE

Anexo 3 - MATRIZ SOCIOMÉTRICA – REJEIÇÕES

Sexo masculino										Sexo feminino												
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	N.º de rejeições	N.º de indivíduos rejeitados	
Sexo Masculino	1		100								001		010							3	3	
	2										101	010								3	2	
	3										110									3	2	
	4			010				100										001		3	3	
	5	100									001	010								3	3	
	6			010				100					001								3	3
	7										010		100								3	3
	8										100	010	001								3	3
	9									101		010									3	2
Sexo Feminino	10						110					001									3	2
	11				100						011										3	2
	12			010							101										3	2
	13		010	001			100														3	3
	14							100			011										3	3
	15							100		001	010										3	3
	16					010		100			001										3	3
	17					100		010			001										3	3
	18							101	010												3	2
Totais por Critério		100	110	031	001	210	210	611	111	002	458	041	112						001			
Totais combinados		1	2	4	1	3	3	8	3	2	17	5	4						1	54		
N.º de indivíduos por quem cada um é rejeitado		1	2	4	1	3	2	7	2	2	12	5	4						1	46		

Legenda	1º critério – situação de classe 2º critério – situação de trabalho 3º- critério - situação de recreio	Nota	Os n.º(s) 1,3,8 são alunos de Etnia cigana A aluna n.º10 considerada com NEE

Anexo 4 - Guião da 1ª entrevista ao Professor do grupo/turma

Temática: Objectivos da entrevista

- Recolher informação para caracterizar o entrevistado.
- Recolher informação para caracterizar o contexto escolar.
- Recolher informação para caracterizar o grupo/turma.
- Recolher informação para caracterizar a Mariana e as atitudes/ expectativas da família.
- Fazer o levantamento de estratégias/actividades utilizadas em sala de aula.
- Implicar o entrevistado no desenvolvimento do processo de investigação-acção.

Entrevistado: Professora do grupo/turma

Data: 18/11/09

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Tópicos	Observações
Bloco A <i>LEGITIMAÇÃO DA ENTREVISTA E MOTIVAÇÃO DO ENTREVISTADO</i>	- Conseguir que a entrevista se manifeste oportuna e pertinente - Motivar o entrevistado - Garantir a confidencialidade	- Apresentação entrevistador/entrevistado - Motivos da entrevista - Objectivos	- Entrevista semi-directiva - Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado - Tratar o entrevistado com delicadeza e recebê-lo num local apazível - Pedir para gravar
Bloco B <i>PERFIL DO ENTREVISTADO</i>	Caracterizar o entrevistado, em termos pessoais e profissionais	- Idade - Habilitações académicas e profissionais - Motivações - Experiências com crianças consideradas com NEE	- Estar atento às reacções de entrevistado e anotá-las por escrito - Mostrar disponibilidade e abertura para a compreensão das situações apresentadas
Bloco C <i>CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO ESCOLAR</i>	Caracterizar o contexto escolar, em termos dinâmicos	- Direcção, docentes, funcionários, alunos - Atitudes e comportamentos em relação aos alunos considerados com NEE	Prestar atenção às reacções de entrevistado e anotá-las por escrito
Bloco D <i>PERFIL DA TURMA</i>	- Caracterizar o grupo/turma em termos sócio-escolares - Fazer o levantamento de expectativas em relação ao grupo/turma	- Dados estruturais - Aprendizagem - Comportamento - Interacções - Expectativas	Prestar atenção às reacções de entrevistado e anotá-las por escrito
Bloco E <i>CASOS EMERGENTES NA TURMA/CASO DA MARIANA</i>	Identificar os casos específicos existentes no grupo/turma, nomeadamente da Mariana	- Dados sócio-escolares - Enquadramento familiar - Percurso escolar - Situação actual - Contributo destes alunos para o grupo	Ter atenção aos comportamentos não verbais denunciadores de certas reacções ao discurso do entrevistado
Bloco F <i>Estratégias implementadas</i>	- Identificar objectivos e estratégias utilizados - Pedir a colaboração para o desenvolvimento do projecto	- Objectivos a atingir - Estratégias utilizadas	Mostrar disponibilidade e vontade de ajudar a concretizar as soluções encontradas
Bloco G <i>DADOS COMPLEMENTARES</i>	- Dar oportunidade ao entrevistado para abordar outros assuntos pertinentes e oportunos - Agradecer o contributo prestado	- Vivências - Constrangimentos... - Agradecimentos	

Nota: Adaptado de Estrela (1986:355-357)

Anexo 5 - Protocolo da 1ª entrevista ao professor titular de turma

Estou a fazer mestrado em Educação Especial e pretendo desenvolver um projecto, na sua turma, que envolva a comunidade educativa e, especialmente abordar algumas questões relacionadas com a aquisição das competências ao nível da leitura e da escrita e das competências sociais.

M- Gostaria assim de saber qual a sua idade?

P- Tenho 48 anos.

M- Qual é a sua formação académica e situação profissional?

P- Tenho o curso de Magistério Primário.

M- Há quantos anos exerce a profissão? E nesta escola há quantos anos exerce a sua actividade?

P- Sou professora há 29 anos, já tinha estado nesta escola, mas entretanto estive noutras escolas, este ano fiquei aqui, pertenço ao quadro deste Agrupamento, há quatro anos.

Sou professora desta turma e faço parte do Conselho de docentes.

M- Como caracteriza as relações entre os diferentes actores da comunidade educativa?

P- O corpo docente é relativamente novo, tanto professores, como funcionários se respeitam mutuamente. Os alunos, na sua maioria, respeitam os adultos, mas há alguns alunos muito conflituosos com os colegas e perturbadores do bom funcionamento da escola.

M- Na sua opinião, os alunos considerados com NEE constituem uma preocupação fundamental para a gestão da escola/ director de escola? De que forma têm sido defendidos os seus direitos nesta escola?

P- Sim há preocupação. No Projecto Educativo da Escola, houve preocupação de contemplar medidas destinadas a efectivar os apoios aos alunos, que constam do Regulamento Interno e da legislação aplicável. A Escola preocupa-se em garantir todos os direitos dos alunos.

M- Como caracteriza a turma em que lecciona, em termos estruturais, relacional e, ao nível das aprendizagens?

A turma é um pouco problemática...há níveis muito diferentes, o que requer um grande esforço de todos. Eram 17 alunos, em meados de Novembro a turma recebeu mais um aluno transferido, perfazendo, actualmente, um total de dezoito alunos. Nove do sexo masculino e 9 do sexo feminino com um nível etário médio de 8 anos, mas com uma amplitude que vai dos

6 aos 14 anos. Temos 10 alunos de 3º ano e 8 de 2º ano. Na turma há 3 alunos de etnia cigana e 1 de raça negra.

Há alunos com bom rendimento escolar, os alunos nº4, 2, 11, 17, mas há alunos que quase não sabem ler: o nº 8, 9, 1 e 3 e a Mariana (nº10) que está a trabalhar o método das 28 palavras, mas ainda não passa da palavra “menina”.

Na turma há 3 casos mais problemáticos: o aluno nº1, que tem Plano de acompanhamento, apresentando muitas dificuldades na Língua portuguesa e Matemática, o aluno nº6 com NEE, abrangido pelas alíneas a), b) e d), que se recusa a trabalhar e a aluna Nº10, na medida e), que é não leitora.

A nº 13 é a líder, embora esta também seja muito conflituosa... é uma “Maria rapaz”.

Eles dão-se todos muito bem...mas são muito faladores.

M- Quais as maiores dificuldades que encontrou no grupo? Quais os objectivos que determinou para o seu grupo/turma? E em particular para a Mariana?

P- Os alunos são muito irrequietos, não se mantêm calados, nem sossegados. Um elevado número de alunos apresenta muitas dificuldades na Língua Portuguesa, ao nível da leitura e da escrita.

A Mariana é uma bailarina, sempre em pé, fecha e abre persianas, mete-se com todos, mas eles não lhe ligam. Já a sentei ao lado de todos, mas todos se queixam...ela mexe nas coisas deles e não está sossegada.

Os objectivos determinados para a turma são os que se encontram definidos no PCT, mas visam essencialmente a aquisição de competências ao nível da leitura, escrita e cálculo. Em relação à Mariana, o objectivo, o grande objectivo, é que comesse a ler algumas palavras...frases...e mais tarde a escrevê-las.

M- Que estratégias foram adoptadas para assegurar o respeito e garantir o sucesso educativo da Mariana?

P- Bem, julgo que os métodos de ensino-aprendizagem que utilizo têm em conta as necessidades da aluna e os diferentes ritmos de aprendizagem, mas nem sempre é fácil, são os possíveis. Com dois grupos de trabalho tão diferentes, com características muito próprias e ritmos tão diferentes...não é fácil. A Mariana é muito difícil, não pára quieta...ou coloco-a junto a mim na secretária ou anda atrás de mim, enquanto dou explicações aos outros alunos. Assim é uma forma de a controlar e também de lhe dar apoio.

M- Considera que as práticas desenvolvidas com a aluna correspondem às suas necessidades e fazem face às suas dificuldades? Em que medida?

P- Sim...nem sempre, por isso é tão importante a presença do professor de Educação Especial, pois por vezes não temos tempo de dar apoio a todas as solicitações da turma...é um grupo muito heterogéneo, com muitas dificuldades e com um comportamento muito perturbador.

M- Quais as expectativas que a família apresenta em relação à aluna?

P- A família procura que a Mariana faça uma maior rentabilização das suas potencialidades... a mãe fica contente com os seus progressos, mas nem sempre corresponde às solicitações da escola, pois mesmo quando convocada, nem sempre comparece...

M- Apercebi-me, através da análise do PEI, da aluna, que a família foi alvo de uma queixa relacionada com maus tratos à aluna, como está situação actualmente?

P- Julgo que aí a situação está controlada, a Mariana aparece limpa e cuidada, não evidenciando maus tratos.

M- Tem conhecimento da ocorrência de alguma situação na turma e/ou Escola, em que os alunos considerados com NEE tenham sido discriminados? Especifique.

P- Não, não há discriminação. Todos os alunos são aceites por todos: adultos e colegas.

M- Descreva o contributo dos alunos considerados com NEE para o grupo/turma.

P- Ah ah...(riu-se)

M- Explique melhor.

P- É difícil, eles fazem um trabalho à parte, de acordo com as suas capacidades e depois os outros são muitos...não se consegue chegar a todos. Nesse sentido é muito importante o apoio do professor de apoio.

M- Se achar oportuno pode salientar alguns assuntos que não foram abordados ao longo da entrevista.

P- Não tenho mais nada a acrescentar.

Anexo 6 – Grelha de análise de conteúdo

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
Perfil do entrevistado	Idade	“Tenho 48 anos”.
	Habilitações académicas e profissionais	“Tenho o curso de Magistério Primário”. “já tinha estado nesta escola”. “este ano fiquei aqui[nesta escola]”. “pertengo ao quadro deste Agrupamento”.
	Experiência /Funções profissionais	“Sou professora há 29 anos”. “ Faço parte do conselho de docentes”.
Caracterização do contexto escolar	Relação entre docentes, alunos e funcionários	“O corpo docente é relativamente novo” “ tanto professores, como funcionários se respeitam mutuamente”. “Os alunos, na sua maioria, respeitam os adultos”. “há alguns alunos muito conflituosos com os colegas”. [alguns alunos são] “perturbadores do bom funcionamento da escola”.
	Atitudes e comportamentos em relação aos alunos considerados com NEE	“Sim há preocupação [em relação aos alunos considerados com NEE] “No Projecto Educativo da Escola, houve preocupação de contemplar medidas destinadas a efectivar os apoios aos alunos” [as medidas de apoio] “constam do Regulamento Interno”. [as medidas de apoio] “constam da legislação aplicável”. “A Escola preocupa-se em garantir todos os direitos dos alunos”. “Não, não há discriminação.”[em relação aos alunos considerados com NEE] “Todos os alunos são aceites por todos: adultos e colegas”

Perfil da Turma	Dados estruturais	“Eram 17 alunos” “ em meados de Novembro a turma recebeu mais um aluno transferido”. “actualmente, um total de dezoito alunos”. “ Nove [alunos]do sexo masculino” “ 9 [alunos] do sexo feminino” “ nível etário médio de 8 anos” “uma amplitude [das idades] que vai dos 6 aos 14 anos”. “Temos 10 alunos de 3º ano” [na turma há] 8 [alunos] de 2º ano”. “Na turma há 3 alunos de etnia cigana” “ 1[aluno] de raça negra
	Aprendizagem	“há níveis muito diferentes” [de aprendizagem] “Há alunos com bom rendimento escolar, os alunos nº4, 2, 11, 17” “há alunos que quase não sabem ler: o nº 8, 9, 1 e 3 e a Mariana (nº10)” “Um elevado número de alunos apresenta muitas dificuldades na Língua Portuguesa, ao nível da leitura e da escrita”. “é um grupo muito heterogéneo” “com muitas dificuldades”
	Comportamento	“são muito faladores”. “Os alunos são muito irrequietos” [os alunos] “não se mantém calados, nem sossegados”. “com um comportamento muito perturbador.”
	Interacções	“A nº 13 é a líder” [a aluna nº13] “esta também seja muito conflituosa” “Eles dão-se todos muito bem”.
	Percurso escolar dos alunos	“ Na turma há 3 casos mais problemáticos” “o aluno nº1 tem Plano de acompanhamento” [o aluno nº1] “apresentando muitas dificuldades na Língua portuguesa e Matemática” “o aluno nº6 com NEE” [o aluno nº6] “ abrangido pelas alíneas a), b) e d)”, [o aluno nº6] “recusa a trabalhar” “a aluna Nº10, na medida e)
Casos emergentes da turma		

Caso da Mariana	Situação actual da Mariana: Competências académicas e sociais	[A Mariana] “é não leitora.” [A Mariana] “não passa da palavra: menina.” [A Mariana está]”está a trabalhar o método das 28 palavras” “A Mariana é muito difícil” “A Mariana é uma bailarina”, [A Mariana] “sempre em pé” [A Mariana] “ fecha e abre persianas”, [A Mariana] “mete-se com todos, mas eles não lhe ligam”. “Já a sentei ao lado de todos, mas todos se queixam” “ela [A Mariana] mexe nas coisas deles” [A Mariana] “não está sossegada.” [A Mariana] “não pára quieta” “a Mariana aparece limpa e cuidada” [Situação da Mariana] “não evidenciando maus tratos.”
	Enquadramento familiar	“A família procura que a Mariana faça uma maior rentabilização das suas potencialidades” “... a mãe fica contente com os seus progressos” [a mãe] “nem sempre corresponde às solicitações da escola” [a mãe] “...mesmo quando convocada, nem sempre comparece...
	Contributo dos alunos com NEE para o grupo	“ah, Ah” [A professora evidencia dificuldade em enunciar aspectos positivos destes alunos para a turma] “É difícil” [encontrar contributos dos alunos considerados com NEE] [os alunos considerados com NEE] “ fazem um trabalho à parte, de acordo com as suas capacidades
	Objectivos a atingir na turma e em particular com a Mariana	“Os objectivos (...) visam essencialmente a aquisição de competências ao nível da leitura, escrita e cálculo.” [em relação à Mariana] “ o grande objectivo, é que comesse a ler algumas palavras e mais tarde a escrevê-las.” [a adopção de estratégias diferenciadas] “nem sempre é fácil” [Trabalhar com a turma] “requer um grande esforço de todos.”

Estratégias implementadas	Estratégias utilizadas para a turma e concretamente para a Mariana	“não temos tempo de dar apoio a todas as solicitações da turma” “é tão importante a presença do professor de Educação Especial” “com características muito próprias e ritmos tão diferentes...não é fácil. “A turma é um pouco problemática” “dois grupos de trabalho tão diferentes” “os outros[os alunos] são muitos” “...não se consegue chegar a todos.” “é muito importante o apoio do professor de apoio” “Bem...” [reflete as dificuldades sentidas pela professora na adopção de estratégias] [tenho em conta] “os diferentes ritmos de aprendizagem” “nem sempre” [as estratégias adoptadas são as mais eficazes] [As estratégias utilizadas] “são os possíveis. [em relação à Mariana] “os métodos de ensino-aprendizagem que utilizo têm em conta as necessidades da aluna” [estratégias implementadas com a Mariana] “apoio individualizado.” “... coloco-a junto a mim na secretária” [A Mariana] “anda atrás de mim, enquanto dou explicações aos outros alunos.” “...é uma forma de a controlar”
----------------------------------	--	---

Anexo 7 - Guião da 1ª entrevista à Encarregado de Educação

Temática: Inclusão dos alunos considerados com NEE numa Escola

Objectivos da entrevista

- Recolher informação para caracterizar o entrevistado.
- Recolher informação para caracterizar o agregado familiar
- Recolher informação para caracterizar o perfil do aluno
- Recolher informação para caracterizar os comportamentos da família
- Implicar o entrevistado no desenvolvimento do processo de investigação-acção.

Entrevistado: Encarregado de Educação

Data: 9/12/09

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Tópicos	Observações
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	- Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente - Motivar o entrevistado - Garantir confidencialidade	- Apresentação entrevistador/entrevistado - Motivos da entrevista - Objectivos	- Entrevista semi-directiva - Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado - Tratar o entrevistado com delicadeza e recebê-lo num local agradável - Pedir para gravar a entrevista
Bloco B PERFIL DO ENTREVISTADO	Caracterizar o entrevistado	- Idade - Habilitações académicas e profissionais - Profissão	- Estar atento às reacções de entrevistado e anotá-las por escrito - Mostrar disponibilidade e abertura para a compreensão das situações apresentadas
Bloco C CARACTERIZAÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR	Caracterizar o meio familiar	- Situação familiar - Recursos económicos - Apoios	Ter atenção aos comportamentos não verbais denunciadores de certas reacções ao discurso do entrevistado
Bloco D PERFIL DO ALUNO	Caracterizar o aluno em termos pessoais e como elemento da família	- Dados biográficos - Percorso escolar - Comportamentos no meio familiar - Expectativas	Prestar atenção às reacções de entrevistado e anotá-las por escrito
Bloco E CARACTERIZAR OS COMPORTAMENTOS DA FAMÍLIA	Caracterizar os comportamentos e atitudes dos pais na educação do aluno	- Estratégias adoptadas - Estratégias eficazes	Mostrar disponibilidade e vontade de ajudar a concretizar as soluções encontradas
Bloco F DADOS COMPLEMENTARES	- Dar oportunidade ao entrevistado para abordar outros assuntos pertinentes e oportunos - Agradecer o contributo prestado	- Vivências - Constrangimentos... - Agradecimentos	

Anexo 8 - Protocolo da 1ª Entrevista à Encarregada de Educação

Fale-me um pouco de si a nível pessoal, profissional e cultural

Tenho 28 anos e sou doméstica...e fiz o sexto ano...tirei um curso..

Um curso, de quê?

Um curso...já nem me lembro foi há oito anos.

Fale-me um pouco da sua família...

Eu vivo em C., que fica a 6 Km da escola, numa casa alugada com elas... e o meu companheiro, ela já lhe disse?

Sim, a Mariana fala do Zé e diz que é o namorado da mãe.

Ah...ela não diz mal de mim!

Mas haveria algum motivo para ela falar mal da senhora?

Não, não.

Como são as vossas condições económicas?

O meu companheiro é pedreiro. Ela quer tudo...mas já lhe disse que não pode ser...ela é pedinchona.

E a senhora, como não trabalha tem beneficiado de alguns apoios?

Sim, recebo o rendimento mínimo...elas, as assistentes sociais, dantes iam lá a casa, porque eu não tinha condições...mas agora eu já tenho quartos para elas e nunca mais apareceram..elas também não têm modos, foram para lá a gritar para a minha casa...lá na minha casa não gritam...não têm educação...eu passei-me e disse-lhe se continuassem a falar assim que as punha na rua...nunca mais apareceram.

E que idade tem a pequenita? Elas dão-se bem?

A pequenina tem 18 meses...andam sempre à briga, sabe como são as crianças... Ela tira-lhe as coisas e a outra não gosta. Ela tem ciúmes da mais pequena...

Explique um pouco melhor.

Temos que dar mais atenção à pequenina, é mais pequena. Ela também se tem sentido muito com os avós, nunca mais a vieram buscar, zangamo-nos...eles queriam-lhe comprar um vestido para o Inverno e eu não quis...está frio, não é?

E como tem sido o relacionamento da Mariana com o pai?

Ele não quer saber dela. Quando eu vim para cá, ela ficou com a minha mãe lá e ele nunca a foi ver, moravam portas pegadas. Ela dantes dizia: telefona à avó [paterna] para me vir buscar, mas agora já não diz nada.

A gravidez da Mariana como decorreu?

Já nem me lembro, já foi há oito anos.

Mas não correu tudo bem?

Foi de cesariana, eu tenho que me despachar, para ir buscar a outra, ele daqui a bocado está aí. Acho que não tive problemas.

Como foi o percurso escolar da Mariana, frequentou infantário?

Ela andou no infantário lá na P. até aos 5 anos e depois veio para cá. No infantário era apoiada pela intervenção precoce...elas diziam que ela não aprendia...teve terapia da fala....mas elas não puxavam por ela. Desde que veio para esta escola, tem tido apoio, por um professor.

Eu acho que ela é assim por causa da família.

O que é quer dizer com isso? Explique melhor.

Os meus irmãos também não aprendiam e eu também não...eu era gaiata...mas percebia que os professores não puxavam por nós...mas eu sei ler.

O ano passado a Mariana ficou retida...

Disseram que ela não sabia ler e não gostava de aprender.

Como é o comportamento da Mariana em casa? Como a educam?

Ela é muito respondona, às vezes zanga-se e briga...às vezes faz a cama, quando quer.

Ela vai para casa da vizinha, ela quer ajudá-la a estudar, mas diz que ela é muito distraída, está sempre a olhar para o lado. Eu ajudo-a e o meu companheiro também puxa por ela. Ela vai fazendo os trabalhos de casa...Que horas são...já são cinco?

Não... ainda temos tempo. O que mais a preocupa na Mariana?

Sei lá...de não conseguir aprender.

Quais são as suas expectativas em relação à Mariana? Na escola? O que espera para o futuro?

Eu quero que ela aprenda, é o que todas as mães querem, não é?

Podia explicar melhor? Se tiver mais alguma coisa que me queira dizer?

Eu quero que ela aprenda ...Sim, posso dar-lhe o meu número de telemóvel.

Obrigada, desde já agradeço a sua colaboração e espero poder contar consigo, ao longo do desenvolvimento do meu projecto.

Anexo 9 – Grelha de análise de conteúdo

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
<i>PERFIL DO ENTREVISTADO</i>	Idade	“Tenho 28 anos.”
	Habilitações académicas e profissionais	“Fiz o sexto ano.” “Tirei um curso ...” [curso] já nem me lembro foi há oito anos “eu era gaiata...mas percebia que os professores não puxavam por nós” “...mas eu sei ler.”
	Profissão	“Sou doméstica”
<i>CARACTERIZAÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR</i>	Situação familiar	“Eu vivo em C, que fica a 6 Km da escola” “numa casa alugada” [vivo] com elas” “... e o meu companheiro” “mas agora eu já tenho quartos para elas”
	Recursos económicos/Apoios	“O meu companheiro é pedreiro.” “recebo o rendimento mínimo” “As assistentes sociais nunca mais apareceram” “elas também não têm modos” “foram para lá a gritar para a minha casa” “...lá na minha casa não gritam” “...não têm educação...” “eu... disse-lhe se continuassem a falar assim que as punha na rua...” “nunca mais apareceram.” [as assistentes sociais]

<i>PERFIL DO ALUNO</i>	Dados biográficos	[O parto] “Foi de cesariana” “Acho que não tive problemas.” [na gravidez] [o pai] “Ele não quer saber dela.” “ Quando eu vim para cá, ela ficou com a minha mãe lá” [o pai] “ele nunca a foi ver” Ela dantes dizia: telefona à avó [paterna] para me vir buscar” “agora já não diz nada.”[em relação aos avós paternos] “Eu acho que ela é assim [com problemas de aprendizagem] por causa da família.” “Os meus irmãos também não aprendiam” “e eu também não...”[era capaz de aprender]
	Percurso escolar	“Ela andou no infantário lá na P. até aos 5 anos” ” depois veio para cá.” “No infantário era apoiada pela intervenção precoce...” “elas diziam que ela não aprendia “”...teve terapia da fala...” “mas elas não puxavam por ela.” “ desde que veio para esta escola, tem tido apoio por um professor” [relativamente à retenção do ano anterior] “Disseram que ela não sabia ler.” “ e não gostava de aprender.

	Comportamentos no meio familiar	[a irmã e a Mariana] “andam sempre à briga” “Ela tira-lhe as coisas [a irmã mais nova] e a outra não gosta.” “Ela tem ciúmes da mais pequena...” “Ela também se tem sentido muito com os avós, nunca mais a vieram buscar.” “Ela é muito respondona” “às vezes zanga-se e briga” “...às vezes faz a cama, quando quer.” [a vizinha] “diz que ela é muito distraída” “está sempre a olhar para o lado.” “Ela quer tudo...” “já lhe disse que não pode ser...ela é pedinchona.”
COMPORTAMENTOS DA FAMÍLIA	Estratégias adoptadas	“Ela vai para casa da vizinha,” [a vizinha] “ela quer ajudá-la a estudar” “Eu ajudo-a” “o meu companheiro também puxa por ela.” “Ela vai fazendo os trabalhos de casa...”
	Preocupações/Expectativas	“Sei lá...[preocupações em relação à Mariana] de não conseguir aprender.” “Eu quero que ela aprenda, é o que todas as mães querem, não é?” “Eu quero que ela aprenda ...”

Anexo 10 - Protocolo de observação naturalista

Disciplina: Língua Portuguesa **Actividade:** Lenda da Serra da Estrela **Data:** 9/12/09**Hora de início:** 14:00**Hora de conclusão:** 14:45**Observador:** Professora**Observados:** professor e Alunos**Objectivos:** Observar a interacção prof/alunos; observar a interacção aluno/aluno, observar a dinâmica das aprendizagens

Hora	Observadores	Descrição de situações e de comportamentos	Notas complementares e inferências
14.00h	Professora	Os alunos estão todos a fazer barulho. O professor grita: no lugar, sentados! Para a semana vamos trazer o Magalhães! Todos os alunos gritam: Uau! E levantam-se do lugar. Professor: calados! Nº 14 Levanta-se. Nº13 levanta-se e o Professor dirige-se à nº13: senta-te! Nº 7 levanta-se e o Professor dirige-se nº 7: para o lugar! Nº 2 pergunta: o que vamos fazer? Nº 7 levanta-se e diz algo em voz baixa ao nº5 Nº 13 balança-se Professor volta-se para a turma: o que fizerem hoje vai para o computador. O nº1 fala com nº 3 A Ana levanta-se para ir arrumar um livro na prateleira e o professor: Mariana senta-te! Mariana responde: espera, professor! O Professor esclarece: Vou ler um texto, mas não vos vou dizer o título, estejam com atenção, para ver quem consegue adivinhar! Nº 12 fala com nº 11. Nº 7, está com atenção: repreende o professor. Nº 3 fala alto Professor corrige nº3:tens que estar com atenção. O professor começa a ler o texto e diz: eu não sei o título, depois têm que adivinhar Enquanto isso nº 9 diz: o professor é mentiroso	Grande confusão na sala Com entusiasmo exagerado (não mostrando muito interesse pela história) (o professor ignora a ofensa)

14:25		O professor recomeça: era uma vez... Nº16 veste o casaco, nº 5 não pára quieto com as pernas no ar. O professor chama a atenção: nº 5 pára, agora, vamos lá, então, shiu Nº1 pinta e nº3 observa, enquanto o professor lê a Lenda. O professor termina a leitura e diz: já estão a perceber, então diz lá, nº7. Nº 7 responde: é a lenda da serra da estrela O professor pede: digam, mais sugestões de títulos. Nº 14: o pastor pobre Nº 5: o pastor e a sua amiga Nº12: o pastor pobre e a sua amiga Nº 3 diz: já chega de títulos! Nº9 grita: estou farto! O professor dirige-se a nº9: cala-te Nº13 balança-se. Professor informa, apontando com o dedo a folha do texto: está aqui a palavra Lenda. Alguém sabe o que é uma Lenda? Nº7: é uma história muito antiga. Nº 14: é contada pelos avós. A Mariana mexe na boca e levanta os braços. Professor repreende nº10: tens que estar com atenção! Nº 9 levanta o dedo. O professor dirige-se ao nº9: diz lá. Nº 9 responde: o meu pai sabe uma lenda. O professor diz-lhe: depois contas. O professor explica: uma lenda é uma história contada há muito tempo e que passa de geração em geração, de filhos para netos. O professor continua: nº5, diz o nome de uma	(Intervêm naturalmente) (mostrando alguma indireção)
-------	--	--	--

		personagem da história! Nº5 responde: pastor . Professor escreve o nome das personagens no quadro, à medida que os alunos respondem. O professor dirige-se à Mariana: diz lá outra personagem. Mariana estava distraída a mexer no cabelo, o professor tenta ajudar : o pastor fala com uma.... A Mariana não responde. O professor diz: com uma menina. O professor continua: nº3, diz lá uma personagem. Nº 14 levanta o dedo e o professor diz: tens que deixar os outros responder. A Mariana amarrota papelinhos, nº 1 faz recortes. Nº 6 brinca com os lápis e o professor diz: está quieto. O professor volta-se para o quadro e escreve a palavra “ Lenda da Serra da Estrela” e pede: digam palavras relacionadas com a história. Nº 7 cai da cadeira e diz: já há neve na Serra da Estrela. O professor olha para nº7 Professor continua e pede, em voz calma, ao nº 14: diz uma palavra Nº 14 responde: pastor Nº 4 responde: amizade Nº 2 responde: pobre Professor: eu só pergunto a quem estiver calado. Nº 9 brinca com as canetas. Nº 3 levanta-se. Nº7 levanta a cadeira O professor dirige-se à turma: agora, dois a dois vamos fazer um trabalho.	(Dando pistas) (inoportunamente) (para o controlar) (revelando calma) ((Intervém naturalmente)
--	--	---	--

14:35	O nº 2 como estava sozinho juntou-se ao nº4,o nº 13 juntou-se ao nº 6. A Mariana e o nº 5 ficam sozinhos, sem companheiros para trabalhar. O professor distribui a ficha pelos pares e explica: os meninos do 3ºano fazem o resumo ou frases sobre a história e o desenho, o 2º ano coloca por ordem as imagens sobre a história e pintam. A Mariana, em silêncio, olha à sua volta Nº11 e 12 agarram-se e balançam-se. O professor dirige-se a elas e diz: meninas, quietinhas. Nº 16 e nº17 voltam-se para trás para falar. Mariana mexe na bandolete e levanta-se. Nº 2 pede ao professor: Explique de novo, o que é para fazer. O professor vai junto dele e explica, em voz baixa e de seguida dirige-se para a Mariana. Baixa-se e, em voz baixa, explica-lhe o que fazer. Nº 9 diz : quero fazer sozinho O professor reforça: o trabalho é para ser a pares O professor circula pela sala e explica aos respectivos pares o que devem fazer. Mariana volta-se para trás e fala com nº4 e nº2 Mariana diz: professor anda cá! O professor, vai de novo, junto de Mariana e explica de novo a actividade. Nº 3 levanta-se e vai pedir ajuda ao professor Nº 14 queixa-se: professor, nº 9 está voltado para trás Professor: oh, nº 9, vamos pensar e trabalhar!	(sem justificação) (parecendo não saber muito bem qual irá ser o seu trabalho) (desorientada, sem saber o que fazer) (mostra-se interessado em compreender a actividade) (parece querer colocar-se ao nível da aluna) (apercebendo-se da desorientação da aluna) (nº3 parece não compreender a actividade)
-------	---	--

	Nº 3 levanta-se e vai junto do professor , que ajuda a Mariana. Nº 9 continua sem fazer nada, a mexer na mochila. o professor vai junto do nº9, e conversa, em voz baixa. Mariana vai atrás do professor e agarra-o. Professor diz a Mariana: já pintaste, mostra lá. Mariana mostra o trabalho e o professor diz: está bem. Professor circula pela sala. Nº 14, nº15,nº18,nº16,nº17, nº 11, nº12, nº4, nº2 e nº5 trabalham a pares. Nº 2 questiona o professor: isto está bem? O professor vai junto dele e explica: podias melhorar esta frase, o resto está bem. Nº 1 suja a folha de cola e o professor vai junto dele e ajuda a limpar a folha. A Mariana levanta-se e vai falar com nº9 O professor diz a Mariana: tens que ir acabar de pintar. Mariana diz : não quero fazer. O professor vai junto dela e insiste: Vamos, lá! O professor fica junto de Mariana e esta começa a pintar. Nº 9 continua sem fazer nada e mexe na mochila. Nº 13 levanta-se e nº 6 trabalha sozinho. Nº14 diz a nº13: senta-te, não andes a tirar ideias. Professor vai junto de nº14 e nº13 e diz : senta-te nº13 e trabalha. Nº 3 pede: posso ir à casa de banho?	(provavelmente a pedir ajuda para resolver o trabalho) (parece desmotivado pela actividade) (provavelmente incentivando-o a trabalhar) (parecem interessados pela actividade) (Mariana sozinha parece não se concentrar) [talvez se tenha sentido apoiada] (nº13 parece não conseguir concentrar-se na actividade)
--	---	---

14.50h		Professor: vai lá. Nº 14 queixa-se: professor, nº 7 anda em pé a tirar ideias. Professor: senta-te. Professor circula pela sala, fala com os pares e observa os trabalhos. Mariana deixa o trabalho e levanta-se para ir junto de nº 6. Professor ordena a Mariana: vai para o lugar, despacha-te! Nº 13 anda novamente em pé, à volta das mesas dos colegas. Professor: quem já fez parte do texto pode ir ao intervalo	
--------	--	--	--

Anexo 11 - Análise do protocolo de observação naturalista (Observação do professor)

Categorias	Subcategorias	Comportamentos observados
Perfil do professor	Reforço positivo	Professor disse para Mariana: está bem. Prof. diz a nº2: podias melhorar esta frase, o resto está bem. O professor vai junto dela [Mariana] e insiste: Vamos, lá! Vamos lá, então
	Controlo da realização das actividades	O professor diz a Mariana: tens que ir acabar de pintar. Nº 14 levanta o dedo e o professor diz: tens que deixar os outros responder. O professor circula pela sala e explica aos respectivos pares o que devem fazer. Professor circula pela sala. Professor diz a Mariana: já pintaste, mostra lá O professor diz a Mariana: tens que ir acabar de pintar. Professor: vai lá. Professor: quem já fez parte do texto pode ir ao intervalo. Professor circula pela sala, fala com os pares e observa os trabalhos
	Repreensão/imposição da disciplina	o professor grita: no lugar, sentados! Professor diz para a turma: calados! o Professor dirige-se à nº13: senta-te! o Professor dirige-se nº 7: para o lugar! ...estejam com atenção Nº 7, está com atenção: repreende o professor. O professor dirige-se a nº9: cala-te Professor corrige nº3:tens que estar com atenção. O professor chama a atenção: nº 5 pára, agora, shiu. Professor repreende nº10: tens que estar com atenção! Nº 6 brinca e o professor diz: está quieto. O professor olha para nº7 Professor: eu só pergunto a quem estiver calado. Professor: oh, nº 9, vamos pensar e trabalhar! Professor vai junto de nº14 e nº13 e diz : senta-te nº13 e trabalha. Professor ordena a Mariana: vai para o lugar, despacha-te! O professor dirige-se a elas e diz: meninas, quietinhas

	Exposição / Explicação	Para a semana vamos trazer o Magalhães! Professor volta-se para a turma: o que fizerem hoje vai para o computador. Professor esclarece: Vou ler um texto, mas não vos vou dizer o título... para ver quem consegue adivinhar! O professor começa a ler o texto e diz: eu não sei o título, depois têm que adivinhar Professor informa, apontando com o dedo, na folha do texto: está aqui a palavra Lenda. O professor explica: uma lenda é uma história contada há muito tempo e que passa de geração em geração, de filhos para netos O professor distribui a ficha pelos pares e explica: os meninos do 3ºano fazem o resumo ou frases sobre a história e o desenho, o 2º ano coloca por ordem as imagens sobre a história e pintam O professor reforça: o trabalho é para ser a pares O professor termina a leitura e diz: já estão a perceber O professor pede: digam mais sugestões de títulos Alguém sabe o que é uma Lenda? Professor: vai lá. O professor dirige-se ao nº9: diz lá. Então diz lá, nº7 O professor continua: nº5, diz o nome de uma personagem da história! O professor dirige-se à Mariana: diz lá outra personagem. O professor ...pede: digam palavras relacionadas com a história. Professor continua e pede, em voz calma, ao nº 14: diz uma palavra
	Método de aprendizagem	O professor dirige-se à turma: agora, dois a dois vamos fazer um trabalho de pares.
	Ajuda	O professor indicia a resposta: o pastor fala com uma... [dá pistas para obter a resposta] O professor vai junto dele [nº2] e explica, em voz baixa O professor dirige-se para a Mariana. Baixa-se e, em voz baixa, explica-lhe o que fazer. [quando solicitado] O professor, vai de novo, junto de Mariana e explica de novo a actividade. O professor vai junto do nº9, e conversa, em voz baixa. Nº 1 suja a folha de cola e o professor vai junto dele e ajuda a limpar a folha. O professor fica junto de Mariana e esta começa a pintar.

Anexo 11.1 - Observação naturalista da turma

Categorias	Subcategorias	Comportamentos observados
Comportamentos verbais	Participação solicitada	Nº 7 responde: é a lenda da serra da estrela Nº 14: o pastor pobre Nº 5: o pastor e a sua amiga Nº12: o pastor pobre e a sua amiga Nº 9 responde: o meu pai sabe uma lenda. Nº 14 responde: pastor
	Participação espontânea	Nº 2 pergunta: o que vamos fazer? Nº7: é uma história muito antiga. Nº 14: é contada pelos avós. Nº 4 responde amizade Nº2 responde: pobre Nº 2 pede ao professor: Explique de novo, o que é para fazer. Nº 14 queixa-se: professor, nº 9 está voltado para trás Nº 2 questiona o professor: isto está bem? Nº 3 pede: posso ir à casa de banho? Nº 14 queixa-se: professor, nº 7 anda em pé a tirar ideias.
	Participação parasita	Os alunos estão todos a fazer barulho. Todos os alunos gritam: Uau! Nº 7...fala com nº5 O nº1 fala com nº 3 Nº 12 fala com nº 11. Nº 3 fala alto Enquanto isso nº 9 diz: o professor é mentiroso Nº 3 diz: já chega de títulos! Nº9 grita: estou farto! Nº 7 cai da cadeira e diz: já há neve na Serra da Estrela. Nº 16 e nº17 voltam-se para trás para falar. Nº 9 diz : quero fazer sozinho Nº14 diz a nº13: senta-te, não andes a tirar ideias.
Comportamentos não verbais	Manipulação de objectos	Nº1 pinta Nº 6 brinca com os lápis Nº 9 brinca com as canetas. Nº7 levanta a cadeira Nº 9 continua sem fazer nada, a mexer na mochila Nº 1 suja a folha de cola
	Deslocação	E levantam-se do lugar. Nº 14 levanta-se Nº 13 levanta-se Nº 7 levanta-se Nº 3 levanta-se. O nº 2 como estava sozinho juntou-se ao nº4,o nº 13 juntou-se ao nº 6. Nº 3 levanta-se e vai junto do professor , Nº 13 levanta-se Nº 13 anda novamente em pé, à volta das mesas dos colegas.
	Expressão corporal	Nº 13 balança-se Nº16 veste o casaco, nº 5 não pára quieto com as pernas no ar. Nº13 balança-se. Nº11 e 12 agarram-se e balançam-se.
	Tentativa de comunicação	Nº 9 levanta o dedo Nº 14 levanta o dedo

Anexo 11.2. - Observação naturalista da “Mariana”

Categorias	Subcategorias	Comportamentos observados
Comportamentos verbais	Participação solicitada	A Mariana não responde. [quando o professor lhe faz uma questão] Mariana diz : não quero fazer.
	Participação espontânea	Mariana responde: espera, professor!
	Participação parasite	...e fala com nº4 e nº2. ...e vai falar com nº9.
Comportamentos não verbais	Manipulação de objectos	A Mariana amarrota papelinhos Mariana mexe na bandolete
	Deslocação	A Mariana levanta-se para ir arrumar um livro na prateleira ...e levanta-se. Mariana volta-se para trás Mariana vai atrás do professor e agarra-o A Mariana levanta-se Mariana deixa o trabalho e levanta-se para ir junto de nº 6
	Expressão corporal	A Mariana mexe na boca e levanta os braços. Mariana estava distraída a mexer no cabelo. A Mariana, em silêncio, olha à sua volta.
	Tentativa de comunicação	Mariana diz: professor anda cá!

Anexo 12 - Ficha de Análise documental

Categorias	Unidades de Registo
3.1. O contexto escolar (Projecto Curricular de Turma Pág. 12-14)	“Escola Básica do 1º ciclo ... situa-se no concelho de Portalegre, distrito de Portalegre.” “uma freguesia urbana, das dez que constituem o concelho de Portalegre.” “A freguesia serve essencialmente a população residente num Bairro, “...bairro com carências económicas” “constituída por 10 275 habitantes” “prevalecendo, no bairro, a habilitação social.” “O sector de maior investimento da actividade empresarial é o comércio por grosso e a retalho” “actividades ligadas à construção e ao alojamento e restauração.” “número significativo de trabalhadores não qualificados e com baixa escolaridade, com baixo espírito empresarial, desemprego acentuado” “fraco nível de produtividade média” “escassez ou inexistência de serviços públicos em áreas sociais, culturais e educativas” “nível de instrução ... primeiro ciclo do ensino básico (33%)” “uma percentagem (17%), de população com “nenhum” nível de instrução” “ principais actividades económicas são: turismo, comércio, serviços, exploração de cortiça, manufactura de tapetes, viticultura, hotelaria, construção civil, metalúrgica, móveis e transformação de madeiras.”
3.1.1. Espaço físico e logístico (Projecto Educativo de Escola, págs.24,25).	“ edifício P3 com dois pisos” “No 1º piso: seis salas de aula, três das quais são usadas pelo Jardim-de-Infância -um gabinete de coordenação -um laboratório -uma cozinha -uma arrecadação -seis casas de banho -um polivalente” “No segundo piso: -seis salas de aula -um gabinete de apoio educativo - a biblioteca - seis casas de banho.” a biblioteca, o gabinete de apoio educativo e todas as salas têm pelo menos um computador.” “adaptações para alunos portadores de deficiência a escola não está

	minimamente apetrechada.” “ espaço exterior existe um logradouro, sendo todo o espaço exterior protegido por uma vedação.” O Jardim-de-Infância tem duas turmas, ambas com 25 alunos, enquanto o primeiro ciclo está dividido em sete turmas, havendo uma de primeiro ano e duas para cada um dos restantes três anos de escolaridade, o que perfaz um total de sete turmas, com 141 alunos: 27 de primeiro ano, 35 de segundo, 41 de terceiro e 38 de quarto.
3.1.2. Recursos humanos P. E. E. (pág.25)	“sete professores titulares de turma” “um professor de apoio pedagógico” “um professor de Educação Especial, não exclusivamente nesta escola.” “equipa técnica de saúde” “dez funcionários”.
3.1.3. Preocupações explícitas para dinamização de uma escola de sucesso para todos e com todos (P.E.E , Pág. 7 e 96)	“olhar para os mecanismos de erradicação do insucesso escolar como o ponto de partida para uma escola de sucesso, com mais qualidade, que sabe medir a sua eficiência e com metas para o futuro, sob o lema: <i>Educação para Todos numa Escola Inclusiva</i>”. P.E.E ,Pág. 7) “dificuldades ao nível da leitura e interpretação de ideias, sendo apontadas áreas de intervenção, sendo “ a intenção do projecto é criar condições que promovam o sucesso escolar”. (P.E.E, pág.96) “ Promoção da qualidade do processo de ensino-aprendizagem Criação de Oficinas de Apoio no 1º Ciclo do Ensino Básico: Oficina MEL – Melhor Escrita e Leitura - dirigida a alunos com dificuldades na escrita e na leitura. Oficina MIL – Matemática Interactiva e Lúdica - dirigida a alunos com dificuldades na aprendizagem de operações matemáticas, que precisem de treinar o cálculo mental e o raciocínio lógico abstracto. • Promoção da melhoria do acompanhamento aos alunos com necessidades educativas especiais oferecendo-lhes melhores condições de adaptação da escola às suas necessidades através da rentabilização dos técnicos. Formação de docentes, em parceria com o Centro de Formação Profissional: no domínio das novas tecnologias de Informação e Comunicação, na área da Educação Inclusiva e da prevenção da violência em meio escolar (para todos os ciclos de ensino) e no 1º Ciclo nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática PEE (P.E.E.pág.99,100)” “...Objectivos ... Projecto Curricular de Escola:

	“-promoção de convívio entre os alunos; -fomentar o respeito pelos direitos humanos; -valorizar e aceitar aquilo que somos; -desenvolver actividades de forma solidária e responsável; -reconhecer o papel dos agentes educativos como formadores de competências pessoais e sociais junto dos alunos”.
3.2. O grupo/a turma (Projecto Curricular de Turma)	“turma constituída por alunos com retenções” “alunos com NEE” “alunos transferidos de outras turmas” “alunos que segue o seu percurso escolar normal”.
3.2.1. Caracterização estrutural (Projecto Curricular de Turma)	“a Turma D é formada por dezassete alunos” “entre os 7 e os 14 anos de idade”, “7 alunos frequentam o 2º ano de escolaridade” “um aluno frequenta o 2º pela 2ª vez.” “10 alunos frequentam o 3º ano de escolaridade.” (PCT, pág.6) “os alunos pertencem a um meio sócio-económico médio baixo”. “ desempregados ou em situação doméstica.” “alguns dos alunos vivem no seio de uma família com meios económicos considerados bons.” “Beneficiam de auxílio económico um total de 10 alunos (9 escalão A e 1 escalão B).” “Agregado Familiar, em média é composto por 4 elementos.” “Existem 3 filhos de pais divorciados com a figura de padrasto/madrasta, sem influência negativa para a criança” (PCT).
3.2.2. Caracterização dinâmica • aprendizagens • metodologias utilizadas com a turma (Projecto Curricular de Turma)	“grandes dificuldades experimentadas ao nível da Leitura e escrita” “um ensino individualizado”, “ensino necessariamente expositivo” “trabalho autónomo” “ utilização de recursos diversificados” “alunos se encontrem sempre ocupados em aprendizagens significativas” “ritmos”[diferentes] “maturidade”[diferentes] “capacidades muito diversificados de cada um”.
3.2.3. Casos específicos do grupo/da turma	PCT (pág.11) “Mariana encontra-se abrangida pela alínea e) do artº. 16º do Decreto-Lei nº. 3/2008” “ficou retida no 2º ano” “aluno nº6 abrangido pelas alíneas: a) apoio pedagógico personalizado, b) adequações curriculares individuais, e d) adequações no processo de avaliação”

(Projecto Curricular de Turma)	“retenção repetida no 2º ano de escolaridade” “mudou de turma, no ano transacto” [mudou de turma] “na tentativa de o juntar a um grupo com competências semelhantes às suas” [mudou de turma] “como forma de o estimular” “É uma criança com variações de humor” “revela grandes dificuldades na área da Língua Portuguesa”. “aluno nº1 beneficia de Plano de Acompanhamento.” “repetiu o 2º ano de escolaridade” “beneficiou de Plano de Recuperação”. “Começou a escolaridade em 2004/2005” “manifesta elevado absentismo” “Tem já 14 anos” “nível inicial das aprendizagens formais” “tem Plano de Acompanhamento” “não traz o material escolar”
3.2.3.1. História compreensiva do/s aluno/s (Projecto Curricular de Turma e Programa Educativo Individual de 2008 da Mariana)	“Mariana tem sete anos” “apresenta défice cognitivo, com consequente atraso na linguagem (PEI 2008/09).” “A Mariana pertence ao 2º ano” “a aluna estava a ser acompanhada pela Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, após uma queixa anónima.”(PCT) PEI de 2008- “funções do corpo-imaturidade cognitiva e emocional condicionadora das aquisições (...) dificuldades ao nível da comunicação, fala e linguagem (...) problemas articulatorios, um léxico verbal muito pobre e com muitas limitações ao nível da compreensão e aquisição de novos conceitos (...) perfil cognitivo abaixo do esperado para a sua faixa etária, com comprometimento acentuado das funções intelectuais, da linguagem e psicomotoras.” “dificuldades ao nível da atenção concentrada...ritmo de trabalho muito abaixo do esperado (...) pouco autónoma.” “encaminhada para requerer a prestação do Rendimento Social de Inserção”.
3.2.3.2. Caracterização do percurso escolar - tem como suporte a pesquisa documental	“a aluna é integrada no regime educativo especial, em 2008/09” “beneficiou das seguintes medidas educativas, ao abrigo do Decreto-Lei 3/08, de 7 de Janeiro: alínea a) Apoio Pedagógico Personalizado, alínea b) Adequações Curriculares Individuais e alínea c) Adequações no Processo de Avaliação.”

PEI e Relatório Técnico Pedagógico de 2008	“beneficiou de oito horas de apoio, dentro da sala de aula, dado pela docente de apoio educativo da escola.” “as áreas, os objectivos e os conteúdos do seu programa educativo foram elaborados em função das competências terminais de ciclo, das características e dificuldades específicas da aluna” “a aluna fica retida no final do 2º ano, pois não obteve resultados satisfatórios ao nível do desenvolvimento das competências específicas da leitura, da escrita e do cálculo”. (PEI 2008/09) “ uma grande dificuldade na compreensão (...) uma imaturidade intelectual e emocional (...) não revela agilidade mental e há uma lentificação do pensamento (...) apresenta um atraso de desenvolvimento da linguagem, considerado grave.” (Relatório Pedagógico, Junho de 2009) “nível muito básico para a aprendizagem da leitura e escrita e os seus desempenhos estão muito desajustados em relação ao que se espera para a sua idade, comparando com os seus pares. Revela limitações graves na Actividade e Participação, atraso global no desenvolvimento, em particular nas áreas: cognitiva, da linguagem e psicomotora”. “Passa a beneficiar de Medida E) Currículo Específico Individual, com Introdução, substituição ou eliminação de objectivos e conteúdos em função do nível de funcionalidade da criança” ((Relatório Pedagógico, Junho de 2009) “Inclusão de conteúdos conducentes à autonomia pessoal e social da aluna, dando prioridade ao desenvolvimento de actividades de cariz funcional, significativas e centradas nos contextos de vida e na comunicação”. (Relatório Pedagógico, Junho de 2009)
3.2.3.2. Nível actual de competências - tem como suporte a pesquisa documental (Relatório Pedagógico, Junho de 2009)	“o traçado da letra melhorou”, “identificando por vezes as vogais e ditongos.” “dificuldades ao nível da atenção concentrada” “ grande imaturidade a todos os níveis.” “Os seus desempenhos estão muito abaixo do esperado” “dificuldades ao nível da fluência verbal.” “discurso é muito infantil,” “o vocabulário é pobre e reduzido, em consequência do meio pouco estimulante em que vive” “Dificuldades na articulação de algumas palavras.” “não reconta” “Não mantém a sequência da história”

	“altera factos”[das histórias] “dificuldade em organizar uma sequência lógica.” “Nomeia as vogais minúsculas e maiúsculas, mas não faz correspondência” “Escreve os seus dois primeiros nomes sem modelo” “nos apelidos omite e troca letras.” “nomeia os números até dez” “não faz correspondência quantidade/ número” “Não resolve situações problemáticas simples, mesmo recorrendo a concretização.”
--	---

Anexo 13 – Relatório Técnico Pedagógico, Junho de 2009

RELATÓRIO TÉCNICO-PEDAGÓGICO
(por referência à CIF)

Nome			
Idade	7A	Data de Nascimento:	2001
Ano de escolaridade	2ºano		
Data de elaboração	17 de Junho de 2009		

PERFIL DE FUNCIONALIDADE

Funções do Corpo

realizou todas as actividades/tarefas propostas, demonstrando um baixo empenho e uma grande dificuldade de compreensão para o sucesso da realização/participação das mesmas.

Foi aplicado num primeiro momento, uma prova que corresponde ao nível escolar em que a : encontra inserida e que permite o diagnóstico de dificuldades individuais. Todavia, perante o seu fraco desempenho e grandes dificuldades de compreensão, foram efectuadas novas provas de âmbito pré-escolar, com o intuito de avaliar a sua maturidade em ambiente escolar.

é uma criança com uma imaturidade intelectual (b117) e emocional evidentes, consequentes do seu meio envolvente pouco estimulante intelectual, socialmente.

Em quase todas as actividades propostas, teve auxílio e um constante reforço positivo para levar a tarefa até ao fim, uma vez que tem uma capacidade de concentração e atenção reduzida (b140).

Nas provas de diagnóstico pré-escolar, manifestou menos dificuldades nas provas de compreensão verbal, de memória auditiva e coordenação visuo-motora.

A nível da orientação e percepção visual (b1561), não foi capaz de realizar as tarefas propostas, respondendo de forma aleatória sem qualquer intencionalidade.

Tem dificuldades a nível da lateralidade, não identifica nem nomeia a esquerda e a direita em si e no outro.

A nível da motricidade fina e motora, o seu desempenho também não é satisfatório para a sua idade.

Não revela agilidade mental e há uma lentificação do pensamento (b164).

Relativamente às funções mentais da linguagem, a aluna apresenta um *atraso de desenvolvimento da linguagem*, considerado grave (b167). Os resultados das provas de avaliação situam-na num nível muito inferior face ao esperado para a sua idade cronológica.

Observaram-se dificuldades de evocação semântica, vocabulário restrito (com confusões na nomeação de partes do corpo, de noções espaciais e temporais, cores e opostos). Em termos morfosintácticos revelou fraca competência na utilização de verbos irregulares, plurais irregulares, nos graus dos adjetivos, e dificuldade de compreensão e expressão de estruturas complexas, que culmina numa forte dificuldade em recontar uma história. No âmbito da fonologia existem lacunas na discriminação auditiva de pares mínimos de palavras, na identificação de rimas, na identificação oral da fronteira de palavra (segmentação frásica) e na segmentação silábica. Estes dados revelam uma consciência fonológica muito deficitária. Em termos pragmáticos utiliza alguns enunciados repetitivos, não dirige convenientemente uma conversação e quebra o tópico abruptamente.

O comprometimento geral nas aquisições linguísticas, concomitantemente com factores referidos anteriormente, tem repercussões graves na aprendizagem da leitura e escrita: não lê e não escreve.

Tanto nas Escalas MacCarthy como no Teste de desenvolvimento da Percepção Visual de Marianne Frostig, verifica-se que a apresenta dificuldades nas tarefas de discriminação de formas, tamanhos, cor bem como, na compreensão da posição relativa dos objectos entre si e em relação a ela própria. Desta forma, considera-se que apresenta uma deficiência moderada nas funções da Percepção visual (b1561) e nas funções de Percepção visuoespacial (b1565).

Através da Escala de avaliação de Integração Sensorial de Stallings, verificou-se que a apresenta muitas dificuldades quando as tarefas têm bases proprioceptivas e vestibulares. O grupo de testes relacionados com a praxis e o planeamento motor são onde se verificam os piores resultados. Desta forma, considera-se que apresenta deficiências ligeiras ao nível das Funções vestibulares (b235) e da Função proprioceptiva (b260).

Actividade e Participação

Segundo opinião do professor, não se registaram progressos. A professora de apoio refere no seu relatório que a aluna não conseguiu desenvolver as competências específicas das várias áreas, mas que o traçado da letra melhorou, identificando por vezes as vogais e ditongos. Ainda não desenvolveu o sentido de número, faz contagens com concretização, mas não associa o algarismo à quantidade respectiva (até 5).

De acordo com a observação realizada à aluna, de facto não houve melhorias significativas em relação ao ano transacto.

Continua a mostrar uma capacidade dispersa, com dificuldades ao nível da atenção concentrada, grande imaturidade a todos os níveis e encontra-se pouco predisposta para as actividades de índole académica. Os seus desempenhos estão muito abaixo do esperado: continua a revelar dificuldades ao nível da fluência verbal, consciência fonémica (junção de sons para formar palavras, divisão de palavras nos sons que a compõem), o seu discurso é muito infantil, o vocabulário é pobre e reduzido em consequência do meio pouco estimulante em que vive, denotando-se problemas na articulação de algumas palavras. Tem dificuldade em compreender e exprimir mensagens verbais.

A sua lateralidade ainda não está completamente definida em si e no outro, bem como as relações espacio-temporais (não sabe dizer o dia da semana em que está, não os nomeia, não sabe dizer o mês em que nos encontramos, a localidade onde mora nem o nome da escola). A compreensão leitora através do conto está muito afectada; não reconta nem mantém a sequência da história, altera factos e tem dificuldade em organizar uma sequência lógica com três ou quatro cartões. Nomeia e escreve incorrectamente as vogais minúsculas e maiúsculas e não faz a sua correspondência. Num conjunto de letras e números não faz a sua distinção. Não nomeia as consoantes, associando o **p** a pai, o **m** a menina. Quando lhe é pedido que escreva as palavras mãe e pai escreve **meã** e **pi**. Escreve os seus dois primeiros nomes sem modelo, nos apelidos omite e troca letras.

Na prova de cálculo, escreve sem correspondência os números que lhe são pedidos, nomeia os números até dez e não faz correspondência quantidade/ número. Não resolve situações problemáticas simples, mesmo recorrendo a concretização.

Factores Ambientais

A família próxima constitui uma barreira grave ao normal desenvolvimento intelectual e social da família está a ser acompanhada pela CPCJ de Portalegre.

Razões que determinam as NEE de carácter permanente/ tipologia

Da reavaliação efectuada, constata-se que a aluna continua num nível muito básico para a aprendizagem da leitura e escrita e os seus desempenhos estão muito desajustados em relação ao que se espera para a sua idade, comparando com os seus pares. Revela limitações graves na Actividade e Participação, atraso global no desenvolvimento, em particular nas áreas cognitiva, da linguagem e psicomotora, necessitando, no próximo ano lectivo continuar a beneficiar dos apoios de terapia da fala, terapia ocupacional e psicologia, de forma a potenciar as suas capacidades e a aquisição de novas competências, pelo que o seu processo de ensino e aprendizagem deve ser adequado às suas necessidades, permitindo um melhor nível de funcionalidade.

Tipificação das NEE

Sensorial			Motor	Cognitivo	Emocional	Saúde Física	Comunicação, Fala e Linguagem	Cognitivo, Motor e /Sensorial
Audição	Visão	Audição e visão						
				X			X	

Respostas e medidas educativas a adoptar

A reavaliação do processo da aluna, com referência à CIF, indica que a mesma deverá passar a beneficiar das medidas educativas contempladas no artº 16º do Dec.Lei nº 3/2008, especificamente:

Medida E) Currículo Específico Individual

- Introdução, substituição ou eliminação de objectivos e conteúdos em função do nível de funcionalidade da criança.
- Inclusão de conteúdos conducentes à autonomia pessoal e social da aluna, dando prioridade ao desenvolvimento de actividades de cariz funcional, significativas e centradas nos contextos de vida e na comunicação,

Relatório elaborado por:

Data: 26 / 6 / 2015

Homologado por:

Cargo:

Data: 26 / 06 / 2015

Assinatura:

Anexo 14- Ficha de auto-avaliação da actividade - Sessões 1 e 2

Ano lectivo 2009/10

Ficha de auto-avaliação da actividade



levantar o dedo para intervir?			
estar mais tempo sentado?			
de identificar o nome dos colegas?			



é capaz



com ajuda



não é capaz

Anexo 15- Grelha de avaliação de Competências - Sessões 1 e 2



Semana de 22 a 26 de Fevereiro

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Levantar o dedo	S	S	S	S	CA	CA	CA	S	S	N	S	CA	CA	S	S	S	S	S
Estar sentado 10m	S	S	S	S	CA	CA	CA	S	S	N	S	CA	CA	S	S	S	S	S
Identificar o 1º nome dos colegas	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S

Legenda: é capaz (S) Não é capaz (N) Com ajuda(CA)



Anexo 16-Grelha de avaliação de Competências - Sessões 3 e 4

Semana de 1 a 5 de Março

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Levantar o dedo	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Estar sentado 10m	S	S	S	S	S	CA	CA	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Identificar a personagem principal	CA	S	CA	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S
Reconhecer 7 palavras relacionadas com o conto	CA	S	CA	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S

Legenda: É CAPAZ (S) NÃO É CAPAZ (N) COM AJUDA (CA) (1º e 2º critério)

Todos, metade, mais de metade (3º e 4º critérios)

Anexo 17- Ficha de auto-avaliação da actividade - Sessões 5 e 6

Ano lectivo 2009/10 *Semana de 8 a 12 de Março*

Ficha de auto-avaliação da actividade



Já sou capaz de...!



Participar em conversas			
Responder a questões sobre o texto			
Redigir um programa			
Redigir um convite			
Redigir uma ementa			
Redigir lista de convidados			
Identificar o 1º nome dos colegas			



é capaz



com ajuda



não é capaz



Anexo 18- Análise da ficha de auto-avaliação de competências - Sessões 5 e 6

Semana de 8 a 12 de Março

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Participar em conversas	CA	S	s	s	s	CA	CA	s	s	CA	S	S	s	S	s	s	s	s
Redigir um programa, com o contributo do grupo	S	S	s	s	s	S	s	s	s	--	S	S	s	S	s	s	s	s
Redigir um convite, com o contributo do grupo	S	S	s	s	s	S	s	s	s	--	S	S	s	S	s	s	s	s
Redigir uma ementa, com o contributo do grupo	S	S	s	s	s	S	s	s	s	--	S	S	s	S	s	s	s	s
Redigir lista de convidados, com o contributo do grupo	S	S	s	s	s	S	s	s	s	s	S	S	s	S	s	s	s	s
Responder a questões sobre o texto	CA	s	s	s	s	CA	s	s	s	CA	S	S	s	S	s	s	s	s
Identificar o 1º nome dos colegas	S	s	s	s	s	s	s	s	s	s	S	S	s	S	s	s	s	s

Legenda: É capaz (S) Não é capaz (N) Com ajuda (CA)



Anexo 19- Grelha de avaliação de Competências desenvolvidas - Sessões 5 e 6

Semana de 8 a 12 de Março

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Participar em conversas	CA	S	S	S	S	CA	CA	S	S	CA	S	S	s	S	s	s	s	s
Redigir um programa, com o contributo do grupo	--	s	--	S	S	S	s	S	s	--	S	S	S	S	--	S	--	S
Redigir um convite, com o contributo do grupo	--	s	S	s	s	s	S	S	S	--	S	S	--	S	--	S	--	--
Redigir uma ementa, com o contributo do grupo	--	s	--	s	s	s	S	S	--	--	S	S	--	S	S	S	S	--
Redigir lista de convidados, com o contributo do grupo	S	s	--	s	s	S	s	S	--	S	S	S	--	S	--	S	--	--
Responder a questões sobre o texto	CA	s	S	s	s	CA	s	S	s	CA	S	S	s	S	s	s	s	s
Identificar o 1º nome dos colegas	S	s	S	s	s	S	s	S	s	s	S	S	s	S	s	s	s	s

Legenda: É CAPAZ (S) NÃO É CAPAZ (N) COM AJUDA (CA)

Anexo 20- Ficha de Auto-Avaliação do trabalho de grupo

Sessões 5 e 6 - Semana de 8 a 12 de Março



Gostaste de trabalhar com os colegas do teu grupo?			
As tuas sugestões para o trabalho foram aceites?			
Os elementos do grupo conseguiram discutir sem entrar em conflito?			
Gostarias de voltar a trabalhar com este grupo de trabalho?			

Anexo 21-Análise da ficha de auto-avaliação do trabalho de grupo - Sessões 5 e 6

Semana de 8 a 12 de Março

Competências	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Gostaste de trabalhar com os colegas do teu grupo	N	S	S	S	N	N	S		N	S	S	S	S	S	S	S	S	S
As tuas sugestões foram aceites	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S
Conseguiram discutir sem entrar em conflito	S	S	N	S	S	N	N	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S
Gostarias de voltar a trabalhar com este grupo	N	S	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Legenda: Sim (S) Não (N) Algumas vezes (AV)



Anexo 22 - Grelha de Competências desenvolvidas em trabalho de grupo - sessões 5 e 6

Semana de 8 a 12 de Março

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Mantêm-se atento às sugestões dos colegas	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Aceita as sugestões dos colegas	S	S	S	S	N	N	N	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S
Conversa com os colegas	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Sugere ideias para o trabalho em grupo	AV	S	AV	S	S	S	S	S	S	AV	S	S	S	S	S	S	S	S
Discute com os colegas as sugestões	AV	S	AV	S	AV	AV	AV	AV	AV	AV	AV	AV	S	S	S	S	S	S
Defende as suas ideias sem entrar em conflito	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Legenda: Sim (S) Não (N) Algumas vezes (AV)



Anexo 23- Grelha de avaliação de Competências - Sessões 7 e 8

- Semana de 15 a 19 de Março

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Identificar a personagem principal do texto	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Participar em conversas	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Escrever o seu nome completo	CA	S	CA	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S
Escrever o nome dos pais, irmãos	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	S	S	S	S	S	S

Legenda: É capaz (S) Não é capaz (N) Com ajuda (CA)



Anexo 24- Análise da ficha de auto-avaliação de Competências - Sessões 7 e 8

- Semana de 15 a 19 de Março

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Identificar a personagem principal do texto	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Participar em conversas	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Escrever o seu nome completo	CA	S	CA	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S
Escrever o nome dos pais	N	N	N	S	S	S	S	S	S	CA	CA	CA	S	S	S	S	S	S

Legenda: É capaz (S) Não é capaz(N) Com ajuda (CA)

Anexo 25- Ficha de auto-avaliação da actividade - Sessões 9 e 10

Ano lectivo 2009/10

Ficha de auto-avaliação da actividade



Já sou capaz de...!

Imaginar a história a partir do título			
Responder a questões sobre o texto			
Escrever o 1º nome do pai			
Escrever o 1º nome da mãe			
Escrever o 1º nome dos irmãos			
Respeitar os objectos dos colegas			



é capaz



com ajuda



não é capaz



Anexo 26- Grelha de avaliação de Competências - Sessões 9 e 10

- *Semana de 22 a 26 de Março*

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Imaginar a história a partir do título	CA	S	S	S	S	S	S	S	S	CA	CA	CA	S	S	S	S	S	S
Responder a questões sobre o texto	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S
Escrever o 1º nome dos pais e irmãos	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Respeitar os objectos dos colegas	CA	S	S	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S

Legenda: Sim (S) Não (N) Com ajuda (CA)

Anexo 27- Ficha de auto-avaliação da actividade - Sessões 11 e 12

Ano lectivo 2009/10

Semana de 29 de Março a 2 de Abril

Ficha de auto-avaliação da actividade



Já sou capaz de...!



...dizer o que se vai passar na história a partir do título?			
...responder a questões sobre o texto?			
...ordenar acontecimentos?			
...de escrever palavras sobre o texto?			
...participar no trabalho de grupo?			



Anexo 28- Análise da ficha de auto-avaliação de competências - Sessões 11 e 12

Semana de 29 de Março a 2 de Abril

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
dizer o que se vai passar na história a partir do título?	CA	S	S	CA	S	N	S	S	S	CA	CA	CA	S	S	S	S	S	S
...responder a questões sobre o texto?	CA	S	CA	S	S	N	S	S	S	CA	CA	S	S	S	S	S	S	S
...ordenar acontecimentos?	CA	CA	CA	S	CA	N	S	S	CA	CA	CA	CA	S	S	S	S	S	S
de escrever palavras sobre o texto?	CA	S	S	S	S	N	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S
...participar no trabalho de grupo?	S	S	S	S	S		S	S	S	AV	S	S	S	S	S	S	S	S

Legenda: É capaz (S) Não é capaz (N) Com ajuda (CA)



Anexo 29- Grelha de Competências desenvolvidas - Sessões 11 e 12

Semana de 29 de Março 2 de Abril

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
dizer o que se vai passar na história a partir do título?	CA	S	S	S	S	S	S	S	S	CA	CA	CA	S	S	S	S	S	S
...responder a questões sobre o texto?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S
...ordenar acontecimentos?	CA	S	CA	S	S	S	S	CA	S	CA	CA	CA	S	S	S	S	S	S
de escrever palavras sobre o texto?	CA	CA	CA	S	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	S	CA

Legenda: É capaz (S) Não é capaz (N) Com ajuda (CA)

Anexo 30- Ficha de Auto-Avaliação do trabalho em grupo- Sessões 11 e 12

- *Semana de 29 de Março a 2 de Abril*



Gostaste de trabalhar com os colegas do teu grupo?			
As tuas sugestões para o trabalho foram aceites?			
Os elementos do grupo conseguiram discutir sem entrar em conflito?			
Gostarias de voltar a trabalhar com este grupo de trabalho?			

Nome: _____

Data: _____

Anexo 31- Análise da ficha de auto-avaliação do trabalho de grupo - Sessões 11 e 12

Semana 29 de Março a 2 de Abril

Competências	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Gostaste de trabalhar com os colegas do teu grupo	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
As tuas sugestões foram aceites	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Conseguiram discutir sem entrar em conflito	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Gostarias de voltar a trabalhar com este grupo	S	S	N	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S

Legenda: Sim (S) Não (N) Algumas vezes (AV)



Anexo 32- Grelha de Competências desenvolvidas em trabalho de grupo - Sessões 11 e 12

Semana 29 a 2 de Abril

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Mantêm-se atento às sugestões dos colegas	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Aceita as sugestões dos colegas	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S
Conversa com os colegas	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Sugere ideias para o trabalho em grupo	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Discute com os colegas as sugestões	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Defende as suas ideias sem entrar em conflito	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Legenda: Sim (S) Não (N) Algumas vezes (AV)

Anexo 33- Ficha de auto-avaliação da actividade - Sessões 13 e 14

Ano lectivo 2009/10

Semana de 19 a 23 de Abril

Ficha de auto-avaliação da actividade



Responder a questões sobre a história			
Identificar a data do aniversário			
Escrever a data do aniversário			



é capaz



com ajuda



não é capaz

Anexo 34- Grelha de Competências desenvolvidas - Sessões 13 e 14

Semana 19 a 23 de Abril

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Responder a questões sobre a história	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Identificar a data do aniversário	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Escrever a data do aniversário	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Legenda: É CAPAZ (S)

Não É CAPAZ (N)

COM AJUDA (CA)

Anexo 35- Grelha de Competências desenvolvidas em trabalho de grupo - Sessões 13 e 14

Semana 19 a 23 de Abril

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Mantêm-se atento às sugestões dos colegas	S	S	S	S	S	AV	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Aceita as sugestões dos colegas	AV	S	S	S	S	S	AV	S	S	S	S	S	AV	S	S	S	S	S
Conversa com os colegas	S	S	S	S	S	S	S	S	S	AV	S	S	S	S	S	S	S	S
Sugere ideias para o trabalho em grupo	AV	S	S	S	S	S	S	S	AV	N	S	S	S	S	S	S	S	S
Discute com os colegas as sugestões	AV	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Defende as suas ideias sem entrar em conflito	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Legenda: Sim (S) Não (N) Algumas vezes (AV)

Anexo 36- Grelha de Competências desenvolvidas - Sessões 15 e 16

Semana 26 a 30 de Abril

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Escrever palavras sobre o tema	CA	S	CA	S	CA	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S
Identificar rimas	N	S	N	S	S	S	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S
Fazer rimas	N	S	N	S	S	S	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S
Esperar pela sua vez	CA	S	S	S	S	S	S	S	CA	CA	S	S	CA	S	S	S	S	S

Legenda: É CAPAZ (S)

NÃO É CAPAZ (N)

COM AJUDA (CA)

Anexo 37- Grelha de Competências desenvolvidas - Sessões 17,18 e 19

Semana 3 a 7 de Maio

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Construir rimas, a partir de um modelo	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Continuar uma lengalenga	CA	S	CA	S	S	S	S	S	CA	CA	CA	CA	S	S	S	S	S	S
Cooperar no trabalho de grupo	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	CA	S	S	CA	S	S	S	S	S

Legenda: Sim (S) Não (N) Algumas vezes (AV)

Anexo 38- Ficha de auto-avaliação da actividade - Sessões 20 e 21

Ano lectivo 2009/10

Ficha de auto-avaliação da actividade



Já sou capaz de...!



... Reconhecer as rimas das palavras			
... Escrever palavras (um poema)			
... Cooperar no trabalho de grupo			

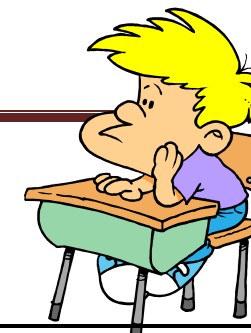


Anexo 39- Análise da ficha de auto-avaliação de competências - Sessões 20 e 21

Semana de 17 a 21 de Maio

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Reconhecer as rimas das palavras	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Escrever palavras (um poema)	CA	S	S	S	S	S	S	S	S	CA	CA	CA	S	S	S	S	S	S
Cooperar no trabalho de grupo	CA	S	S	S	S	S	N	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S

Legenda: É capaz (S) Não é capaz (N) Com ajuda (CA)



Anexo 40- Grelha de competências desenvolvidas - Sessões 20 e 21

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Reconhecer as rimas das palavras	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Escrever palavras (um poema)	CA	S	CA	S	S	S	S	S	S	CA	CA	CA	S	S	S	S	S	S
Cooperar no trabalho de grupo	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S

Legenda: É capaz (S) Não é capaz (N) Com ajuda (CA)

Anexo 41- Ficha de auto-avaliação da actividade - Sessões 22 e 23

2009/10

Ficha de auto-avaliação da actividade



Ouvir ler			
Folhear livros			
Ler palavras			
Identificar título, autor, ilustrador e editora			



Anexo 42- Análise da ficha de auto-avaliação de competências dos alunos - Sessões 22 e 23

Semana de 24 a 28 de Maio

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Ouvir ler	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Folhear livros	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Ler palavras	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Identificar título, autor, ilustrador e editora	N	S	N	S	CA	S	S	S	S	CA	CA	CA	S	S	S	S	S	S

Legenda: É capaz (S) Não é capaz (N) Com ajuda (CA)

Anexo 43- Grelha de avaliação de competências desenvolvidas - Sessões 22 e 23

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Ouvir ler	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Folhear livros	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Ler palavras	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S
Identificar título, autor, ilustrador e editora	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S

Legenda: É capaz (S) Não é capaz (N) Com ajuda (CA)

Anexo 44- Ficha de auto-avaliação da actividade - Sessões 24 e 25

2009/10

Ficha de auto-avaliação da actividade



Pôr ordem lógica às imagens de uma história			
Escrever pequenas frases/texto, a partir do título de uma história			



Anexo 45- Análise da ficha de auto avaliação de competências - Sessões 24 e 25

Semana de 31 de Maio a 4 de Junho

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Pôr ordem lógica às imagens de uma história	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S
Escrever pequenas frases/texto, a partir do título de uma história	CA	S	CA	S	S	S	S	S	S	CA	CA	S	S	S	S	S	S	S

Legenda: É capaz (S) Não é capaz (N) Com ajuda (CA)



Anexo 46- Grelha de competências desenvolvidas - Sessões 24 e 25

Semana de 31 de Maio a 4 de Junho

Competências desenvolvidas	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18
Pôr ordem lógica às imagens de uma história	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	CA	S	S	S	S	S	S	S	S
Escrever pequenas frases/texto, a partir do título de uma história	CA	S	CA	S	CA	S	S	S	S	CA	CA	CA	S	S	S	S	S	S

Legenda: É capaz (S) Não é capaz (N) Com ajuda (CA)

Anexo 47 - 1ª Intervenção com a Família

1ª Intervenção com a Família														
Actividade: "Vou ajudar a mamã"														
Forma de contacto: Presencial		Dia 22 de Março	Iniciativa: Professora											
Assunto: Proposta de intervenção Propõe-se que à mãe, no seio familiar e através de algumas orientações, leve a Mariana a realizar pequenas tarefas que a possam ajudar no seu desempenho diário, nomeadamente ao nível das tarefas de casa.														
Tarefa: Colocar os pratos e talheres na mesa na hora do jantar.														
Estratégia de intervenção: A mãe deverá mostrar à Mariana como se colocam os pratos e talheres na mesa e, no decorrer da semana, deverá ir retirando a ajuda.														
Avaliação realizada pela mãe: <table border="1"> <thead> <tr> <th>Segunda</th> <th>Terça</th> <th>Quarta</th> <th>Quinta</th> <th>Sexta</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>  Faz  Faz com ajuda  Não faz 					Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta					
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta										
														
A professora: Margarida Policarpo A Encarregada de Educação: _____														

Anexo 48 - 2ª Intervenção com a Família

2ª Intervenção com a Família														
Actividade: "Vou ajudar a mamã"														
Forma de contacto: Presencial		Dia 29 de Março	Iniciativa: Professora											
Assunto: Continuação de intervenção Propõe-se que à mãe, no seio familiar e através de algumas orientações, leve a Mariana a realizar pequenas tarefas que a possam ajudar no seu desempenho diário, nomeadamente ao nível das tarefas de casa.														
Tarefa: Ajudar a mãe a limpar o pó do quarto.														
Estratégia de intervenção: A mãe deverá dar a conhecer à Mariana os utensílios de limpeza do pó e a sua função, exemplificando como se faz a limpeza e, no decorrer da semana, deverá ir retirando a ajuda.														
Avaliação realizada pela mãe: <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; text-align: center;"> <thead> <tr> <th style="width: 20%;">Segunda</th> <th style="width: 20%;">Terça</th> <th style="width: 20%;">Quarta</th> <th style="width: 20%;">Quinta</th> <th style="width: 20%;">Sexta</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>  Faz  Faz com ajuda  Não faz					Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta					
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta										
														
A professora: Margarida Policarpo A Encarregada de Educação: _____														

Anexo 49 - 3ª Intervenção com a Família

3ª Intervenção com a Família														
Actividade: "Vou ajudar a mamã"														
Forma de contacto: Presencial		Dia 19 de Abril	Iniciativa: Professora											
Assunto: Continuação de intervenção Propõe-se que à mãe, no seio familiar e através de algumas orientações, leve a Mariana a realizar pequenas tarefas que a possam ajudar no seu desempenho diário, nomeadamente ao nível das tarefas de casa.														
Tarefa: Arrumar o material escolar quando regressa da escola.														
Estratégia de intervenção: A mãe deverá incentivar/lembrar a aluna de arrumar a mochila da escola no quarto, assim que regressa da escola. No decorrer da semana, a mãe deverá deixar de lembrar a Mariana, no sentido da aluna começar a responsabilizar-se por esta tarefa e, por sua iniciativa, começar a fazê-lo sozinha.														
Avaliação realizada pela mãe: <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; text-align: center;"> <thead> <tr> <th style="width: 20%;">Segunda</th> <th style="width: 20%;">Terça</th> <th style="width: 20%;">Quarta</th> <th style="width: 20%;">Quinta</th> <th style="width: 20%;">Sexta</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table> Faz  Faz com ajuda  Não faz 					Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta					
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta										
														
A professora: Margarida Policarpo A Encarregada de Educação: _____														

Anexo 50 - 4ª Intervenção com a Família

4ª Intervenção com a Família														
Actividade: “ Ler em família”														
Forma de contacto: Presencial		Dia : 17 de Maio	Iniciativa: Professora											
Assunto: Continuação de intervenção Propõe-se que à mãe, em casa, juntamente com a aluna partilhem momentos de leitura.														
Tarefa: Ler e ouvir ler a Mariana.														
Estratégia de intervenção: A mãe deverá partilhar a leitura com a sua educanda, lendo para a Mariana o livro que esta escolheu na biblioteca da escola, posteriormente deverá convidá-la a folhear e a ler algumas palavras estudadas. Deverá escolher uma hora tranquila e um local calmo, de forma a não existirem motivos de distração.														
Avaliação realizada pela mãe: <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; text-align: center;"> <thead> <tr> <th style="width: 20%;">Segunda</th> <th style="width: 20%;">Terça</th> <th style="width: 20%;">Quarta</th> <th style="width: 20%;">Quinta</th> <th style="width: 20%;">Sexta</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table> Faz  Faz com ajuda  Não faz 					Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta					
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta										
														
A professora: Margarida Policarpo A Encarregada de Educação: _____														

Anexo 51 - 5ª Intervenção com a Família

5ª Intervenção com a Família														
Actividade: “Ler em família”														
Forma de contacto: Através da aluna Dia : 24 de Maio Iniciativa: Professora														
Assunto: Continuação de intervenção Propõe-se que à mãe, em casa, juntamente com a aluna partilhem momentos de leitura.														
Tarefa: Fazer uma ilustração, a partir do livro escolhido.														
Estratégia de intervenção: A mãe deverá encontrar um momento para apreciar o livro: falar das imagens, das personagens, dos espaços, juntamente com a Mariana e incentivar a aluna a dialogar sobre a história. Seguidamente, a mãe deverá pedir à aluna, que em conjunto, façam uma ilustração acerca do livro. Deverá escolher uma hora tranquila e um local calmo, de forma a não existirem motivos de distracção.														
Avaliação realizada pela mãe: <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; margin-top: 10px;"> <thead> <tr> <th style="width: 20%; padding: 5px;">Segunda</th> <th style="width: 20%; padding: 5px;">Terça</th> <th style="width: 20%; padding: 5px;">Quarta</th> <th style="width: 20%; padding: 5px;">Quinta</th> <th style="width: 20%; padding: 5px;">Sexta</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td style="text-align: center; height: 40px;"></td> <td style="text-align: center; height: 40px;"></td> <td style="text-align: center; height: 40px;"></td> <td style="text-align: center; height: 40px;"></td> <td style="text-align: center; height: 40px;"></td> </tr> </tbody> </table> Faz  Faz com ajuda  Não faz 					Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta					
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta										
														
A professora: Margarida Policarpo A Encarregada de Educação: _____														

Anexo 52 - 6ª Intervenção com a Família

6ª Intervenção com a Família														
Actividade: “ Diário”														
Forma de contacto: Através da aluna Dia : 1 de Junho Iniciativa: Professora														
Assunto: Continuação de intervenção Propõe-se que à mãe, em casa, juntamente com a aluna partilhem momentos de escrita.														
Tarefa: Escrever palavras.														
Estratégia de intervenção: A mãe deverá sugerir à filha que escrevam num pequeno diário, algumas das palavras estudadas em sala de aula ou outras que a aluna queira experimentar. Inicialmente, a mãe deverá iniciar a escrita de palavras, fazer desenhos ou colagens de palavras de revistas ou jornais, para estimular a aluna, posteriormente e gradualmente a mãe poderá deixar a aluna experimentar sozinha.														
Avaliação realizada pela mãe: <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; margin-top: 10px;"> <thead> <tr> <th style="width: 20%; padding: 5px;">Segunda</th> <th style="width: 20%; padding: 5px;">Terça</th> <th style="width: 20%; padding: 5px;">Quarta</th> <th style="width: 20%; padding: 5px;">Quinta</th> <th style="width: 20%; padding: 5px;">Sexta</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td style="text-align: center; height: 40px;"></td> <td style="text-align: center; height: 40px;"></td> <td style="text-align: center; height: 40px;"></td> <td style="text-align: center; height: 40px;"></td> <td style="text-align: center; height: 40px;"></td> </tr> </tbody> </table> Faz  Faz com ajuda  Não faz 					Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta					
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta										
														
A professora: Margarida Policarpo A Encarregada de Educação: _____														

Anexo 53 - Guião de entrevista ao professor titular de turma

Temática: Trabalho desenvolvido, em sala de aula, de Fevereiro a Junho.

Objectivos da entrevista

- Fazer o balanço global do trabalho desenvolvido, em sala de aula, de Fevereiro a Junho
- Recolher informação sobre o contributo das práticas desenvolvidas: trabalho cooperativo, diferenciação pedagógica inclusiva; para o desenvolvimento de competências académicas de leitura e escrita
- Recolher informação sobre o contributo das práticas: trabalho cooperativo, diferenciação pedagógica inclusiva para o desenvolvimento de competências sociais
- Caracterizar a parceria prof. titular/ prof. de E. Especial
- Recolher informação sobre as repercussões na sua prática educativa

Entrevistado: Professor Titular

Data: 24 /6/2010

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Tópicos	Observações
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	• Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente • Motivar o entrevistado • Garantir confidencialidade	• Motivos da entrevista • Objectivos	• Entrevista semi-directiva • Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado • Tratar o entrevistado com delicadeza e recebê-lo num local aprazível • Pedir para gravar a entrevista
Bloco B Contributo das práticas para o desenvolvimento de competências académicas de leitura e escrita	• Fazer o levantamento dos progressos dos alunos a nível da leitura e escrita	• Balanço global; pontos fortes; pontos fracos; • Relação estratégias aquisição de competências a nível de leitura e da escrita, para o grupo e para a Mariana	• Estar atento às reacções de entrevistado e anotá-las por escrito • Mostrar disponibilidade e abertura para a compreensão das situações apresentadas
Bloco C Contributo das práticas para o desenvolvimento de competências sociais	• Fazer o levantamento dos progressos dos alunos a nível das competências sociais	• Progressos • Comportamentos	• Ter atenção aos comportamentos não verbais denunciadores de certas reacções ao discurso do entrevistado
Bloco D Caracterização da parceria prof. titular/ prof. de E. Especial	• Caracterizar a parceria estabelecida entre professores	• Interações • Expectativas	• Prestar atenção às reacções de entrevistado e anotá-las por escrito
Bloco E Repercussões na prática educativa	• Fazer o levantamento das repercussões a nível da prática pedagógica	• Estratégias a adoptar • Metodologias a adoptar • Expectativas	• Mostrar disponibilidade e vontade de ajudar a concretizar as soluções encontradas
Bloco F Dados complementares	• Dar oportunidade ao entrevistado para abordar outros assuntos pertinentes e oportunos • Agradecer o contributo prestado	• Vivências • Constrangimentos... • Agradecimentos	

Anexo 54 - Protocolo da entrevista ao professor titular de turma

M- Após esta intervenção, gostaria de saber qual o balanço que fazes e quais os pontos fortes e fracos que apontas.

O balanço da intervenção na turma foi bastante positivo, o que se verificou na motivação, interesse, participação e nos resultados dos alunos nas diferentes actividades realizadas. Desde a primeira intervenção até ao momento actual os alunos têm evoluído razoavelmente nos diferentes domínios: cognitivo, emancipatório, atitudinal e comportamental. Os alunos mostram-se mais receptivos às actividades propostas e, na sua maioria, atingiram os objectivos traçados para as actividades desenvolvidas.

M- Consideras que as práticas desenvolvidas, com a turma em geral e com a Mariana em particular, contribuíram para o desenvolvimento das competências da leitura e da escrita? Em que medida?

As práticas desenvolvidas contribuíram para o desenvolvimento das competências da leitura e escrita tanto da turma em geral como da Mariana em particular. Houve um aumento do interesse pela leitura, o que se repercutiu num aumento das visitas e requisições de livros na biblioteca escolar. O novo vocabulário assimilado das leituras efectuadas está agora a começar a aparecer nos textos elaborados pelos alunos.

M- Em relação às competências sociais que alterações se manifestaram ao nível dos comportamentos?

Em relação às competências sociais verificou-se uma notória melhoria das relações inter-pessoais entre os alunos. O comportamento melhorou satisfatoriamente o que contribuiu para uma melhoria nos resultados académicos. Os alunos encontram-se mais predispostos para as aprendizagens. A Mariana modificou, gradualmente, a sua forma de estar: está mais atenta, mais concentrada.

M- Como caracterizas a parceria estabelecida entre nós (professor titular de turma/ professora de Educação Especial)?

A parceria estabelecida entre mim e a professora de Educação Especial foi muito boa. Houve uma colaboração constante pelo que se conseguiu sempre encontrar as actividades e estratégias mais enriquecedoras, motivadoras e adequadas aos diferentes níveis dos alunos. Estas parcerias são sempre importantes e benéficas tendo em vista o sucesso escolar dos alunos com os quais trabalhamos todos os dias.

M- Quais as repercussões que podes retirar para a tua prática? Tens intenção de continuar a utilizar estas metodologias na tua prática?

Como é uma turma bastante heterogénea, com níveis de interesse, participação e aprendizagens diversificadas, as metodologias, estratégias e actividades realizadas, ao longo de todo o ano, foram sempre diversificadas e adequadas aos níveis de aprendizagem dos alunos e às suas dificuldades de forma a motivá-los. Tendo em vista o sucesso escolar dos alunos estas metodologias revelaram-se muito benéficas e importantes no seu processo de aprendizagem. No futuro, sempre que oportuno, tentarei utilizar o trabalho de grupo e estas metodologias... incluindo todas as crianças, como a Mariana.

M- Se achares oportuno podes salientar alguns assuntos que não foram abordados ao longo da entrevista.

Anexo 55 - Grelha de análise de conteúdo

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
Contributo das práticas para o desenvolvimento de competências académicas de leitura e escrita	Balanço global (pontos fortes; pontos fracos)	“As práticas desenvolvidas contribuíram para o desenvolvimento das competências da leitura e escrita... da turma em geral.” [As práticas desenvolvidas contribuíram para o desenvolvimento das competências da leitura e escrita] “da Mariana” “aumento das visitas e requisições de livros na biblioteca escolar” “uma melhoria nos resultados académicos.” “Os alunos encontram-se mais predispostos para as aprendizagens” “actividades e estratégias mais enriquecedoras” [actividades e estratégias] “motivadoras” [actividades e estratégias] “adequadas aos diferentes níveis dos alunos”
	Aquisição de competências a nível de leitura e da escrita, para o grupo e para a Mariana	“Houve um aumento do interesse pela leitura” “O novo vocabulário assimilado” [O novo vocabulário] “está agora a começar a aparecer nos textos elaborados pelos alunos.”
Contributo das práticas para o desenvolvimento de competências sociais	Progressos	“notória melhoria das relações inter-pessoais entre os alunos.” “O comportamento melhorou satisfatoriamente” “A Mariana modificou, gradualmente, a sua forma de estar”
	Comportamentos	[A Mariana] “está mais atenta” [A Mariana] “mais concentrada.”
Parceria estabelecida entre prof. titular/ prof. de E. Especial	Interacções	“A parceria ...foi muito boa.” “colaboração constante” “Estas parcerias são sempre importantes” [Estas parcerias são] “benéficas tendo em vista o sucesso escolar dos alunos com os quais trabalhamos todos os dias.”
Repercussões na prática educativa	Estratégias/metodologias a adoptar	“estas metodologias revelaram-se muito benéficas” “tentarei utilizar o trabalho de grupo” [tentarei utilizar] “estas metodologias” [tentarei utilizar estas metodologias] “incluindo todas as crianças, como a Mariana.”

Anexo 56 Guião de entrevista à Encarregada de Educação

Temática: A Mariana na família e na escola

Objectivos da entrevista

- Caracterizar o comportamento actual da aluna em casa
- Caracterizar a postura da aluna face à escola
- Fazer o levantamento dos progressos da aluna
- Caracterizar a participação da E.E. na escola

Entrevistado: Encarregado de Educação

Data: 16/6/2010

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Tópicos	Observações
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	- Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente - Motivar o entrevistado - Garantir confidencialidade	- Motivos da entrevista - Objectivos	- Entrevista semi-directiva - Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado - Tratar o entrevistado com delicadeza e recebê-lo num local aprazível - Pedir para gravar a entrevista
Bloco B Caracterização do comportamento da aluna, em casa	Caracterizar os comportamentos e atitudes da aluna, em casa	- Ajuda nas lides domésticas - Autonomia nos cuidados pessoais...	- Estar atento às reacções de entrevistado e anotá-las por escrito - Mostrar disponibilidade e abertura para a compreensão das situações apresentadas
Bloco C Postura da aluna face à escola	Caracterizar a postura da aluna relativamente à escola	- Atitudes com os colegas - Atitudes com os professores - Atitudes face à escola	Ter atenção aos comportamentos não verbais denunciadores de certas reacções ao discurso do entrevistado
Bloco D Progressos	Fazer o levantamento dos progressos da aluna a nível social e académico	- Competências sociais - Competências académicas	Prestar atenção às reacções de entrevistado e anotá-las por escrito
Bloco E Caracterizar a participação da mãe na escola	Caracterizar os comportamentos e atitudes da mãe face a vida escolar da sua educanda	- Participação em reuniões, em actividades; - Iniciativa da participação	Mostrar disponibilidade e vontade de ajudar a concretizar as soluções encontradas
Bloco F Dados complementares	- Dar oportunidade ao entrevistado para abordar outros assuntos pertinentes e oportunos - Agradecer o contributo prestado	- Vivências - Constrangimentos... - Agradecimentos	

Anexo 57- Protocolo da entrevista à encarregada de educação

M- Considera ter havido modificação do comportamento da Mariana, em casa?

Em que medida?

Sim, a Mariana já gosta de ajudar...já quer ajudar a pôr a mesa, a escolher a roupa, antes de se deitar mas, às vezes, é preciso mandá-la fazer as coisas...ela é muito preguiçosa. Todos os dias abre a mochila e mostra as coisas que fez na escola...mas...eu não tenho tempo para ela...por causa da pequenina.

M- Como descreve actualmente a postura da Mariana face à escola?

Ela está muito diferente...está diferente. Agora já gosta da escola...fala dos meninos todos e já sabe os nomes deles...antes nem sabia o nome deles. Gosta dos professores e quer estar lá dentro da sala com os outros. Em casa já fala do que faz na aula: das histórias e das festas...ela gosta das festas.

M - Encontrou, este ano, progressos ao nível das aprendizagens? Quais?

Sim...ela agora já “puxa” para ler, já escreve o nome dela, o meu e da irmã. Já faz contas...e, quando leva trabalhos para casa quer logo fazê-los, mas eu tenho que tomar conta da mais pequena...o meu companheiro também a ajuda a ler.

M- Como caracteriza, este ano, a sua participação na vida escolar da sua educanda?

Este ano venho mais à escola...chamam-me mais vezes...o ano passado só vinha na altura das notas...agora é diferente...querem que eu ajude...e tem que ser.

M- Mas nem sempre compareceu quando a chamamos para vir...

Não pude vir...pois...a pequenina esteve doente...mas agora está melhor...

Obrigada, desde já agradeço a sua colaboração

Anexo 58 Grelha de análise de conteúdo

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
Comportamento da aluna, em casa	Nas tarefas domésticas	“a Mariana já gosta de ajudar” “...já quer ajudar a pôr a mesa” [quer] “escolher a roupa, antes de se deitar” “às vezes, é preciso mandá-la fazer as coisas” “...ela é muito preguiçosa”
	Nas tarefas da escola	“Ela está muito diferente” “...está diferente “ . Todos os dias abre a mochila” “mostra as coisas que fez na escola”
Postura da aluna face à escola	Atitudes com os colegas	“...fala dos meninos todos” e “quer estar lá dentro da sala com os outros.”
	Atitudes com os professores e actividades	“Agora já gosta da escola” “Gosta dos professores” “Em casa já fala do que faz na aula: das histórias e das festas...” ela gosta das festas
Progressos	Competências sociais	“já sabe os nomes deles” [dos colegas] “...antes nem sabia o nome deles.” [dos colegas] ”
	Competências académicas	“agora já “puxa” para ler” “já escreve o nome dela, o meu e da irmã.” “ Já faz contas” “quando leva trabalhos para casa quer logo fazê-los
Relação mãe /Mariana e Escola	Entraves à relação com a Mariana	“eu não tenho tempo para ela ... por causa da pequenina ...” “eu tenho que tomar conta da mais pequena” “o meu companheiro também a ajuda a ler”.
	Relação com a escola	“Este ano venho mais à escola” “...chamam-me mais vezes” “...o ano passado só vinha na altura das notas” agora é diferente “querem que eu ajude e tem que ser

ANEXO 59 MATRIZ SOCIOMÉTRICA - ESCOLHAS

Sexo masculino

Sexo feminino

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos
Sexo Masculino	1		310	121	202	030	003													9	5
	2	310		033	102	020								201						9	5
	3	101			212	323								030						9	4
	4	102	230	003		011					020			300						9	6
	5	103	022		231			010						300						9	5
	6	332									213			121						9	3
	7		300		232		013							121						9	4
	8																			9	0
	9			101				003			020			002	200	030	310			9	7
Sexo Feminino	10		003		010								301	200			020	002	130	9	7
	11		333																111	9	3
	12											023	222		030		300	202	111	9	5
	13			223			110	012			030					300				9	5
	14															221	131	213	322	9	3
	15															003	322	132	313	9	3
	16															232	320	210	131	9	4
	17												003	203	032	320			111	9	4
	18																			9	4
Totais por Critério		524	443	335	545	011	242	033			141	011	314	634	344	552	220	545	776		
Totais combinados		11	11	11	14	2	8	6			6	2	8	13	11	12	4	14	20	153	
N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido		5	6	5	6	1	4	5			4	1	4	8	6	6	3	6	7	153	

Legenda	1º critério – situação de classe 2º critério – situação de trabalho 3º- critério -situação de recreio	Nota	Os nº(s) 1,3,8 são alunos de Etnia cigana A aluna nº10 considerada com NEE

ANEXO 60 MATRIZ SOCIOMÉTRICA – REJEIÇÕES

Sexo masculino										Sexo feminino										N.º de rejeições	N.º de indivíduos rejeitados
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18			
Sexo Masculino	1		100							001		010							3	3	
	2									101	100	010							3	3	
	3				011					100									3	2	
	4					001						010							3	3	
	5									101		010							3	2	
	6										100					011			3	2	
	7									001	100	010							3	3	
	8																				
	9									101		010							3	2	
Sexo Feminino	10						101	010											3	2	
	11																				
	12			010	100					001									3	3	
	13		101												010				3	2	
	14						100		010	001									3	3	
	15								100	001		010							3	3	
	16				001		110												3	2	
	17				100						011								3	2	
	18								100		011								3	2	
Totais por Critério		201	010		201	001	311	010	210	408	322	170			010	011					
Totais combinados		3	1		3	1	5	1	3	12	7	8			1	2			48		
N.º de indivíduos por quem cada um é rejeitado		2	1		3	1	3	1	3	9	5	7			1	1			38		

Legenda	1º Critério – situação de classe 2º Critério – situação de trabalho 3º- Critério - situação de recreio	Nota	Os n° (s) 1,3,8 são alunos de Etnia cigana A aluna n°10 considerada com NEE

Anexo - 61- Materiais construídos ao longo das diferentes sessões

Materiais construídos ao longo das diferentes sessões

Sessões 3 e 4 - À descoberta do Título

Atividade: “O caldo de Pedra”

Nome: _____

Data: _____



Descobre o título do conto tradicional

Cada desenho corresponde a uma palavra. Escolhe a letra indicada em cada e descobre o título do conto:



2ª letra

boneca



1ª letra

cão



3ª letra

dragon ball



4ª letra

abelha



3ª letra

dado



2ª letra

coelho



8ª letra

Margarida



1ª letra

elefante



1ª letra

peixe



2ª letra

pés



3ª letra

onda



1ª letra

ratatuiu



4ª letra

coração

Sessões 3 e 4 - Ficha de trabalho- 2º ano

Palavras da área vocabular de **Cozinheiro**

Risca os intrusos

fogão



faca



panela



livros

Palavras da família de **Cozinheiro**

Risca os intrusos



cozido

alface

rosa

casa

menina

bota

cozinha

cozer

cozinhado

mesa

Sessões 3 e 4 - Ficha de trabalho

Observa as imagens e liga correctamente

sal <i>sal</i>	
Chouriço <i>chouriço</i>	
Pedra <i>Pedra</i>	
Couve <i>Couve</i>	
Lume <i>Lume</i>	
Panela <i>Panela</i>	
Azeite <i>Azeite</i>	

Sessões 3 e 4 - Ficha de trabalho

Observa as imagens e escreve correctamente as palavras:

<i>Sal</i> sal	<i>chouriço</i> chouriço	<i>pedra</i> pedra	<i>Couve</i> couve	<i>azeite</i> azeite	<i>panela</i> panela	<i>Lume</i> Lume
_____						
_____						
_____						
_____						
_____						
_____						
_____						

Sessões 3 e 4 - Ficha de trabalho - sopa de letras

Procura na sopa de letras as palavras. Para te ajudar tens as palavras na coluna abaixo indicada.

Sal
Chouriço
Pedra
Couve
Lume
Panela
Azeite

C	H	O	U	R	I	Ç	O
C	A	S	D	F	G	H	J
S	P	U	D	P	P	I	I
L	U	M	E	P	U	O	P
Q	E	J	L	J	Ç	L	E
W	R	T	Y	K	Q	L	D
A	O	M	Z	Z	T	P	R
S	A	L	P	I	A	L	A
D	T	U	Y	L	S	J	K
F	P	J	E	B	H	L	F
G	X	N	C	B	M	E	W
N	A	B	N	M	M	L	P
P	P	B	C	O	U	V	E
U	P	O	P	P	M	L	T
Y	U	N	O	I	A	Ç	B
M	D	I	K	R	T	S	A
P	N	A	Z	E	I	T	E

Sessões 3 e 4 - Ficha de trabalho

Recorda a história e completa o texto:



O _____ queria fazer uma sopa de _____.



Para isso pegou numa _____ e meteu-a ao _____



Depois cortou a _____ e o _____ e meteu tudo dentro da panela. Para a sopa ficar mais saborosa, colocou



_____ e um pouco de _____.

sal frade azeite couve chouriço pedra panela

Sessão 5 - Ficha de trabalho - 2ºano

Atividade: A festa de anos!

Nome: _____

Data: _____



A Festa de Anos, de Luísa Ducla Soares

1-Quem é que fazia anos?

Coloca uma cruz (x):



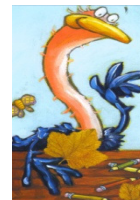
O rapaz Tomás

☐


A gata Tita

☐


A foca Pinoca

☐


A avestruz Catrapus

☐

2-Quem convidou para a sua festa de anos?

Coloca uma cruz (x):

O rato Sapato	
A foca Pinoca	
O javali Titi	
A gata Tita	
O rapaz Tomás	
O cão Sultão	
O leão Plutão	



3-Para o lanche, o que preparou a avestruz?

Bolo de chocolate ☐

Bolo de farinha crua, coberto com chaves, parafusos, berlindes ☐



4-O que lhe ofereceram os seus amigos?
Liga com setas.



O cão sultão	Um novelo de lã
A gata Tita	Umas barbatanas
O rapaz Tomás	Um ovo de chocolate
A foca Pinoca	Um osso

5-Quando chegou a hora do lanche, os seus amigos franziram o nariz, porque não gostavam dos petiscos e sonhavam com os seus pratos preferidos:

Liga com setas:

O cão sultão sonhava	com gelados
A gata Tita sonhava	com peixe fresco
O rapaz Tomás sonhava	com bifes
A foca Pinoca sonhava	com arroz



6-No Programa da festa houve:

Jogos e gincanas	
Poesias	
Baile	
Karaoke	



7-Quando terminou a festa, à noite, o que ficou a fazer a avestruz Catrapus?
Coloca uma cruz (x):



A sonhar com outra festa.	
A chocar o ovo de chocolate.	
A arrumar o ninho.	
A ver televisão.	

Sessão 5 - Ficha de trabalho 3º ano

Atividade: A festa de anos!

Nome: _____

Data: _____



A Festa de Anos, de Luísa Ducla Soares

1-Quem é que fazia anos?

Coloca uma cruz (x):



O rapaz Tomás

☐


A gata Tita

☐


A foca Pinoca

☐


A avestruz Catrapus

☐

2-Quem convidou para a sua festa de anos?

Coloca uma cruz (x):

O rato Sapato	
A foca Pinoca	
O rapaz Vaz	
A gata Tita	
O rapaz Tomás	
O cão Sultão	
O cão Plutão	



3-Para o lanche, o que preparou a avestruz?

Bolo de chocolate ☐

Bolo de farinha crua, coberto com chaves, parafusos, berlindes. ☐





4-O que lhe ofereceram os seus amigos?

Completa:

O cão sultão	
A gata Tita	
O rapaz Tomás	
A foca Pinoca	

5-Quando chegou a hora do lanche, os seus amigos franziram o nariz, porque não gostavam dos petiscos e sonhavam com os seus pratos preferidos:

Completa:

O cão sultão sonhava	
A gata Tita sonhava	
O rapaz Tomás sonhava	
A foca Pinoca sonhava	

6-Programa da Festa houve:

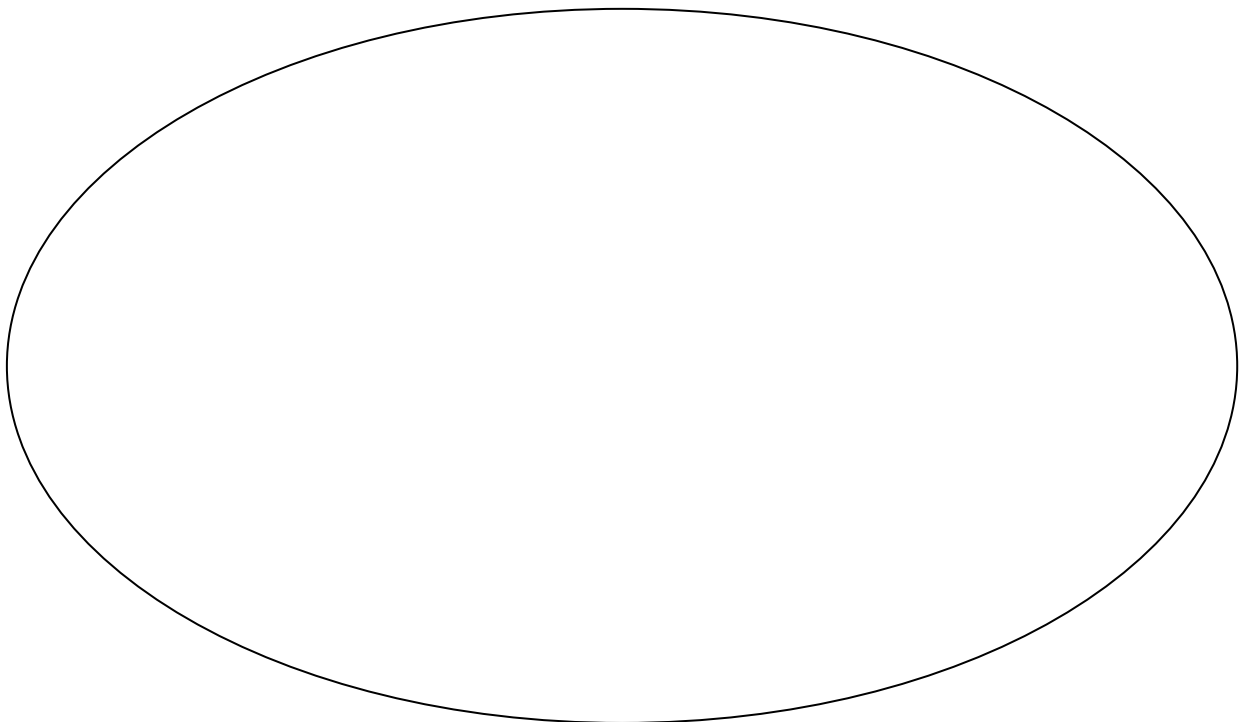


7-Quando terminou a festa, à noite, o que ficou a fazer a avestruz Catrapus?

Como puderam observar a história não tem um fim.
Ponham a vossa imaginação à prova e contem o que terá acontecido.

Que bicho nasceu de lá?
És capaz de adivinhar?

Faz a ilustração:



Sessão 6 - Ficha informativa

Convite

Cão Sultão

Convido-te para a minha festa de anos,
que se realiza junto ao canavial, às 16 horas,
dia 9 de Março de 2010.

Não fates, vai ser divertido!

A avestruz Catrapus



Programa

**Festa de Anos da avestruz Catrapus
Junto ao canavial**

Dia 9 de Março de 2010

16:00- Chegada dos convidados

16:30- Distribuição dos presentes

17:00- Lanche

18:00- Baile, pela orquestra da passarada

19:00- Despedida e regresso a casa



Não falem, vamos ter muitas surpresas!

A avestruz Catrapus

Lista de convidados

Convidados da avestruz catrapus
Gata Tita
Cão Sultão
Rapaz Tomás
Foca Pinoca

Ementa

Ementa

Tacinhas com feijões

Sementes de girassol, servidas em pratos de folhas de couve

E para matar a sede: água do rio servida no alguidar.

Bolo de aniversário: Bolo de farinha crua, coberto com chaves, parafusos e berlindes

Bom Apetite!



Sessão 6 - Fichas de trabalho - como organizar uma festa

Vamos organizar a festa ... faz os preparativos ...

Convite (não te esqueças de indicar o nome do convidado, acontecimento, local, data, hora e assinatura de quem convida)

Programa (não te esqueças de mencionar: o nome da festa, o local, a data, a lista e o horário dos acontecimentos)

Sessão 7 - Portefólio - Quem sou eu?

Atividade: “Dia do pai!”

Nome: _____

Data: _____



Quem sou eu?

Quando eu era bebé!

Nasci no dia _____ de _____ de _____

Em _____

País _____



Eu cresci muito...

Agora tenho _____ ano

Os meus olhos são _____

Os meus cabelos são _____

Sou parecido com _____

A minha família

O meu pai chama-se _____

A minha mãe chama-se _____

Eu tenho irmãos

Nomes dos irmãos _____

Os meus gostos e preferências...

Flores _____

Frutos _____

Comida _____

Cores _____

Brinquedos _____

Animal _____

Sessão 8 - Texto de Apoio - Poesia

Actividade: “Dia do Pai!”

Nome: _____

Data: _____



Lê com muita atenção.

Era um pai engraçado!
Maroto,
brincalhão
e muito amado!

Pai

Era um pai tão diferente...
Dizia: “Come o teu gelado todo
ou então não te dou peixe...!”
E o peixe ficava bom,
com sabor a sobremesa.

Era um amor de pai.
E a magia do seu amor
também mudava as palavras.
Beijo na testa era *beijesta*,
na bochecha era *beijecha*,
no pé era *beijé*
e na barriga *beijiga*.
E os beijos eram mais saborosos,
com gosto a coisa nova...

De palhaço ele fazia
quando o filhinho chorava,
tocava música na flauta
e a tristeza passava.

Era mágico de certeza.
E das suas mãos suaves
Saíam coceguinhas de magia
muito doces, muito leves
nas costinhas do menino.

Era um pai tão engraçado!
Banho só tomava quem queria.
E o menino tomava banho
quase todos os dias,
porque não era obrigado...
E como era esse menino
filho de um pai engraçado,
maroto,
brincalhão
e tão amado?
Era um menino feliz!

Maria da Conceição T. Garcia

Sessão 8 - Ficha de trabalho 2ºano

Atividade: “Dia do Pai!”

Nome: _____

Data: _____



1. Como era o pai neste texto?

maroto, amado, brincalhão____

bonito, amigo, aborrecido____

2. O que é que ele fazia quando o filho chorava?

Tocava tambor____

Tocava flauta____

3. Escreve algumas palavras em que penses quando dizes a palavra pai.

4. Quem é a autora deste texto?

5. O texto está escrito em prosa ou poesia?

6. Copia do texto as palavras que rimam com:

amado - _____

chorava - _____

leves - _____

obrigado - _____

7. Escreve algumas frases sobre o pai.

Sessão 9 - Guião de trabalho - 2º ano

Atividade: "A Páscoa está a chegar"

Nome: _____

Data: _____



O Coelho que não era de Páscoa



Coloca verdadeiro (V) ou falso (F):

1 - Indica a personagem principal do texto.

Vitor _____
Vivinho _____

2- Como era o coelhinho?

Vivinho era uma coelhinho castanho quadrado e fofinho. _____

Vivinho era um coelhinho branco redondo e fofinho. _____

3- O que aprendia Vivinho na escola?

Vivinho aprendia a pular, a correr... aprendia qual seria a melhor couve para comer. _____

Vivinho aprendia a nadar ... aprendia qual seria a melhor couve para comer. _____



4- O que queriam ser todos os coelhinhos?

Todos os coelhinhos queriam ser sapateiros _____

Todos os coelhinhos queriam ser coelhinhos da Páscoa _____

5- Quem eram os amiguinhos de Vivinho?

A Joanhinha Lili, o gafanhoto _____

O beija-flor Florindo, a borboleta Julieta e a abelha Melinda. _____



6- Chegou a festa da Páscoa e o Pai e a Mãe Coelhos foram comprar ovos para distribuir, mas não havia nas fábricas.



6.1. Quem resolveu o problema?

Vivinho_____

Zézinho_____

A família do Vivinho estava feliz.



Tu também tens uma família. Indica os seus nomes:

Pai - _____

Mãe - _____

Irmãos - _____

Sessão 9 - Guião de trabalho sobre a história - 3ºano

Atividade: "A Páscoa está a chegar"

Nome: _____

Data: _____



O Coelho que não era de Páscoa



1 - Indica a personagem principal do texto.

2- Como era o coelhinho?

3- Todos os dias ia à escola. O que aprendia ele?

4- O que queriam ser todos os coelhinhos à excepção de Vivinho?

5- Vivinho não sabia que profissão queria ter. Mas uma coisa ele sabia. O que era?

6- Quem eram os amiguinhos de Vivinho?



7- Até que chegou festa da Páscoa e o Pai e a Mãe Coelhos foram comprar ovos para distribuir. Mas as fábricas tinham muitas encomendas. Não tinham mais ovos para vender.

7.1. Quem resolveu o problema? E de que forma?



8- Explica de que forma Vivinho aprendeu a profissão?

A família do Vivinho estava feliz.



Tu também tens uma família. Indica os seus nomes:

Pai - _____

Mãe - _____

Irmãos - _____

Sessão 11- Guião de leitura - Completação de espaços

Atividade: “ O elefante diferente”

Nome: _____

Data: _____



Completa o texto, podes consultar a lista de palavras no final da ficha:



Quando o _____ chegava a casa, a tromba já estava na _____ a cheirar as panelas do fogão.



Quando o _____ ia ao _____, a tromba já estava na _____ a vasculhar os jornais.



Quando o _____ ia à praia, a tromba já estava no _____ a nadar.



Quando o _____ ia ao _____, a tromba começava a subir e descer escadas.

	
Quando o _____ ia viajar de _____, a tromba já estava na carruagem da frente a falar com o maquinista.	Quando o _____ ia para a _____, a tromba ia para a _____ para se divertir.
Lista de Palavras:	
Elefante cozinha supermercado papellaria mar salão de chá comboio cama discoteca	

Sessão 12 - Teste de verificação de Leitura

Actividade: “O elefante diferente”

Nome: _____

Data: _____



Teste de verificação da leitura

A- Após a audição da história responde de forma correcta, sublinhando as afirmações verdadeiras:

Quem é a personagem principal da história?

- É um rato.
- É um elefante.
- É um dragão.

Que característica tinha o elefante que o tornava diferente?

- Eram as suas orelhas azuis.
- Era a sua tromba enorme.
- Era o seu pêlo curto.

Onde estava a tromba do elefante quando ele estava a entrar em casa?

- Na sala a ver televisão.
- Na cozinha a cheirar as panelas.
- No jardim a regar as plantas.

E quando ele ia à praia, onde estava a tromba?

- No mar a tomar banho.
- Num barco a viajar.
- Numa rocha a apanhar sol.

E quando ele ia para a cama, onde ia a tromba?

- Ia para o teatro.
- Ia para o cinema.
- Ia para a discoteca.

B- Identifica a profissão das personagens.

Qual é a profissão do pinguim?



empregado de mesa



professor



médico

C- Ordena os acontecimentos da história:

O elefante vai para a cama.

O elefante vai comprar cereais.

O elefante vai à praia.

Resultados:

A - Cada resposta correcta vale 10 pontos.

B - A resposta correcta vale 20 pontos.

C - Cada acontecimento ordenado correctamente vale 10 pontos.

Total: 100 pontos

Total de pontos obtidos

Se obtiveste entre 0 e 50 pontos: 

Se obtiveste entre 50 e 70 pontos: 

Se obtiveste entre 70 e 100 pontos: 

Sessão 13 - Guião de trabalho

Actividade: “ 25 de Abril”

Nome: _____

Data: _____



A história que ouviste é uma fábula...e relata-nos um acontecimento histórico...

Puxa pela cabeça e responde:



Título: _____

Autor: _____

Ilustrador: _____

Editores: _____

Acontecimento histórico: _____

O reino chamado " Jardim-À -Beira -Mar -Plantado



De que País no fala o texto?

- Espanha ☐
- Portugal ☐
- França ☐

Quem são as personagens deste texto?

- Alfaces ☐
- Cenouras ☐
- Feijões ☐

O que fizeram os Senhores deste reino a todos os que lá viviam?

- Roubaram o Sol, a Água e o Ar. ☐
- Roubaram um banco. ☐
- Roubaram as estrelas. ☐

Um dia os feijões revoltaram-se e começaram todos a dizer as mesmas palavras:

- Ódio, Vingança, Guerra ☐
- Liberdade, Igualdade, Fraternidade ☐
- Alegria, Paz, Saudade ☐

Os senhores do reino souberam que eram criticados e resolveram:

- Acabar com os feijões e arranjar um lápis que comia as palavras. ☐
- Comer os feijões em dias de festa. ☐
- Mandar todos os feijões para um país longínquo. ☐

Desde esse dia instala-se a guerra e durante a noite os feijões decidem:

- Ir procurar o Sol, a Água e o Ar. ☐
- Pedir ajuda ao chefe dos legumes. ☐
- Derrubar os senhores do reino. ☐

A partir desse dia ninguém mais roubou o Sol, a Água e o Ar, os feijões cinzentos passaram a ter as cores antigas e nas ruas apareceram enfeitadas de:

- Cravos ☐
- Rosas ☐
- Margaridas ☐

Este acontecimento ocorreu na Primavera, no dia:

- 24 de Março de 1974 ☐
- 23 de Abril de 1974 ☐
- 25 de Abril de 1974 ☐

Sessão 15 - Guião de leitura

Atividade: “Dia da Mãe”

Nome: _____

Data: _____



Guião de leitura

Título do livro _____

Autor _____

Completa o texto, preenchendo os espaços em branco:

O _____ da _____ é lugar mágico onde acontecem as mais extraordinárias das coisas.

Quando os filhos dão gargalhadas o _____ da mãe até dança.

Quando um _____ está triste, o _____ da mãe parte-se em mil bocadinhos.

Quando um filho adoece o coração da _____ fica mais pequenino.

O coração da _____ fica branco quando um filho dá um grande trambolhão.

O coração da mãe congela quando um _____ se perde no meio da multidão.

Quando não compreende os filhos, o _____ da mãe fica embaraçado.

No coração da _____ passa uma nuvem escura sempre que o filho é mal - educado.

O coração da mãe ganha ferrugem quando não vê um _____ há muito tempo.

Quando chega a hora de ir buscar os filhos à _____ parece um avião a jacto.

Quando querem fazer mal aos seus filhos, o coração da _____ enche-se de garras e dentes afiados.

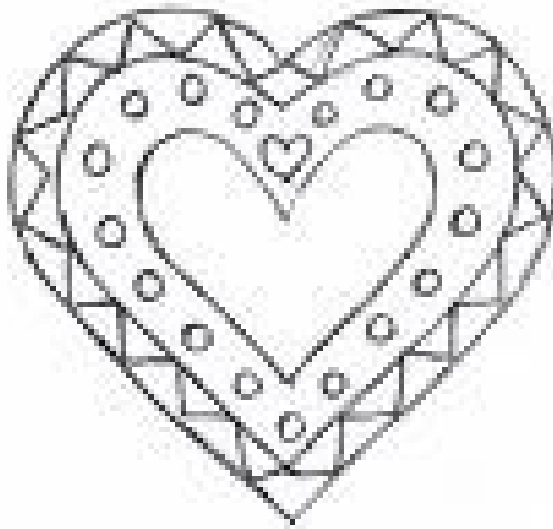
Quando um _____ aprende uma palavra nova, no coração da mãe abre-se uma janela.

Quando um filho diz uma piada, o coração da _____ ilumina-se.

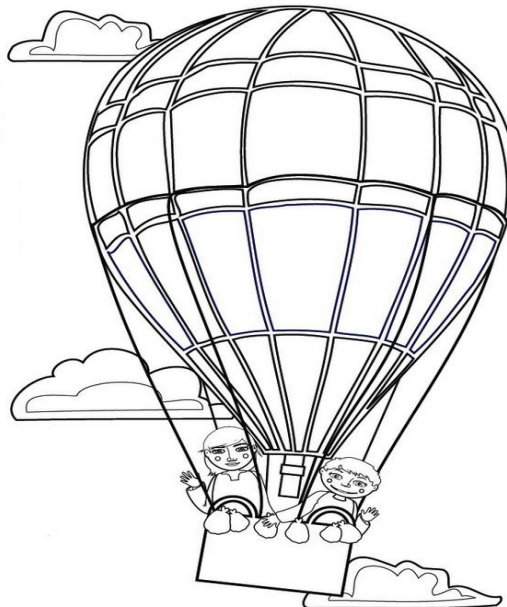
E há um dia em que no _____ de mãe nascem flores...quando descobre que vai nascer outro filho.

coração 5x
mãe 6x
filho 4x
escola 1x

Sessão 16 - Cartões de Rimas ilustrados



CORAÇÃO



BALÃO



SOL

GIRASSOL

Sessão 17 - Ficha de trabalho

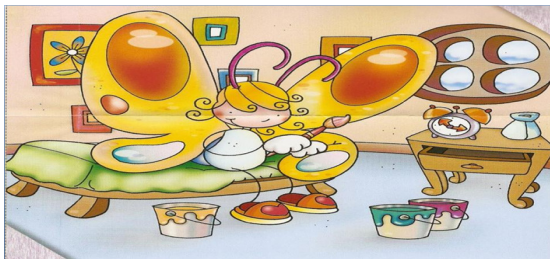
Actividade: "Vamos rimar"

Nome: _____

Data: _____



Vamos rimar e também brincar... com as palavras! Completa os espaços em branco, com as palavras do rectângulo



Uma linda borboleta
Muito cedinho _____,
Pintou-se de várias cores
E ligeirinha _____.



Encontrou o seu amigo,
Caracolinho _____
E felizes lá se foram,
Brincar com uma grande _____.

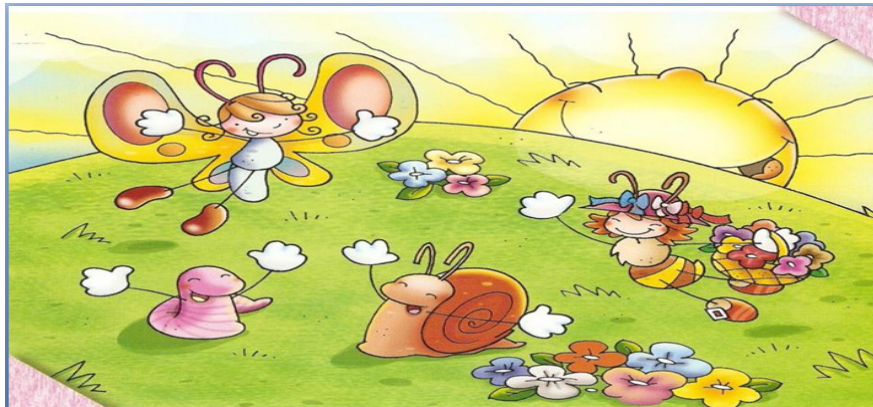


Depois, quando se cansaram,
Foram-se logo _____:
Vêem flores, sentem perfumes:
E passarinhos no _____.

"Hei! Ouvidinhos à escuta!"
Disse a lagarta _____,
"Está a chegar a abelha!",
Vem cantando uma _____.



Vinha fazendo zum-zum,
Cantando cheia de _____
E trazia mel na boca,
Para cada amigo uma _____.



Foi então que repararam:
Que lindo que tudo _____!
"Vamos fazer uma festa,
Já chegou a _____.

Voou	Carola	Sentar
Cantiga	acordou	Bola
Flor	ar	Amiga
Primavera	era	Amor

Sessão 19 - Poesia para completar



Presentes para todos!

Para a **Ana** um _____.

Para o **A** um _____.

Para o **A** um _____.

e para o **E** um _____.

Para a **F** uma _____.

Para a **I** uma _____.

Para a **I** uma _____.

E para a **I** uma _____.

Para a **J** uma _____.

Para o **L** uma _____.

Para a **M** uma _____.

E para a **M** uma _____.

Para o **P** um _____.

Para o **R** um _____.

E Para o **R** um _____.

Para a **S** um _____.

Para o **S** um _____.

E para o **S** um _____.



Sessões 20 e 21 - Ficha de trabalho

Atividade: Vamos saborear a leitura!!

Nome: _____

Data: _____



Apresento-te o texto que ouviste ler.

Agora é a tua vez de fazeres a sua leitura!



FRUTOS

Pêssegos, peras, laranjas,
morangos, cerejas, figos,
maçãs, melão, melancia,
ó música de meus sentidos,
pura delícia da língua;
deixai-me agora falar
do fruto que me fascina,
pelo sabor, pela cor,
pelo aroma das sílabas:
tangerina, tangerina.



Eugénio de Andrade, *Aquela Nuvem e outras*, Porto, Asa,
1986

Sessões 20 e 21 - Produção escrita



Saborear a leitura ...

Experimentar o sabor da escrita ...

Regista, aqui, o poema construído sobre o vosso fruto preferido.

Sessões 20 e 21 - Ficha de adivinhas

Atividade: Vamos saborear a leitura!

Nome: _____

Data: _____



Adivinha de que alimento se fala e desenha-o:

Que é, que é

Que quanto mais quente está

Mais fresco é!

Verde por fora

Encarnada por dentro

E com mulatinhas lá dentro.

Qual é a coisa, qual é ela?

Filha de uma bela

Tem muitos irmãos

Todos lindos, todos são

Vestindo calça amarela.

Tem coroa e não é rei

Tem escamas e não é peixe

Sessões 20 e 21 - Ficha de provérbios

Atividade: Vamos saborear a leitura!!

Nome: _____

Data: _____



Vamos descobrir os PROVÉRBIOS, ligando com setas:

Vale mais um pássaro na mão...	não morde
Cão que ladra...	da água fria tem medo
De noite...	do que dois a voar
Quem tem medo...	sabe nadir
Gato escaldado...	compra um cão
Filho de peixe ...	todos os gatos são pardos



Sessões 20 e 21 - Ficha de provérbios

Atividade: Vamos saborear a leitura!!

Nome: _____

Data: _____



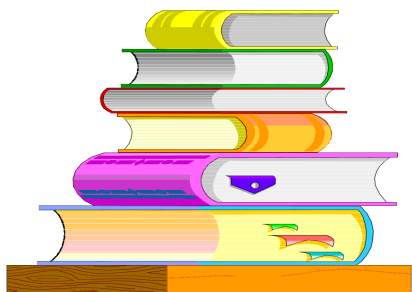
Vamos descobrir os PROVÉRBIOS DE ALIMENTOS, ligando com setas:



Deus dá nozes...	todos ralham e ninguém tem razão.
Em casa onde não há pão...	a quem não tem dentes.
A laranja de manhã é ouro...	tanto dá até que fura.
Água mole em pedra dura ...	de tarde é prata e à noite mata.
Grão a grão ...	enche a galinha o papo.

Sessão 22 - Ficha de Leitura e registo

VAMOS DESCOBRIR



Vamos aprender....a ler
com prazer...!

Descobre a que livro pertence este excerto:

"Os homens, contou ela a Olímpia depois de pensar muito, os homens são animais estranhos: vivem empoleirados uns em cima dos outros, em grandes galinheiros.

Estão sempre com pressa, correm o tempo todo, como formigas, de um lado para o outro, e acham que são felizes assim."

Título: _____

Autor: _____

Ilustrador: _____

Editores: _____

Sessão 22 - Ficha de Leitura e registo

Ficha de Leitura



Após teres observado a capa do livro e folheado as suas páginas, tenta descobrir:

Título: _____

Autor: _____

Ilustrador: _____

Editora: _____

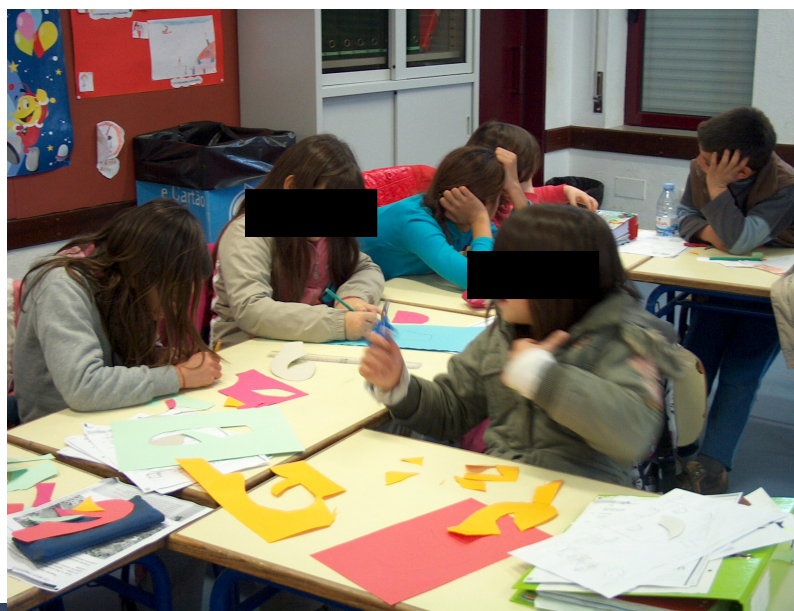
Quantas páginas tem o livro? _____

Qual a ilustração que mais gostaste? E porquê?

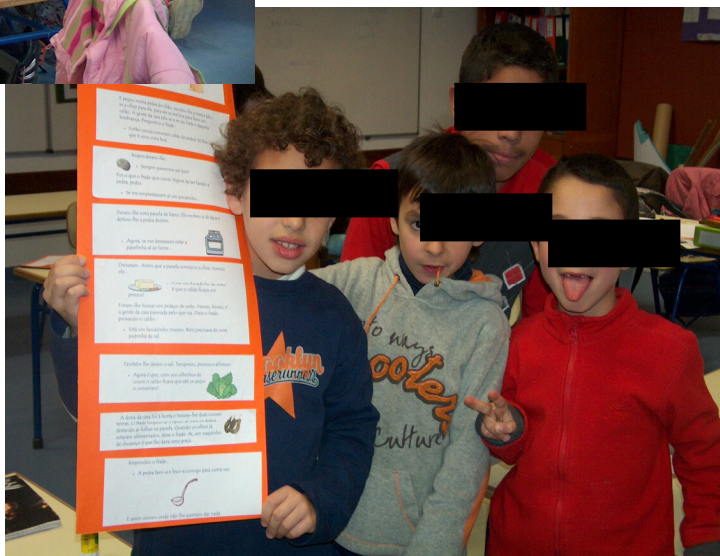
Anexo 62- Fotos do Trabalho de Intervenção

Fotos representativas do Trabalho de Intervenção

Sessões 1 e 2



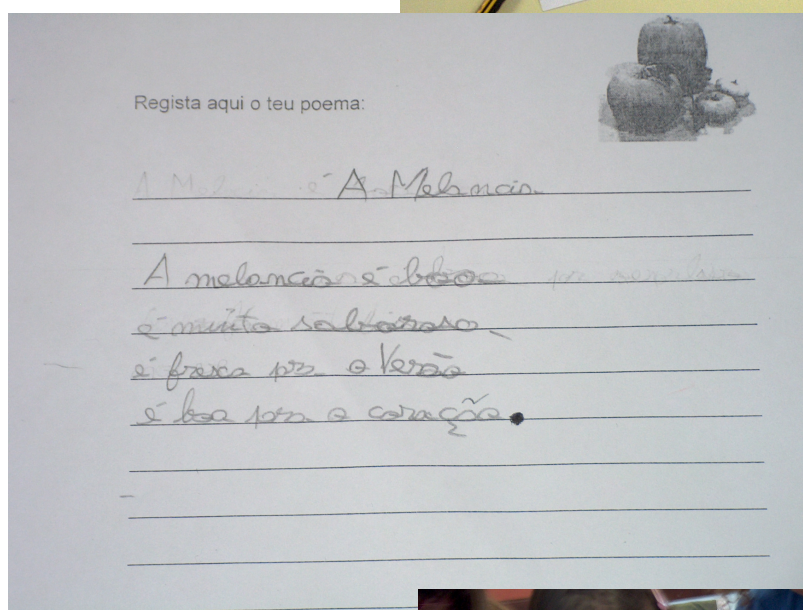
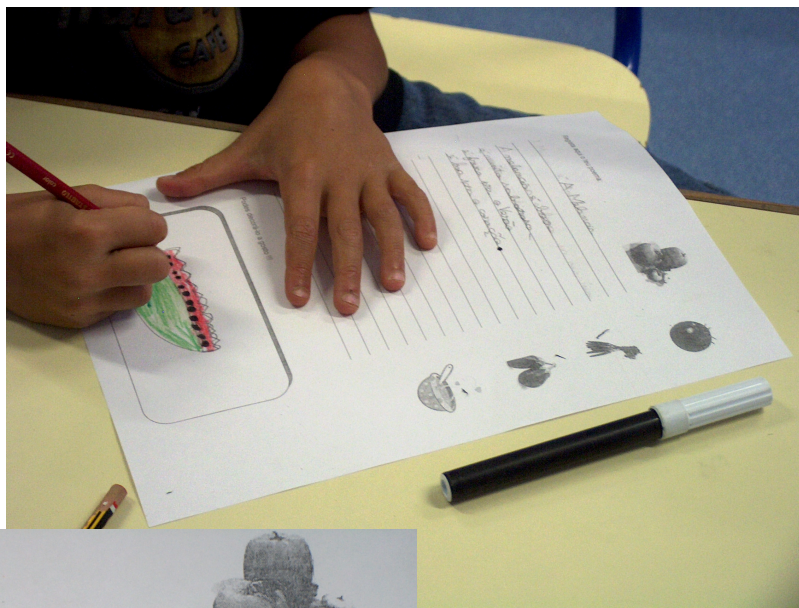
Sessões 3 e 4



Sessões 11 e 12



Sessões 20 e 21



Sessões 22 e 23





Sessões 24 e 25

